This is a digital copy of a book that was preserved for generations on library shelves before it was carefully scanned by Google as part of a project to make the world's books discoverable online.

It has survived long enough for the copyright to expire and the book to enter the public domain. A public domain book is one that was never subject to copyright or whose legal copyright term has expired. Whether a book is in the public domain may vary country to country. Public domain books are our gateways to the past, representing a wealth of history, culture and knowledge that's often difficult to discover.

Marks, notations and other marginalia present in the original volume will appear in this file - a reminder of this book's long journey from the publisher to a library and finally to you.

Usage guidelines

Google is proud to partner with libraries to digitize public domain materials and make them widely accessible. Public domain books belong to the public and we are merely their custodians. Nevertheless, this work is expensive, so in order to keep providing this resource, we have taken steps to prevent abuse by commercial parties, including placing technical restrictions on automated querying.

We also ask that you:

+ *Make non-commercial use of the files* We designed Google Book Search for use by individuals, and we request that you use these files for personal, non-commercial purposes.
+ *Refrain from automated querying* Do not send automated queries of any sort to Google's system: If you are conducting research on machine translation, optical character recognition or other areas where access to a large amount of text is helpful, please contact us. We encourage the use of public domain materials for these purposes and may be able to help.
+ *Maintain attribution* The Google "watermark" you see on each file is essential for informing people about this project and helping them find additional materials through Google Book Search. Please do not remove it.
+ *Keep it legal* Whatever your use, remember that you are responsible for ensuring that what you are doing is legal. Do not assume that just because we believe a book is in the public domain for users in the United States, that the work is also in the public domain for users in other countries. Whether a book is still in copyright varies from country to country, and we can't offer guidance on whether any specific use of any specific book is allowed. Please do not assume that a book's appearance in Google Book Search means it can be used in any manner anywhere in the world. Copyright infringement liability can be quite severe.

About Google Book Search

Google's mission is to organize the world's information and to make it universally accessible and useful. Google Book Search helps readers discover the world's books while helping authors and publishers reach new audiences. You can search through the full text of this book on the web at `http://books.google.com/`

Esta é uma cópia digital de um livro que foi preservado por gerações em prateleiras de bibliotecas até ser cuidadosamente digitalizado pelo Google, como parte de um projeto que visa disponibilizar livros do mundo todo na Internet.

O livro sobreviveu tempo suficiente para que os direitos autorais expirassem e ele se tornasse então parte do domínio público. Um livro de domínio público é aquele que nunca esteve sujeito a direitos autorais ou cujos direitos autorais expiraram. A condição de domínio público de um livro pode variar de país para país. Os livros de domínio público são as nossas portas de acesso ao passado e representam uma grande riqueza histórica, cultural e de conhecimentos, normalmente difíceis de serem descobertos.

As marcas, observações e outras notas nas margens do volume original aparecerão neste arquivo um reflexo da longa jornada pela qual o livro passou: do editor à biblioteca, e finalmente até você.

Diretrizes de uso

O Google se orgulha de realizar parcerias com bibliotecas para digitalizar materiais de domínio público e torná-los amplamente acessíveis. Os livros de domínio público pertencem ao público, e nós meramente os preservamos. No entanto, esse trabalho é dispendioso; sendo assim, para continuar a oferecer este recurso, formulamos algumas etapas visando evitar o abuso por partes comerciais, incluindo o estabelecimento de restrições técnicas nas consultas automatizadas.

Pedimos que você:

- Faça somente uso não comercial dos arquivos.
  A Pesquisa de Livros do Google foi projetada para o uso individual, e nós solicitamos que você use estes arquivos para fins pessoais e não comerciais.

- Evite consultas automatizadas.
  Não envie consultas automatizadas de qualquer espécie ao sistema do Google. Se você estiver realizando pesquisas sobre tradução automática, reconhecimento ótico de caracteres ou outras áreas para as quais o acesso a uma grande quantidade de texto for útil, entre em contato conosco. Incentivamos o uso de materiais de domínio público para esses fins e talvez possamos ajudar.

- Mantenha a atribuição.
  A "marca dágua" que você vê em cada um dos arquivos é essencial para informar as pessoas sobre este projeto e ajudá-las a encontrar outros materiais através da Pesquisa de Livros do Google. Não a remova.

- Mantenha os padrões legais.
  Independentemente do que você usar, tenha em mente que é responsável por garantir que o que está fazendo esteja dentro da lei. Não presuma que, só porque acreditamos que um livro é de domínio público para os usuários dos Estados Unidos, a obra será de domínio público para usuários de outros países. A condição dos direitos autorais de um livro varia de país para país, e nós não podemos oferecer orientação sobre a permissão ou não de determinado uso de um livro em específico. Lembramos que o fato de o livro aparecer na Pesquisa de Livros do Google não significa que ele pode ser usado de qualquer maneira em qualquer lugar do mundo. As conseqüências pela violação de direitos autorais podem ser graves.

Sobre a Pesquisa de Livros do Google

A missão do Google é organizar as informações de todo o mundo e torná-las úteis e acessíveis. A Pesquisa de Livros do Google ajuda os leitores a descobrir livros do mundo todo ao mesmo tempo em que ajuda os autores e editores a alcançar novos públicos. Você pode pesquisar o texto integral deste livro na web, em `http://books.google.com/`

981.06
I 595

VOL. X Junho de 1903 N. 58

REVISTA

DO

INSTITUTO ARCHEOLOGICO E GEOGRAPHICO PERNAMBUCANO

Fundado em 28 de Janeiro de 1862

COMMISSÃO DE REDACÇÃO

Drs. Pereira da Costa, Alfredo de Carvalho e Arthur Muniz

Os heroicos feitos dos antigos,
Tende vivos e impressos na memoria,
Alli vereis esforço nos perigos,
Alli ordem na paz digna de gloria.

Prosopopéa.—Bento Teixeira Pinto.

RECIFE

Empreza do JORNAL DO RECIFE, *rua 15 de Novembro n. 47*

1903

SUMMARIO DO N. 58

I—Geologia de Pernambuco.— Pelo Dr. John C. Branner; traduzido do inglez pelo Dr. Alfredo de Carvalho. *(Com 1 mappa)*..... 381

II—A bandeira da Confederação do Equador.— Pelo Dr. Alfredo de Carvalho. *(Com 1 estampa)*..... 403

III—Nobiliarchia Pernambucana.— Por A. J. V. Borges da Fonseca. *(Continuação)* 408

IV—A Setembrisada, a Abrilada e a Guerra dos Cabanos.— Por Felix Fernandes Portella..... 425

V—Governadores de Pernambuco.— Pelo Dr. F. A. Pereira da Costa. *(Continuação)*..... 446

VI—Um novo mappa do Brasil Oriental.— Pelo Dr. Alfredo de Carvalho.... 460

VII—Actas das Sessões..... 465

REVISTA

DO

Instituto Archeologico e Geographico Pernambucano

VOL. X | Junho de 1903 | N. 58

GEOLOGIA DE PERNAMBUCO

POR

John C. Branner (*)

INTRODUCÇÃO

A geologia do nordéste do Brasil é tão pouco conhecida que as manifestas imperfeições do presente trabalho não necessitam de desculpa. A maioria das notas que o constituem foram colhidas durante uma viagem ao longo da costa e varias excursões atravez das jazidas sedimentares, em 1899; mas previamente já eu havia tido occasião de familiarisar-me com a geologia desta região, graças á minha actividade como membro da Commissão Geologica do Brasil e a frequentes excursões ao interior de Pernambuco.

Felizmente consegui tambem obter valiosos subsidios, que completam as minhas proprias observações, de varias pessoas cujos nomes vão mencionados no lugar opportuno.

(*) Traduzido do *Bulletin of the Geological Society of America*, Vol. 13, pp. 58–92, por Alfredo de Carvalho.

A

GEOLOGIA DA COSTA DE PERNAMBUCO AO SUL DO RECIFE

§ 1º — *Situação e caracter dos affloramentos.* — Em Julho de 1899 realisei uma excursão a pé ao longo da costa meridional de Pernambuco, e algumas das observações geologicas então feitas são aqui aproveitadas. Seguindo pela praia ao sul do Recife nota-se que as collinas terciarias, que affloram ao norte e oéste da cidade, só reapparecem na costa do lado do sul perto do povoado de Paiva, onde approximam-se da praia até um kilometro, vindo do sudoéste; as jazidas são horisontaes e compostas de areias, barros e cascalhos, não contendo fosseis.

§ 2º — *Trachytes.* — Dous kilometros ao nordoéste da ponta de terra, chamada das Pedras Pretas, as collinas descem quasi até a praia, mas, são ali de trachyte e revestidas de uma tenue camada de jazidas sedimentares terciarias; junto ao Cabo das Pedras Pretas os trachytes estão inteiramente descobertos, mas, sobre elles se encontram alguns seixos rolados de quartzo, indicio evidente das jazidas terciarias de que foram despojados; ao decompor-se o trachyte torna-se vermelho, amarello e purpurino; para o calçamento das ruas do Recife foram, ha tempos, extrahidos parallepipedos de junto do cabo, porem, actualmente as pedreiras não são mais exploradas; os specimens destes trachytes que colhemos foram submettidos á apreciação do Sr. H. W. Turner, o qual teve a bondade de fornecer as descripções seguintes:

« Estas rochas são trachytes typicos. Consideradas macroscopicamente são rochas purpurinas, de granulação fina e ferteis em phenocrystos de feldspatho, alguns dos quaes attingem o comprimento de 6 millimetros.

Microscopicamente o trachyte é composto de feldspathos idiomorphos embutidos numa massa fundamental de esquirolas de feldspatho finamente granulado, com delimitações indistinctas, as quaes manifestam a tendencia de se agruparem em linhas parallelas que se curvam proximo ás extremidades dos phenocrystos de feldspatho, exhibindo assim uma contextura typica do trachyte. Alguns dos phenocrystos, bem como a maioria dos microlitos da massa fundamental, extinguem-se em sensivel parallelismo com a direcção dos seus prolongamentos, e tem um indice de refracção inferior ao do balsamo: são, portanto, orthoclases. Uns poucos dos phenocrystos são micro-

perthites apresentando pequenas laminas presumivelmente de albite e de orthoclase entresachadas; estas laminas extinguem-se sob angulos differentes; algumas esquirolas da massa fundamental mostram albite geminando e extinguindo-se sob angulos agudos: são provavelmente oligoclases. Ha alguns grãos alongados de quartzo, sem limites crystallographicos apparentes, que parecem ter sido formados depois dos feldspathos, mas, todavia ser originaes.

Os microlitos não revelam tendencia para se arranjarem em torno destes grãos de quartzo. Uns poucos de prismas achatados, quasi rectangulares, com alto relevo e brilhantes cores de interferencia extinguindo-se parallelamente ao prisma, são provavelmente de zirconio. Occorrem tambem, assaz numerosos, grãos opacos de oxydo de ferro, parecendo magnetite. A secção é obscurecida por uma poeira de particulas, algumas quasi opacas, mas, que, quando delgadas, transluzem com cor bruno-amarellada: são talvez de limonite formado pela alteração do magnetite, porquanto os grãos de magnetite apresentam uma estreita orla de materia similar. Estes grãos avermelhados dão á rocha a sua cor purpurina. Foi tambem observado um pouco de carbonato. »

Na ponta das Pedras Pretas existem varios blocos de trachyte admiravelmente perfurados pelos ouriços marinhos; actualmente, porém, acham-se tão superiores ao nivel maximo da prea-mar que já não podem mais ser occupados pelos referidos animaes. E' evidente que, em epoca pouco affastada, occorreu um solevamento de parte desta costa na altura de perto de 2 metros; ha muitos outros blocos grandes apresentando em parte perfurações similares. Não me recordo de nenhuma outra occurrencia de trachyte no Brasil. D'Orbigny diz que trachytes acompanham os porphyros no lado occidental das Cordilheiras; mas, acrescenta: « Ninguem ainda os observou no Brasil ou nas Guyannas e eu só os vi nas Cordilheiras ou nas suas vertentes occidentaes. » (1)

§ 3º — *Granito em Gaibú.* — Ao sul das Pedras Pretas as primeiras rochas, que neste particular offerecem interesse, affloram no povoado de Gaibú, logo ao norte do Cabo de Santo Agostinho; neste lugar as rochas são granitos cinzentos grosseiramente granulados e affloram no sopé da collina, ao sudoéste do povoado, onde um velho forte assenta sobre ellas. Ao sudoéste do povoado de Gaibú ha uma eleveda collina de jazidas sedimentares terciarias recobrindo o granito subjacente. Acompanhando a vereda

(1) *Voyage dans l'Amérique Méridionale*, vol. III, 3ª partie, Géologie, Paris, 1842, pp. 215-216.

atravez do Cabo de Santo Agostinho, de Gaibú ao povoado de Suape, o granito continúa até meia altura do serrote, mas o topo é todo de sedimentos terciarios. Proximo ao pharol do Cabo, e especialmente no lado septentrional do mesmo, jazem muitos seixos enormes de granito esfoliado.

§ 4° — *Granitos e diorites do Cabo de Santo Agostinho.* — Por todo o caminho em volta do Cabo de Santo Agostinho, de Gaibú a Suape, occorrem granitos sob uma ou outra forma, e apenas no topo do serrote ha porções de sedimentos terciarios (2).

No lado meridional do mesmo Cabo ha diversas pedreiras de granito-porphyros, todas, porém, actualmente abandonadas; neste lugar os granitos são de duas qualidades: granito grosseiro e granito-porphyro. Atravez dos porphyros passa um dique alterado de diorite, correndo quasi parallelo á collina, entre o velho forte junto ao porto e meio caminho para o povoado de Suape; a rocha, em ambos os lados do diorite é de granito-porphyro e pequenos diques de porphyro penetram o grande de diorite verde escuro. O velho forte na extremidade do Cabo, perto da Barra de Suape, assenta em porphyro, porem, mais para o norte a rocha é de granito.

Estas tres rochas do Cabo de Santo Agostinho foram igualmente descriptas pelo Sr. Turner nos seguintes termos:

« O granito do Cabo de Santo Agostinho é uma rocha grosseira, composta de orthoclase, microperthite e quartzo, com frequentes cunhas dum amphibolo fortemente pleochroico verde-azul entre os outros constituintes. Este amphibolo apresenta a forma de prismas longitudinalmente estriados, os quaes são pretos quanto vistos atravez duma lente manual. O pleiochroismo é maximo (azul escuro) nos logares em que as linhas de clivagem são parallelas ao fio horizontal do recticulo; a extincção não foi determinada devido a densidade da cor. Um fragmento deste amphibolo foi tratado pelo acido hydrofluosilicico, dando em resultado pequenos fluosilicatos de sodio, alguns crystaes anistropicos octaedricos de natureza indeterminada, e outras formas anistropicas, semelhantes a espinhos, irradiando dum centro

(2) As rochas aqui consideradas como terciarias ainda não apresentaram evidencia de qual seja a sua idade. A sua posição stratigraphica, bem como os seus caracteres lithologicos permittem igualmente consideral-as como cretaceas.

muito parecido com fluosilicatos de calcio. A presença de sodio, junta ao caracter do pleochroismo, faz suppor que este amphibolo seja alliado á riebeckite; calcio manifesta-se em algumas analyses de riebeckite. (3)

O granito que forma um dique no diorite é, macroscopicamente uma rocha grosseira, de cor cinzento clara, composta de feldspatho cinzento claro, quartzo e materias verde escuras; microscopicamente é composto de orthoclase, microperthite e quartzo, com um pouco de biorite, bruno avermelhado e fortemente pleochroico, e dum amphibolo verde-azul fortemente pleochroico, com clivagem marcada parecendo riebeckite e semelhante ao amphibolo descripto no specimen precedente.

Os granito-porphyros do Cabo de Santo Agostinho são, macroscopicamente, granolites finamente granulados, de cor cinzento clara, mostrando quartzo,—porphyrico até o diametro de 1 1/2 millimetros e feldspatho— porphyrico, de cor rosea, até 2 millimetros de diametro; microscopicamente a rocha contem numerosos phenocrystos dum feldspatho turbido, ás vezes de geminação simples, cubicos ou hexaedricos, fortemente idiomorphos, e phenocrystos de quartzo numa massa fundamental, microgranulada, de quartzo e feldspatho. O feldspatho, tanto nos phenocrystos como na massa fundamental, consta principalmente de microperthite, havendo, entretanto tambem vestigios de orthoclase. Occasionalmente apparecem pequenos grãos opacos de oxydo de ferro metallico, provavelmente magnetite, e grãos e diminutos prismas, com alto relevo, mostrando forte clivagem e brilhantes cores de interferencia, e extinguindo-se parallelamente ao prisma. Num specimen do granito-porphyro ha em profuzão diminutos crystaes pleochroicos rectangulares, mostrando uma unica clivagem parallela aos lados do rectangulo; o seu pleochroismo é bruno-avermelhado quando o fio vertical do recticulo se acha parallelo á clivagem e quasi preto quando em angulos rectos com esta direcção.

O diorite do Cabo de Santo Agostinho é, macroscopicamente, escuro e finamente granulado, e microscopicamente uma rocha ignea, catalastica, mostrando feldspathos e amphibolos secundarios comprimidos numa massa fundamental de feldspatho fino: esta rocha supportou forte compressão. Os feldspathos, em parte, geminam segundo a lei do albite e um ou dous de accordo com a lei de Carlsbad, e apresentam um indice de refracção superior ao do balsamo; foi observado um quartzo apparentemente original; os feldspathos são sem duvida plagioclases e provavelmente andesines; notou-se um grão de quartzo que parecia original. Constatou-se a presença de magnetite e, em abundancia, de pequenos grãos secundarios de natureza indeterminada. »

Uma das rochas colhidas ao lado sul do Cabo de Santo Agostinho, na qual as reciprocas relações, entre granito, granito-porphyro e diorite, não são bastante claras, foi

(3) Dana, — System of Mineralogy.

classificada pelo Sr. Turner como *meta-rhyolite*, « evidentemente vidro original agora desvitrificado », uma occurrencia de interesse em connexão com os rhyolites em Santo Aleixo.

§ 5º — *Rochas de Santo Aleixo.* — As rochas proximas que offerecem interesse particular são as da pequena ilha de Santo Aleixo, cerca de 30 kilometros ao sul do Cabo de Santo Agostinho. Na praia opposta ao lado occidental da ilha, e logo ao sul da ponta de Sernamby, as areias são pretas ao contrario da habitual côr de palha; sendo este o unico lugar em que semelhantes areias foram observadas, num trecho de mais de 300 kilometros de praias examinadas, parece que ellas derivam das rochas eruptivas da ilha fronteira de Santo Aleixo; dos especimens destas, que ali colhi e submetti á analyse do Sr. Turner, este se dignou gentilmente de fornecer a seguinte descripção:

« O mineral mais abundante é o oxydo preto de ferro, que não é magnetico excepto quando empregado o electro-iman, que foi uzado para separal-o do pó remanescente. Este oxydo de ferro dá uma reacção para titanite, e é muito provavelmente ilmenite. Manifestam-se tambem espatho adamantino, granadas, feldspathos e varios outros mineraes ainda não determinados. »

As rochas que constituem quasi toda a pequena ilha de Santo Aleixo são rhyolites. Alguns annos atraz submetti ao Dr. Georg H. Williams specimens por mim colhidos em Santo Aleixo, o qual os considerou rhyolites e a seu respeito escreveu o seguinte:

« São aggregados de orthoclase de quartzo quasi sem constituintes de bisilicato; mas, as suas estructuras são variadas, um dos specimens tem uma massa fundamental holocrystallina granular de quartzo e de feldspatho, algum chlorite, apresentando, talvez, hornblende ou mica primitiva e, em porção consideravel, turmalina azul.

« O outro specimen de Santo Aleixo é um bello granophyro; quartzo — porphyrico e feldspatho jazem numa massa fundamental cheia de bellos spherulites, mostrando a cruz preta entre nicols cruzados. Não existe nephelene em nenhuma destas rochas. »

O professor Derby suggeriu ultimamente, numa carta particular, datada de 29 de Julho de 1901, a theoria de que as rochas de Santo Aleixo « possam ter alguma connexão, como uma phase acida, com a epocha eruptiva de

Fernando de Noronha e que a mesma *magma* podésse ter produzido um granito na visinhança.

§ 6º — *Rochas do Rio Formoso.* — Os sedimentos terciarios affloram em todas as principaes collinas e occasionalmente nos riachos e estuarios, durante a baixa-mar, desde o sul do Cabo de Santo Agostinho até a fóz do Rio Formoso. Em Rio Formoso os granitos affloram na margem meridional do Rio, a cerca de 2 kilometros do mar, e, deste ponto rio acima, até a cidade de Rio Formoso; neste lugar existe, pois, apenas uma estreita faixa do terciario.

As collinas proximas á costa são todas terciarias e isoladas; mas, entre ellas ha affloramentos de sedimentos tenros que parecem ser de epoca terciaria mais recente. Ao longo da costa, entre a foz do Rio Formoso e a Praia da Gamella, existe um interessante affloramento destas rochas do terciario posterior.

Sendo as jazidas horizontaes e rapidamente atacadas pelas vagas, notaveis modificações occorreram neste lugar entre Janeiro de 1876, quando pela primeira vez foi examinado, e Julho de 1899.

A jazida que mais baixo afflora é de grez branco tenro numa espessura de 2 metros; no topo desta ha uma jazida de grez preto tenro, e entre ambas uma camada, espessa de 2 centimetros, de barro amarello; no cimo destas duas jazidas encontra-se uma bonita areia branca de quartzo na profundidade de 3 a 6 metros; em alguns lugares a jazida tem 3 metros de espessura e em outros as areias espalhadas pelo vento accumularam-se numa altura de mais 3 metros. Esta areia parece aproveitavel para o fabrico do vidro e occorre ali em abundancia. Estas jazidas terciarias affloram desde Gamella até á collina em que assenta a igreja de N. S. de Sant'Anna; a collina deste nome é tambem de rochas terciarias, mas, estas pertencem a series mais remotas.

§ 7º — *Granito de Pedra do Porto.* — Ao nordoéste da povoação de Tamandaré o terciario colorido horizontal afflora em dous lugares nas collinas; cerca de 2 kilometros ao sul de Tamandaré as collinas declinam para a costa e os granitos affloram bellamente na praia numa ponta chamada Pedra do Porto; deste granito o Sr. H. W. Turner faz a descripção seguinte:

« O biotite-granito de Pedra do Porto é macroscopicamente uma rocha grosseira, de cor cinzento clara, com grandes phenocrystos roseos de feldspatho numa massa fundamental de quartzo, feldspatho e biotite; microscopicamente é composto de orthoclase, microperthite, microcline, micropegmatite, oligoclase, quartzo e biotite; como accessorios manifestam-se oxydo de ferro, titanite e um mineral semelhante ao xenotime.

Este granito é lindamente veiado de quartzo, algumas de cujas veias attingem a 1 metro de espessura; blocos gigantescos esfoliam-se em proporções surprehendentes; 200 ou 300 metros, mar a dentro, existe uma ilhota rochosa e escalvada deste mesmo granito; nella as collinas de granito fronteiras ao littoral tem de 30 a 40 metros de altura. Um outro affloramento de granito da mesma qualidade apresenta-se a pouco mais dum kilometro ao sul da Pedra do Porto no lugar denominado Pedra do Conde, onde junto á praia os blocos de granitos revelam admiravel esfoliação; proximamente meio-kilometro ao sul da Pedra do Conde notam-se duas ilhotas de granito, redondas e escalvadas, cerca de 150 metros mar a dentro.

Ao sul deste ponto não occorrem affloramentos de granitos ou outras rochas crystallinas em posição proximo á praia até Maceió; as rochas observadas em posição são todas terciarias ou recentes; as barrancas, parcialmente coloridas, visiveis em tantos lugares ao longo da costa, são todas de sedimentos terciarios; entretanto, em alguns lugares, affloram na praia grandes seixos de granito subjacentes ás jazidas terciarias; considerando as avantajadas dimensões destes seixos, muitos delles dum metro e mais de diametro, é de presumir que, onde quer que sejam encontrados, o granito em posição se acha muito proximo da superficie.

Os seixos de granito occorrem na praia nos lugares seguintes: Camáxo, ao sul de Maragogy na costa de Alagôas; Barreiros do Boqueirão, logo ao norte do Rio de Porto Calvo; Morro de Camaragibe, cerca de 2 kilometros ao sul do Rio Camaragibe, e Riacho Doce, logo ao norte do povoado do mesmo nome.

Do granito encontrado junto a foz do Riacho Doce, o Sr. Turner deu a seguinte descripção:

« Microscopicamente é um granito, de granulação média, composto de orthoclase, microcline, oligoclase e quartzo. O quartzo oc-

corre em aggregados emaranhados com grãos de tamanho inferior ao dos feldspathos; ha em pequena quantidade uma substancia bruno-amarellada e quasi opaca, enchendo as fendas e formando crystaes rhomboedricos, presumivelmente secundarios; ha ainda um pouco de muscovite e grãos pretos opacos apparentemente de oxydo de ferro. »

Reservamos para um trabalho especial as observações feitas, ao longo da costa, sobre os recifes de pedra e de coral, bem como o estudo geographico da região respectiva.

§ 8º — *Resumo da Geologia da costa meridional de Pernambuco.* — 1º As rochas terciarias formam apenas uma estreita zona costeira entre o Recife e Maceió, que em parte alguma dilata-se alem de 14 kilometros.

2º No trecho da costa comprehendida entre o Recife e Maceió, as rochas crystallinas subjacentes affloram apenas em quatro lugares: em Pedras Pretas, no Cabo de Santo Agostinho, em Santo Aleixo e na Pedra do Porto.

3º As rochas de Pedras Pretas são trachytes.

4º A ilha de Santo Aleixo é formada de rhyolite, que tambem occorre no lado meridional do Cabo de Santo Agostinho.

5º As rochas do Cabo de Santo Agostinho são principalmente granitos, granito-porphyros e diorites.

6º As rochas de Pedra do Porto e Pedra do Conde são granitos.

7º As rochas eruptivas que affloram ao longo da costa são todas mais antigas do que os depositos terciarios da mesma costa.

8º Até agora as rochas terciarias ao longo da costa não tem produzido fosseis e são consideradas como pertencentes ao terciario attenta a theoria de que são iguaes ás jazidas fossiliferas de Olinda e de Maria Farinha ao norte da cidade do Recife.

9º Os sedimentos terciarios têm, nesta parte da costa, a espessura maxima de apenas 75 metros approximadamente.

10º Recentemente occorreu um solevamento da costa, alteando-a de cerca de 2 metros.

B

GEOLOGIA AO LONGO DA ESTRADA DE FERRO DO RECIFE AO SÃO FRANCISCO E DO SEU PROLONGAMENTO A ESTRADA DE FERRO SUL DE PERNAMBUCO. (*)

§ 9º — *Estações da Estrada de Ferro e topographia das suas adjacencias.* — Na lista seguinte se encontram os nomes das estações da Estrada de Ferro do Recife ao São Francisco com as distancias e as altitudes acima do nivel do mar, bem como as do seu prolongamento a Estrada de Ferro Sul de Pernambuco.

ESTRADA DE FERRO DO RECIFE AO SÃO FRANCISCO

Kilometros	ESTAÇÕES	*Altitude em metros*
0.00	Cinco Pontas	2.43
2.76	Affogados	4.23
8.72	Boa Viagem	7.75
12.27	Prazeres	9.80
...	Pontezinha	...
24.22	Ilha	2.10
31.51	Cabo	13.30
38.36	Ipojuca	53.50
45.03	Olinda	98.50
51.83	Timbó Assú	96.00
57.67	Escada	92.44
63.91	Limoeiro	99.60
70.14	Freixeiras	124.87
78.29	Aripibú	119.70
86.87	Ribeirão	95.60
95.78	Gamelleira	90.50
104.02	Cuyambuca	94.40
113.02	Agua Preta	142.86
124.73	Una ou Palmares	120.00

(*) As notas sobre a geologia ao longo desta Estrada de Ferro foram tomadas durante cinco excursões na linha a léste de Una, tres

ESTRADA DE FERRO SUL DE PERNAMBUCO

Kilometros	ESTAÇÕES	*Altitude em metros*
129.78	Pirangy	120.00
133.58	Boa Sorte	125.00
142.44	Catende	153.00
155.74	Jaqueira	185.00
158.30	Colonia	189.00
163.82	Marayal	215.60
167.86	Florestal	246.74
174.72	Barra da Jangada	296.00
.....	Pery-Pery	.....
183.71	São Benedicto	368.60
197.37	Quipapá	427.47
209.65	Agua Branca	563.43
214.46	Glycerio	529.19
227.98	Canhotinho	497.27
242.79	Angelim	647.30
253.52	São João	699.90
271.16	Garanhuns	866.30

A estação inicial da Estrada de Ferro do Recife ao São Francisco é chamada Cinco Pontas; da altitude indicada na tabella anterior vê-se que esta estação está edificada na planicie raza em que assenta a maior parte da cidade do Recife. Entre este lugar e Afogados a Estrada corre proxima dos mangues que cobrem grande parte desta planice. Afogados, a seguinte estação, acha-se na margem dum mangue que se dilata por alguns kilometros ao sul e ao oéste.

Cerca de 300 metros ao nordéste da estação de Bôa Viagem a Estrada passa das baixas de mangues para a

---

na linha a léste de Glycerio, e duas na linha até Garanhuns; confesso-me particularmente penhorado para com o Sr. Frank Clemetson, superintendente em exercicio, pela sua amavel cooperação no estudo da geologia ao longo desta Estrada de Ferro.

planice branca e arenosa semelhante á vizinha a Areias na Estrada de Ferro Central. Esta planice arenosa estende-se em direcção a léste até o mar, junto do qual acha-se plantada de coqueiros. Ao sudoeste da estação de Bôa Viagem a Estrada continúa atravez da planice arenosa, mas approxima-se gradualmente das collinas terciarias que se elevam ao nordoéste do eixo da linha até achar-se distante della uma pedrada.

Prazeres (kilometro 12) acha-se ainda na planice arenosa, porem as collinas ao occidente (1) distam neste lugar apenas um kilometro da linha ferrea. Em Pontesinha ha um outeiro isolado cerca de 200 metros a oéste da estação, e um outro a um kilometro ao nordoéste. Meio kilometro alem de Pontesinha a Estrada atravessa os mangues e o rio Jaboatão; os mangues estendem-se por 2 kilometros alem do rio quasi até a estação de Ilha.

A oéste e ao nordoéste de Ilha as collinas terciarias distam cerca de meio kilometro da estação; meio kilometro adiante de Ilha as collinas acham-se á distancia de apenas 100 metros ao nordoéste da estação.

Nos lugares em que nestas collinas foram abertas pedreiras, os affloramentos são inteiramente vermelhos. Logo a oéste de Ilha dous cursos d'agua, os rios Gurjahú e Pirapama, reunem-se, e as collinas ao noroéste da Estrada acompanham a margem esquerda do Gurjahú e reapparecem na ponta de terra entre estes dous rios.

No Cabo (kilometro 31.5; altitude 13^{m},3) as collinas ao sul da Estrada acham-se á distancia duma pedrada da estação. Neste lugar a Estrada deixa a planice raza da costa e interna-se pelas collinas; nos arrabaldes da cidade do Cabo ha varios córtes em todos os quaes afflora uma areia amarella, vermelha e mosqueada semelhante ás jazidas terciarias intensamente coloridas; as rochas, entretanto, não são terciarias, mas sim crystallinas decompostas em posição. As collinas junto ao Cabo e a oéste delle até Bôa Sorte elevam-se de 50 a 75 metros acima do nivel de drenagem. A região é accidentada; mas, não montanhosa.

§ 10. — *Decomposição de rochas.* — Os granitos e gneisses ao longo da via-ferrea acham se profundamente e

(1) Os montes Guararapes.

N. do T.

em geral decompostos, afflorando nos córtes da Estrada como barros residuarios de côres vermelha, amarella, purpurea ou mesclada, seixos esfoliados de decomposição ou calotes redondas e escalvadas na superficie do sólo. A espessura da decomposição das rochas é manifesta em varios córtes profundos ao longo da linha ferrea; mas, é facto notavel que em muitos dos mais profundos destes córtes não se manifesta a espessura total da decomposição; não é menos para admirar que em muitos destes córtes, rasgados em terra residuaria, os taludes sejam quasi verticaes e se tenham conservado durante muitos annos sem desmoronar.

Os seguintes são alguns dos córtes mais profundos em que a decomposição é bem apparente:

Um kilometro ao sul da estação de Limoeiro, num córte de 14 metros de profundidade, a decomposição das rochas attinge o nivel do leito da linha.

Na devisa á leste de Palmares, em córtes de 12 metros de profundidade, afflora terra residuaria cruzada por veios de quartzo.

Na estação de Palmares (kilometro 124; altitude 120^{m},00) ha um córte, de 6 a 7 metros de fundo, aberto em rocha crystallina decomposta. O barro residuario é vermelho ou purpurino cruzado de veios partidos de quartzo. A terra na parte superior do córte consiste apparentemente de materias trituradas derivadas da mesma rocha decomposta, porquanto o quartzo que apparece em veios verticaes na parte inferior do affloramento acha-se disperso em fragmentos subangulares ao longo de faixas horizontaes atravez da porção superior da terra que afflora no córte.

Em Pirangy (kilometro 129; altitude 120^{m},00) as terras residuarias são de intensa côr vermelha com listras amarellas ou purpurinas. Dous e meio kilometros a oéste de Pirangy ha um córte, de 12 metros de fundo, em rochas crystallinas decompostas.

Em Bôa Sorte (kilometro 133,5; altitude de 125^{m},00) e logo a oéste, affloram nos córtes schistos decompostos de mistura com as terras residuarias de côres notavelmente brilhantes: vermelha, branca, amarella e purpurina.

Atraz da estação de Jaqueira ha um córte em terra amarella e vermelho-amarellada. Um kilometro a léste

de Colonia ha profundos córtes em rochas crystallinas decompostas; as terras são intensamente coloridas.

Em Florestal (kilometro 167.8; altitude 246^{m},00) ha um córte de 12 metros de fundo em rocha decomposta semelhante a schisto; as rochas no fundo deste córte não se acham decompostas. Logo a oéste da estação de Barra da Jangada (kilometro 174.7; altitude 296^{m},00) ha um córte de 8 metros em rochas crystallinas decompostas (schistose). Cem metros a léste da estação de Pery-Pery foram cortadas rochas crystallinas decompostas; cento e cincoenta metros mais a oéste ha um outro córte de 10 metros de fundo.

A oéste de S. Benedicto ha varios córtes profundos quasi todos em rochas decompostas; a oéste de Quipapá, em varios córtes em rochas decompostas, afflora kaolim; mas, a terra residuaria é principalmente de côr vermelha. Na vertente occidental de Agua Branca os córtes da Estrada de Ferro penetram de 12 a 15 metros a rocha decomposta atravessada de veios de quartzo; a terra residuaria apresenta o aleitamento pronunciado ou a estructura esfoliada dos schistos, e é intensamente colorida.

Em Glycerio (kilometro 214; altitude 529^{m},00) ha um córte de 9 a 10 metros de fundo em schistos crystallinos decompostos; esta rocha achava-se falhada antes de decompor-se; a terra residuaria é em geral de côr purpurea.

§ 11. — *Aspectos estructuraes.* — Voltando ao Cabo poderemos agora considerar a natureza e os aspectos estructuraes das rochas que affloram ao longo desta Estrada de Ferro. A oéste e ao sul do Cabo a estrada passa atravez de rochas crystallinas em quasi todo o percurso até Garanhuns, numa distancia total de 240 kilometros. Estas rochas parecem ser granitos, gneisses e schistos; mas, devido á profunda decomposição na maioria dos casos e da falta de opportunidade para exames cuidadosos em outros, nada mais do que simples impressões podem ser registradas com relação a muitos affloramentos. Onde quer que foi possivel examinal-o, o rumo approximado da direcção das jazidas foi notado.

Entre Timbó-Assú (kilometro 51,8) e Escada (kilometro 57,6) muitos affloramentos demonstram que as rochas são gneisses e schistos listrados; esta natureza ver-

tebrada das rochas é assaz manifesta nos affloramentos por erosão. No rio Ipojuca, na e junto á Escada e em Limoeiro, os affloramentos mostram que este aleitamento ou schistosidade tem uma orientação de E–W.

A mesma orientação de E–W é apparente nas calotes esfoliados meio kilometro a léste e de novo a oéste da estação de Aripibú (kilometro 78). Um pouco a léste da estação de Gamelleira (kilometro 95,7) as rochas affloradas parecem granitos; a léste da estação de Agua Preta (kilometro 113,6) as rochas são massiças como granitos; proximo a Palmares (kilometros 124,7) as rochas têm uma estructura listrada muito mais pronunciada do que a do gneiss. Na ponte a oéste da estação a estructura afflora bem no leito e nas margens do rio Una. A orientação é aqui de NE–SW.

Em Pirangy (kilometro 129,7) as rochas são decompostas; a orientação (ou schistosidade) das jazidas é manifesta de NE–SW. Entre Bôa Sorte e Catende a orientação é de NE–SW; um kilometro a léste de Catende a orientação é ainda de NE–SW; entre Catende e Jaqueira a mesma orientação afflora no leito e nas margens do rio Pirangy.

Na estação de Marayal (kilometro 163,8), 10 metros acima do nivel do rio, as rochas schistosas, com diques de pegmatite, tem a orientação de N–20°–W e o pendor de S–70°–E; mais para léste, entretanto, a orientação volta a ser de NE–SW, ao passo que em Florestal (kilometro 167,8) o pendor é de cerca 30° para NE; quatro kilometros acima ou ao occidente de Florestal as rochas no leito do rio tem a orientação de NW–SE; tres kilometros ao oriente de Barra de Jangada as rochas schistosas tem o pendor de 40° para NE; dous kilometros ao nascente de Barra ellas pendem para S–30°–E.

Em S. Benedicto (kilometro 183,7), e logo a oéste as rochas são schistosas com a orientação de N–S e o pendor de 80° a 90° para E; cerca dum kilometro a oéste de S. Benedicto afflora, no córte da Estrada de Ferro, um dique ou veio de rocha preto-azulada; um kilometro a léste de Quipapá as rochas schistosas tem uma orientação de E–W.

Cerca de 150 metros a léste de Quipapá (kilometro 197,3; altitude 427^{m},00) affloram junto ao leito da linha

micaschistos (?) escuros que se orientam quasi de E-W. Na vertente occidental de Quipapá as rochas têm uma orientação local de quasi N-S e pendem para E ; dous kilometros a léste de Agua Branca as rochas schistosas pendem de 40° a 50° para E : as rochas entre Quipapá e Agua Branca são falhadas e um tanto friaveis ; entre Glycerio e Canhotinho os micschistos pendem para sudéste.

Em Canhotinho (kilometro 227,9 ; altitude 497^{m},00) o gneiss é cortado por numerosos veios de quartzo ; trezentos metros a oéste da estação as rochas são schistos crystallinos orientados de N-S (?) e atravessados por numerosos veios de quartzo.

Entre Canhotinho e Angelim affloram aqui e ali pelos campos calotes de rochas crystallinas, cujas superficies mostram numerosos veios de quartzo e diques de pegmatite ; cerca de cinco kilometros a oéste de Canhotinho os schistos pendem para o sul num angulo de 50° ; um pouco mais a oéste affloram rochas de jazidas tenras parecendo gréz ; ainda mais a oéste ha schistos pendendo de..... S 50°-W 60°.

Tresentos metros a oéste de Angelim (kilometro 242,7 ; altitude 647^{m},00) ha granitos e schistos crystallinos. Entre Angelim e S. João ha uma linha de collinas ao sul da Estrada de Ferro, cerca de 100 metros acima do nivel da mesma, nas quaes as rochas parecem jazer e pender para o norte num angulo de cerca de 30° ; nos córtes da Estrada de Ferro os affloramentos mostram as rochas schistosas pendendo, numa distancia de 2 a 3 kilometros, para sudoeste num angulo de cerca de 45° ; estas rochas são cortadas por muitos veios.

Em S. João (kilometro 253,5 ; altitude 699^{m},9) affloram schistos crystallinos no córte logo a oéste da estação ; pendem para nordéste.

As rochas em Garanhuns e suas immediações são todas gneisses ou granitos ; a maior parte, porém, do planalto adjacente, acha-se coberto de productos da decomposição destas rochas.

§ 12 — *Topographia da região.* — Alguns dos aspectos topographicos da região atravessada por esta Estrada de Ferro são dignos de attenção. O planalto em que está assente Garanhuns (altitude 866^{m},00) eleva-se a um pouco

mais de 1000 metros na sua borda occidental, em Poço, cerca de 35 kilometros a oéste da cidade (1).

A oéste de Cimbres dizem que o planalto attinge a mais de 1000 metros acima do nivel do mar. Os cursos d'agua que têm as suas cabeceiras nesta região elevada rasgaram os seus valles no planalto numa profundidade de 400 a 500 metros. Não existem mais cadeias de montanhas no planalto, porem tambem a linha do horizonte, vista das collinas proximas de Garanhuns, não é raza ou plana. As partes superiores dos valles são bastante estreitas e empinadas. As collinas entre Garanhuns e S. João attingem apenas a altura de 100 a 150 metros, meio kilometro de S. João ao sul da Estrada de Ferro.

Em Canhotinho esta acha-se no estreito valle do rio Canhoto, onde as collinas empinadas têm cerca de 100 metros de altura. As collinas são muito mais abertas do que aquem do rio Canhoto.

§ 13 — *Seixos rolados.* — As notas seguintes foram tomadas com referencia ao apparecimento de seixos rolados ao longo da linha desta Estrada. Na maioria dos casos, talvez em todos elles, estes seixos rolados pertencem evidentemente aos cursos d'agua proximos. Em Ribeirão uma camada de cascalho de quartzo afflora a dous metros abaixo da superficie do solo ; em Cuyambuca (kilm. 104) um leito de seixinhos subangulares de quartzo mostra-se a dous metros abaixo da superficie do solo amarello ; um kilometro a oéste de Catende affloram seixos rolados dous metros abaixo da superficie ; um pouco mais a oéste seixinhos similares acham-se cobertos por 3 a 7 metros de terra ; cerca de cinco kilometros a oéste de Catende uma jazida de cascalho, da espessura dum metro, afflora ao norte do leito da linha. Em um outro lugar os seixinhos acham-se de 3 a 5 metros abaixo da superficie, mas apenas de 7 a 15 metros acima do nivel da corrente actual ; quatro kilometros a léste de Quipapá affloram seixos rolados de quartzo em varios lugares acima do presente curso d'agua, o Pirangy ; kilometro e meio e tres kilometros a oéste de Canhotinho affloram seixos rolados ao lado da linha 10 metros acima do rio.

---

(1) Dr. L. Lombard.

§ 14 — *Observações fóra do traçado da Estrada.* — O valor destas notas augmenta quando relacionadas com as observações feitas fóra do traçado da Estrada de Ferro.

O autor emprehendeu excursões de Palmares, para o norte, até Bonito, e de Pão d'Assucar, no Rio São Francisco, a Aguas Bellas, a oéste de Garanhuns.

Toda a região nas cercanias de Bonito é de granito, e a Serra do Bonitinho é igualmente granitica. Ha alguns casos notaveis de *fluting* de gigantescos blocos de granito no caminho de Palmares a Bonito; no valle abaixo da cidade de Bonito algumas das calotes escalvadas apresentam inclusões subangulares de outras rochas mais escuras.

Entre Pão d'Assucar e Aguas Bellas as rochas são granitos e gneisses, com algumas rochas fortemente metamorphoseadas; as ultimas comprehendem jazidas inconspicuas de calcareo crystallino na Serra dos Meninos perto de Aguas Bellas. Na Lagôa da Lagea, 8 leguas a léste de Aguas Bellas, e em Pedra Pintada, 12 leguas a oéste de Garanhuns, foram observadas rochas graniticas. (1)

Dous interessantes estudos foram igualmente publicados, pelo Dr. L. Lombard, sobre a geologia do interior do Estado de Pernambuco, e como estes artigos tenham sómente apparecido em portuguez, pelo que são inacessiveis aos geologos em geral, dou aqui as suas conclusões no referente á geologia do Estado de Pernambuco na visinhança da Estrada de Ferro do Recife ao São Francisco.

Um dos estudos (2) do Dr. Lombard encerra os resultados de dous mezes de exploração na região ao sul de Garanhuns, e abrange uma area de cerca de 3,500 kilometros quadrados.

Elle resume a geologia da região nos seguintes periodos :

---

(1) Noticias mais amplas sobre a região visinha de Aguas-Bellas encontram-se no *American Journal of Science*, de Fevereiro de 1902. Vide Rev. do Inst. Arch. e Geogr. Pern. n. 57 pag. 219.

(2) Relatorio sobre a exploração da parte sul do Estado de Pernambuco entre Palmares e Bom Conselho. Por L. Lombard. Recife, 1895. Pp. 51—62 do Relatorio apresentado ao Exm. Sr. Governador do Estado... pelo Dr. Rodolpho Galvão, Secretario dos Negocios da Industria. Recife, 1895.

« Os terrenos desta região pertencem á parte inferior dos terrenos primitivos aqui representados por gneiss em contacto com granito; micaschistos são raros: os unicos por mim encontrados acham-se no Rio Salgadinho e assemelham-se a gneiss pobre de feldspatho. O gneiss e o granito mergulham juntos sem apresentar nitidas linhas de distincção. São raros os de rochas basicas eruptivas recentes, e os levantamentos das jazidas de gneiss foram causados por erupções de granito e talvez de granolite »

O segundo artigo do Dr. Lombard trata da região entre Garanhuns e Buique e das adjacencias de Buique (1); o seu mappa abrange uma superficie de approximadamente 5,000 kilometros quadrados.

Achou elle que a região entre Garanhuns e Buique é de granito e gneiss. Descendo a Serra de S. José o gneiss pende para NE num angulo de 20°; na bacia do Rio Ypanema as rochas são mais graniticas; perto do Rio Cordeiro foi observado um dique de diabase.

A Serra de Buique é de granito; mas, ao longo da sua vertente de sudéste foram notados calcareos, sobre cuja posição geologica nada se diz. Os massiços montanhosos e o planalto a oéste, norte e nordéste de Buique são de grez assente em granito. As montanhas conhecidas pelos nomes de Coqueiro, S. José, Catimbao, Quyri d'Alho, Andorinha e Chapéo, são todas de grez; estes grezes pendem para SE num angulo de 10° a 15°. O grez contem mica, seixos rolados de quartzo e vestigios de kaolim; fornecem algum sal e salitre, que é extrahido por filtração, e certas substancias organicas cujo caracter ainda não foi determinado. (2)

---

(1) Relatorio sobre a exploração mineralogica de Garanhuns a Buique e da zona salitrosa de Buique. Por L. Lombard. Pp. 123—140 do Relatorio acima mencionado. Recife, 1895.

(2) Esta materia organica é conhecida na região em que é encontrada, pelo nome de *borra*. Uma amostra com que me presenteou o Dr. Lombard, foi submettida a apreciação do Dr. J. M. Stillman, professor em chefe de chimica na Universidade de Stanford, que me forneceu os seguintes resultados da analyse chimica:

« A substancia submettida a minha apreciação sob o nome de *borra* parece constar principalmente de terra, areia e cascalho ligados ou permeados por uma substancia ou mistura de substancias de origem organica de côr bruno-chocolate escura. A materia organica pertence á classe das substancias que tem sido, por vezes, denominadas resinas mineraes —*Erdharze*— na falta de nomes mais pertinentes.

« A *borra* é fragil e dura, não funde-se ou amollece apreciavel-

Dr. Lombard considera este grez como pertencendo «á idade primitiva ou pre-cambriana». Attenta a ausencia de fosseis quasi que não vale a pena especular com relação á sua idade. Entretanto, parece mais provavel que estes sedimentos pertençam á grande área cretacea que cobre uma parte consideravel do interior do Piauhy, Ceará, Parahyba e Pernambuco. A altitude do grez de Buique (entre 800 e 900 metros acima do mar) parece tornar improvavel que pertença ao periodo terciario.

L. E. Dombre, um engenheiro francez ao serviço da repartição de obras publicas da provincia de Pernambuco viajou pelo interior da mesma nos annos de 1874 e 1875, e as suas cartas ao director contem muitas notas valiosas sobre a geologia da região visitada. (1)

Dombre avançou até Floresta; mas, aqui consignam-se apenas as observações sobre a geologia nas visinhanças da Estrada de Ferro do Recife ao São Francisco.

Do caracter geral da geologia diz Dombre (2) que as poucas bacias sedimentares vistas por elle acham-se com-

---

mente ao ser aquecida; em temperaturas elevadas desprende vapores de cheiro pungente e arde com chamma amarella deixando um residuo terroso da forma da massa original e que a compõe na sua quasi totalidade. Reduzida, por trituração, a um pó fino e extrahida com alcool e ether a *borra* produz uma pequena quantidade de extracto inicolor de sabor amargo. O residuo da extracção alcool-etherea, quando tratada com solução de sóda caustica, dá uma solução de côr bruno escura; reprecipitado, ao ser neutralisado com acido, uma massa resinosa de côr bruno escura, insoluvel n'agua, e apenas ligeiramente soluvel em alcool, ao qual, entretanto, colore por solução parcial. A porção da materia organica, não dissolvida com sóda caustica quente, tinha a forma duma massa pulverulenta, bruno escura, misturada com residuos inorganicos, e não é facilmente soluvel nos dissolventes communs. Em acido sulphurico concentrado dissolve-se, pelo menos em parte, com uma côr bruno escura.

« Do exposto creio dever concluir que a materia organica na *borra* é uma mistura de substancias amplamente oxygenadas e de caracter fracamente acido, á semelhança das frequentemente caracterisadas como « resinas mineraes », ou das intermediarias entre estas e as chamadas substancias humosas. A materia organica occorre em tão exigua quantidade e é tão difficil de separar da sua admixtão terrosa, que não permitte ser mais precisamente caracterisada. »

(1) Viagens do Engenheiro Dombre ao Interior da Provincia de Pernambuco em 1874 e 1875. Recife, 1893, in-4 de 86 pp.

(2) Loc. cit., pag. 36.

pletamente metamorphoseadas e não contem fosseis; não menciona, entretanto, a locação destas rochas sedimentares.

Achou que as rochas perto de Panellas, ao norte de Quipapá, são granitos cinzentos finamente granulados. Em Pesqueira, ao nordoéste de Garanhuns, encontrou granitos, e achou que a Serra de Ororobá, junto a Cimbres, é de granito afflorando em solidos picos arredondados. (1)

Entre Pesqueira e S. Bento deparou apenas com granitos (2); na visinhança de Bom Conselho (Papacaça) encontrou «por toda a parte o mesmo terreno de granito e porphyro» (3), ao passo que em Ipueiras, ao nordoéste de Bom Conselho, assignala gneiss e schisto e «uma jazida irregular de calcareo crystallino branco».

§ 15 — *Resumo da geologia ao longo da Estrada de Ferro do Recife ao São Francisco.* — As rochas crystallinas atravez da região percorrida pela Estrada de Ferro do Recife ao São Francisco acham-se muito falhadas; estas rochas são principalmente granitos, gneisses e schistos. A oéste de Canhotinho alguns affloramentos tem a apparencia de rochas sedimentares; mas, estas jazidas não foram cuidadosamente examinadas, e póde ser que o aspecto do alcitamento seja devido ao metamorphismo.

A orientação das jazidas (ou a schistosidade?) é de alguma sorte constante na metade nordéste da Estrada de Ferro; mais para oéste, porem, o pendor e a orientação variam muito em gráo e direcção. Estas mudanças são sufficientes para demonstrar que não é possivel tirar conclusões fidedignas da similaridade ou dissimilaridade de pendor e orientação em districtos consideravelmente apartados das regiões paleozoicas do Brasil.

Muitas pessoas residentes no Estado de Pernambuco suppõem ainda que as calotes arredondadas de granito e os grandes seixos circulares que se encontram pelo viso das collinas ao longo desta Estrada de Ferro, são de origem glacial. Esta supposição é inteiramente erronea. A theoria, em algum tempo abraçada por Luiz Agassiz e por Belt, de que esta parte da America do Sul tenha estado co-

(1) Loc. cit., pag. 81.
(2) Loc. cit., pag. 83.
(3) Loc. cit., pag. 37.

berta de gelo durante o periodo glacial, foi ha muito regeitada como insustentavel. Estes penhascos especiaes originaram-se onde hoje jazem, a não ser que em alguns casos tenham rolado abaixo dos flancos das collinas; semelhantes penhascos occorrem entre o Cabo e Ipojuca, 300 metros a léste da estação de Olinda (kilometro 45), perto de Timbó-Assú e ainda em muitos outros pontos ao longo da Estrada de Ferro.

A decomposição das rochas acha-se muito espalhada; mas, a profundidade da decomposição exposta nos córtes desta Estrada de Ferro não excede a 20 metros. As jazidas sedimentares ao norte e a oéste de Buique não forneceram fosseis; mas, parece provavel que sejam parte da area cretacea do interior do Piauhy e do Ceará.

Comparando a geologia e a geographia ao longo desta Estrada de Ferro com a da Estrada de Ferro Central, observa se que ambas atravessam jazidas similares, na ordem seguinte:

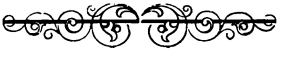
1° A baixa planice costeira de mangues e a planice arenosa de Areias e Bôa-Viagem.

2° A estreita linha de collinas terciarias, que termina perto de Tigipió, na Estrada de Ferro Central, e entre Ilha e o Cabo, na linha do Recife ao São Francisco.

3° Uma faixa de collinas de rochas crystallinas terminando, na Estrada de Ferro Central, na base da Serra das Russas, e na do Recife ao São Francisco perto de Canhotinho ou talvez um pouco mais a léste.

4° Uma região elevada da qual os sedimentos paleozoicos têm sido em parte removidos. Na Estrada de Ferro Central esta região começa com a Serra das Russas; na do Recife ao São Francisco principia perto de Canhotinho e, estendendo-se para oéste, forma os cimos montanhosos de Aguas Bellas e adjacencias.

(Continúa.)



A BANDEIRA

DA

Confederação do Equador

Investigar qual foi a disposição exacta das côres e dos symbolos da bandeira da Revolução de 1824 é quiçá ociosa pesquiza, porquanto está provado hoje que a insignia dos confederados jámais palpitou entre o fumo dos combates ou tremulou ovante nas fortalezas e vasos de guerra dos insurgentes. De que nunca foi hasteada, comquanto chegasse a ser organisada, sobejam testemunhos.

Um contemporaneo assaz fidedigno, o então capitão José Maria Ildefonso Jacome da Veiga Pessoa e Mello, refere (1) que, sabendo haver Manoel de Carvalho proclamado a Confederação do Equador, dirigiu-se immediatamente da fortaleza do Brum, da qual era commandante, á residencia do Presidente, na rua do Collegio (2), para dizer-lhe que naquella praça de guerra não seria arvorada semelhante bandeira emquanto elle a commandasse. Ali chegado não encontrou a quem buscava, mas, sim, entre outros, a João Soares Lisbôa, que, ouvindo-lhe o vehemente protesto, procurou acalmal-o, abraçando-o e indo a uma alcova, contigua á sala em que se achavam, a trazer-lhe a malsinada bandeira. José Maria Ildefonso, porem, sem esperal-o, retirou-se furioso e deparando emfim, em Palacio (3) com Manuel de Carvalho renovou-lhe as suas recriminações; o astuto Presidente acolheu-o gentilmente, concordou com os seus escrupulos e conseguiu serenar-lhe

(1) Rev. do Inst. Arch. e Geogr. Pern., n 47, pp. 278—280.

(2) Era o predio que actualmente tem o n. 73 na Rua 15 de Novembro.

(3) Edificio hoje occupado pela Faculdade de Direito.

o animo. O certo é, affirma o capitão, que se desistiu da idéa de apresentar a bandeira da Confederação do Equador.

Em face de tão firme resolução por parte de José Maria Ildefonso não é crivel que a nova bandeira fosse tolerada no exercito insurgente em operações no sul da provincia, onde aquelle militar foi logo depois servir no posto de major de artilharia; ali, como no Recife, os seus sentimentos de fidelidade aos principios monarchicos ter-se-iam revoltado.

Que semanas apoz o pendão ceruleo não fluctuava á brisa atlantica nas fortalezas da capital, dil-o o proprio Manuel de Carvalho no officio que, a 14 de Agosto de 1824, dirigiu ao capitão de fragata Antonio José de Carvalho, commandante da divisão naval que bloqueava o Recife, exprobando-o de, á sombra do pavilhão do imperio, exercer o corso, registrando embarcações, impedindo-lhes a entrada no porto, e obrando como pirata, uma vez que o fazia sem previa intimação ás autoridades constituidas da provincia *em cujos fortes tremulava o mesmo pavilhão do imperio que elle trazia arvorado nos seus navios.*

Emfim é evidente que as forças dos confederados, na sua retirada para o interior, depois de batidas no Recife nos sangrentos combates de 12 a 17 de Setembro, não no levavam tambem.

No epilogo do seu interessantissimo *Itinerario*, Frei Caneca, resumindo os argumentos da sua defeza, escreveu: « Salvo, finalmente, si é ser rebelde o fugir á morte em companhia de um exercito, que marchava por todos os logares debaixo da sombra do mesmo *verde-louro estandarte do imperio* dado pelo mesmo Imperador, proclamando por todos os termos dos mais interiores sertões vivas ao mesmo imperador constitucional, liberal, etc. » (1)

Comtudo, reconstituir a bandeira de 1824, tal qual a conceberam os seus autores, é tarefa fructuosa como subsidio ao conhecimento das tendencias e das idéas dominantes na epoca, e é este o interesse unico que nos move no designio de diligenciar restaural-a sob o seu primitivo aspecto.

---

(1) Obras Politicas e Litterarias de Frei Joaquim do Amor Divino Caneca. Recife, 1875. Vol. I, pag. 135.

BANDEIRA DA CONFEDERAÇÃO DO EQUADOR.

Infelizmente já não existe uma só destas curiosas reliquias, nem o seu desenho original authentico.

Ainda assim não é difficil reordenal-o.

Quem primeiro o descreveu foi o Dr. A. J. de Mello Moraes, em nota, á pag. 24, da *Biographia do Dr. Manoel Joaquim de Menezes* (1); segundo o historiographo alagoano a referida bandeira tinha a disposição seguinte: « Campo azul celeste, tendo no centro um escudo *esquartelado*, de amarello gema, ladeado de um ramo de cana e outro de algodão. Dentro do escudo desenhava-se um circulo branco, no qual se viam gravadas estas palavras em caracteres pretos — RELIGIÃO — INDEPENDENCIA — UNIÃO — LIBERDADE —; separando estes nomes quatro feixes de varas escarlates. Este circulo era dividido por uma faxa branca que o separava em duas partes iguaes. A superficie era de azul ferrete, tendo no centro uma cruz floreteada de escarlate, com duas estrellas brancas por baixo das extremidades dos braços, assim como outras duas na altura dos dous terços inferiores, e por baixo mais nove estrellas em semi-circulo. Na parte superior do escudo erguia-se uma haste escarlate, a qual terminava por uma mão, no centro da qual desenhava-se o olho da Providencia, circulado por seis estrellas brancas. A mão apontava para uma flamula branca, que lhe ficava no alto, sobre a qual se via a palavra — CONFEDERAÇÃO. »

Em sessão do Instituto Historico e Geographico Brazileiro, de 9 de Agosto de 1861, o Dr. Joaquim Norberto de Souza e Silva apresentou «um modelo da bandeira de que uzavam os revoltosos da Confederação do Equador », e propoz fôsse nomeada uma commissão ou um membro do Instituto afim de que, tirada uma copia do referido modelo, a comparasse com a descripção que, da mesma bandeira, fez o autor da biographia do Dr. Manoel Joaquim de Menezes (pag. 24), na qual pensava tivésse sido pouco exacto, e do resultado da comparação désse conta ao Instituto (1). »

Approvada a proposta, foi nomeado o Conselheiro Pedro de Alcantara Bellegarde que, na sessão de 4 de Ou-

---

(1) Publicada no Rio de Janeiro, Typ. Brasileira, Editor J. J. do Patrocinio, 1861, in-4°, 35 pp.

tubro do mesmo anno, procedeu á leitura do seguinte relatorio :

« Cumprindo a ordem que recebi do Instituto, fiz copiar o desenho que me foi remettido, da bandeira adoptada pela revolução de 1824 em Pernambuco, tendo em vista a biographia recentemente publicada do Sr. Dr. Manoel Joaquim de Menezes, onde em uma nota vem descripta a referida bandeira.

« Na copia se corrigiram alguns erros do desenho que foi presente ; e passando á comparação da nota, encontrei divergencia notavel.

« A nota diz que sobre o fundo azul celeste a bandeira tinha um *escudo esquartelado* amarello gemma ; o desenho mostra um *escudo quadrado* desta côr com o mais que indica a nota ; mas nem pelo desenho nem pela sequencia da nota se deprehende que seja *esquartelado* o escudo, isto é, dividido em quatro partes. Parece, pois, que se quiz dizer escudo *quadrado*, e assim o fiz desenhar conforme está no original. » (1)

A authenticidade do modelo apresentado pelo Dr. Joaquim Norberto não padece duvida, porquanto era certamente o mesmo desenho enviado para a Côrte, pelo governador da Bahia, Dr. Francisco Vicente Vianna em 25 de Novembro de 1824, conforme se infere dum trecho da *Noticia historica sobre a revolução pernambucana de 1824*, pelo Dr. Antonio Pereira Pinto. (2)

Este, porem, não obstante ter presente o mencionado desenho, reproduziu ainda a descripção errada do Dr. Mello Moraes (3), e sendo aquella sua monographia a fonte mais frequentemente consultada sobre o movimento revolucionario de 1824 não nos surprehendem as indecisões que ainda hoje persistem quanto ao modo de representar a insignia dos confederados, maxime tendo-se extraviado o desenho original e a copia feita em 1861.

Na estampa annexa cremos entretanto, haver conseguido reproduzil-o com toda a fidelidade possivel.

Do brazão d'armas da Confederação do Equador —que plausivelmente era o mesmo da bandeira— remetteu tambem para a Côrte o Morgado do Cabo, Francisco de Paes

(1) Ibidem, Vol. XXIV, pp. 750—751.
(2) Ibidem, Vol XXIX, pag 104.
(3) Ibidem, Vol. XXIX, pag. 105 nota.

Barreto, futuro Marquez do Recife, o desenho que fôra mandado para a França afim de ser gravado nos objectos e armas da republica (1) ; desenho este cujo paradeiro é ignorado.

Finalmente é permittido suppor, com os melhores fundamentos, que a idéa da organisação de ambas as insignias partiu do portuguez João Soares Lisbôa, republicano fervoroso e amigo particular de Manoel de Carvalho, sobre o qual possuia marcada ascendencia.

Alfredo de Carvalho

(1) PEREIRA DA COSTA. — Mosaico Pernambucano — *Recife, 1884*, pag. 200.

NOBILIARCHIA PERNAMBUCANA

POR

A. J. V. Borges da Fonceca

(COTINUAÇÃO DO N. 57)

TITULO VII

DE BEZERRAS JACOME

Manoel Jacome Bezerra, natural de Vianna, a quem as memorias antigas tratam por Fidalgo Escudeiro, é o tronco de que procede a familia do seu apelido em Pernambuco, onde já antes da entrada dos Olandezes vivia casado com D. Maria Pessanha do Amaral, de quem teve os filhos seguintes :

Antonio Jacome Bezerra, Fidalgo Escudeiro, servio com grande reputação em toda a guerra dos Olandezes desde que estes entraram em Pernambuco e foi nella Capitão, Sargento-mór e Tenente de Mestre de Campo General e depois della Alcaide-mór da villa de Iguarassú por carta regia de 3 de Outubro de 1636, Coronel de Infantaria da Ordenança de toda a Capitania de Pernambuco com 100 cruzados de soldo por mez. Por Patente de 21 de Maio de 1666 e ultimamente Mestre de Campo de Infantaria paga.

João Bezerra Jacome, que continúa.

Manoel Jacome Bezerra, adiante.

João Bezerra Jacome foi Fidalgo Escudeiro e Capitão de Infantaria na guerra dos Olandezes quando depois della se reformaram as tropas por ordem regia de 11 de Dezem-

bro de 1663 ficou servindo com o mesmo posto no terço do Mestre de Campo D. João de Souza por um Alvará do Obidos Vice-rei do Estado, de 14 de Outubro de 1664 casou com D. Maria Pessoa, filha de Antonio Correia Calheiros e de sua mulher Maria Pessôa. (Vide titulo de Bezerras Felpas de Barbuda.)

Deste matrimonio nasceram :

D. Maria Pessôa e foi mulher do Capitão Pedro Cavalcante de Albuquerque, Cavalheiro da Ordem de Christo filho de Cosme Bezerra Monteiro e de sua mulher D. Leonarda Cavalcante. (Vide titulo de Bezerras Felpas de Barbuda.) Não tiveram filhos.

D. Joanna Bezerra Pessanha casou com Felippe de Moura de Albuquerque filho de Antonio Paes Barreto e de D. Leonor Figueira de Moura. (Vide titulo de Paès, Morgados do Cabo.)

Manoel Jacomé Bezerra que em 1666 era Juiz de Orphãos na villa de Iguarassú ; foi casado com D. Maria de Britto, filha de Diogo de Britto Borges e de sua mulher Custodia Gonçalves de Abreu, e deste matrimonio nasceram :

Pedro Bezerra Jacome, que continúa.

Maria de Vasconcellos, que casou e foi primeira mulher do Commissário Geral Arnáo de Olanda Correia, filho do Capitão-mór João Correia Barbosa, Cavalheiro da Ordem de Christo, e de sua mulher D. Magdalena de Góes. (Vide titulo de Bezerras Barrigas.)

Pedro Bezerra Jacome casou com D. Maria Manoella senhora do engenho do Tatú, filha natural do Padre Estevão Ribeiro da Silva, vigario de Goyanna.

Tiveram :

Manoel Jacome Bezerra, que casou com D. Francisca filha de Felippe de Moura de Albuquerque e de sua mulher D. Joanna Bezerra Pessanha. (Vide titulo de Paes, Morgados do Cabo.)

TITULO VIII

DOS BARBALHOS SILVEIRAS

Principiou esta familia em Antonio Barbalho, natural do Reino e primeiro Senhor do Engenho de Nossa Senhora

do Rosario de Camaratuba, que levantou no anno de 1610. Foi casado com D. Anna da Silveira filha de Pedro Alves da Silveira e de sua mulher Maria Gomes Bezerra. (Vide titulo de Bezerras, Morgados da Parahyba.)

Do referido matrimonio nasceram:

Domingos da Silveira, que falleceu solteiro.

Victoria Gomes que continúa.

Violante Barbalho.

Maria Barbalho.

Anna da Silveira, que falleceram solteiras.

Victoria Gomes casou com Mathias da Costa Vasconcellos Marecos, natural da Ilha de S. Miguel e Capitão da Ordenança da freguezia de Mamanguape e viviam em 1665, como consta da Escriptura de venda do dito Engenho que a 9 de Maio fizeram a seu parente Marcos de Oliveira Correia, na Nota do Tabellião da Cidade da Parahyba Antonio Pereira da Costa.

Do referido matrimonio nasceram:

Izabel de Vasconcellos que continúa.

Antonia Barbalho, casou na Parahyba com o Alferes João Soares Franco e não deixou filhos.

Maria da Silveira foi casada com Alvaro Martins e tambem não deixou filhos.

Victoria Gomes, adiante.

Izabel de Vasconcellos casou com João Soares de Avellar, irmão do Dr. Frei José da Natividade Seixas, Religioso da Ordem de São Domingos, naturaes de Lisbôa e filhos de Manoel Soares de Avellar e de sua mulher D. Maria de S. Antonio de Oliveira, irmã do Vigario João Baptista de Oliveira, e tiveram:

João de Vasconcellos, que continúa.

Mathias da Costa Vasconcellos, adiante.

Manoel Soares de Vasconcellos, adiante.

Vicente Soares de Avellar, adiante.

Antonio Barbalho Pinto, que morreu solteiro.

José Soares de Avellar, adiante.

D. Catharina Barbalho, adiante.

D. Victoria Gomes da Silveira, adiante.

D. Maria da Assumpção de Oliveira, casou com o Capitão Francisco Falcão de Oliveira, natural do Reino e não tiveram filhos.

D. Anna da Silveira, adiante.

D. Rosa Maria de Vasconcellos, que casou com o Capitão Manoel Pereira Bulcão, filho de Manoel Pereira Bulcão e de sua mulher D. Izabel da Cunha. (Vide titulo de Figueiras.)

João Soares de Vasconcellos, foi Tenente-coronel da Cavallaria e casou com D. Faustina Pereira da Cunha filha de Manoel Pereira Bulcão, natural da Ilha do Fayal, e de sua mulher D. Izabel da Cunha Bandeira. (Vide titulo de Figueiras Pintos.)

Deste matrimonio nasceram :

Cosme Soares de Vasconcellos, que terá 33 annos pouco mais ou menos, neste de 1771, vive na Ribeira de Acaraçú, Capitania do Ceará, onde casou.

D. Joanna de Vasconcellos casou na freguezia de Muribeca com Pedro Lins de Albuquerque.

D. Maria de Vasconcellos, casou tambem na Muribeca com Francisco Xavier Lins.

D. Francisca Figueira, morreu na Ribeira do Acaraçú, onde foi casar.

D. Izabel..... casou na Tacoara, com José Figueira, filho de José Figueira.

Mathias da Costa de Vasconcellos, casou com Marianna de Freitas filha de João Marinho, morador em Tejucupapo e de sua mulher Anna Rebouças, e tiveram :

Mathias Soares de Vasconcellos, que continúa.

Manoel da Costa de Vasconcellos, adiante.

João Marinho de Freitas.

Hypolito Soares de Vasconcellos, adiante.

Luiz Soares de Vasconcellos.

Maria da Costa.

Anna Rebouças da Palma mulher de seu primo Manoel da Rocha Pinto.

Mathias Soares de Vasconcellos, casou com sua prima Victoria Gomes da Silveira, filha de João Gomes da Silveira e de sua mulher Izabel de Vasconcellos, e deste matrimonio tinham nascido até o anno de 1736 os filhos seguintes :

José Gomes da Silveira,

João Gomes da Silveira,

Rita Gomes da Silveira,

Izabel.....

Anna da Silveira

Victoria Gomes,
Maria da Silveira,
Manoel da Costa de Vasconcellos, que vivia no sitio da Capella de Mamanguape, casou com Clara Gomes da Silveira, filha de. ....
Tiveram :
Manoel Soares,
Hypolito Soares de Vasconcellos, casou com sua prima Anna Rebouças filha de José Soares de Avellar irmão de seu pai.
Manoel Soares de Vasconcellos casou com sua prima Maria Barbalho, filha de Gabriel Martins e de sua mulher Victoria Gomes, e deste matrimonio nasceram :
Gonçalo Soares de Vasconcellos,
Manoel Soares,
João Gomes da Silveire, que continúa.
Mathias Soares,
Antonio Martins,
Gabriel Martins,
Thomé Soares da Costa,
D. Izabel .... adiante.

D. Victoria Gomes da Silveira, que casou com seu primo Martinho Ribeiro Pinto, como adiante se verá.
João Gomes da Silveira, casou com Maria da Luz, filha B. de Sebastião Ribeiro e tiveram :
D. Izabel..... ..... . casou com Pedro Soares de Azevedo, natural do Porto, que vive na Tauna e tiveram :
Pedro..... .....
Maria..... .....

Vicente Soares de Avellar, casou duas vezes, a primeira com .... e a segunda com D. Joanna de Castro Barbosa, filha de José Correia de Araujo e de sua mulher D. Ignez Lins de Vasconcellos. (vide titulo de Soares, do Engenho da Palma) da qual D. Joanna foi Vicente Soares primeiro marido. Nasceram :
Do 1° matrimonio
Do 2° matrimonio
José Correia de Araujo,
Vicente Soares,
Gonçalo de Castro Barbosa,
José Soares de Avellar casou com .....

filha de João Maranhão, de Tejucupapo, e de sua mulher Anna Rebouças. Morreu no Engenho do Padre da Parahyba e teve os filhos seguintes :

José Soares,

Cosme Soares,

Manoel Soares,

Maria Theresa, adiante,

Anna Rebouças, que casou, como acima vimos, com seu primo Hypolito Soares.

Thomasia ....

Maria Theresa, casou com Antonio de Lima filho de José Alues Lima, de Mamanguape, e deste matrimonio nasceram :

Antonio..... ....

D. Catharina Barbalho casou com Francisco Ribeiro, de Beça, e deste matrimonio nasceram :

Francisco Ribeiro de Beça que morreu solteiro.

Luiz Soares de Avellar, Capitão da Ordenança.

Antonio Ribeiro Pinto.

Manoel da Rocha Pinto, que casou, como acima vimos, com sua prima Anna Rebouças da Palma, filha de seu tio Mathias da Costa de Vasconcellos e não tem filhos.

João Soares de Avellar, Sargento-mór de Mamanguape.

Martinho Ribeiro Pinto, que continúa.

D. Izabel..... .... que casou duas vezes; a 1ª com seu primo o Capitão João Gomes da Silveira, filho de Gabriel Martins e de sua mulher Victoria Gomes, e delle teve a successão que adiante se verá; e a 2ª com Sebastião Ribeiro e foi sua primeira mulher e delle não teve filhos.

D. Catharina Barbalho, adiante.

Martinho Ribeiro Pinto, casou com sua prima Victoria Gomes, filha de seu tio Manoel Soares de Vasconcellos e de sua mulher Victoria Gomes, como acima vimos, e deste matrimonio nasceu :

Victoria.....

D. Catharina Barbalho casou duas vezes ; a primeira com o Tenente José de Mello, natural de Goyanna, que teve filhos, e a segunda com Aniceto Ferreira de Padilha que é natural de Muribeca e mora na Barra do Cunhaú.

Deste matrimonio nasceram :

Desiderio Fernandes.

Raymundo Ferreira Barbalho, que casou com D. Cosma..... filha do Capitão João Soares de Vasconcellos, como adiante se verá.

João..... .....

Sebastião..... .....

D. Luiza ..... casada com Antonio de Mello filho de Sebastião de Albuquerque, que moravam em Guajá junto a Barra do Cunhaú e tem filhos.

D. Rosa

D. Maria

D. Victoria Gomes da Silveira, morou na Embiribeira e foi casada com o Alferes Salvador de Mattos, natural do Rio Grande.

Deste matrimonio nasceram :

Salvador de Mattos que continúa.

João Soares de Vasconcellos, adiante.

Antonio dos Santos Vasconcellos adiante.

D. Thereza..... adiante.

D. Maria da Assumpção, adiante.

Salvador de Mattos é Capitão de Cavallos no Seridó onde vive, casou com Maria dos Santos filha de Antonio Diniz, que morou no Picão da Parahyba e deste matrimonio nasceu :

D. Anna..... .... que casou com o Tenente Miguel Accioly, que mora no Seridó.

João Soares de Vasconcellos Capitão de Ordenança do districto de Tauna, onde mora, casou com D. Leandra Pereira da Cunha filha do Capitão Pedro Barbosa de Albuquerque e de sua mulher D. Izabel Pereira da Cunha. (Vide titulo de Figueiras.)

Nasceram deste matrimonio :

João Salvador

Antonio dos Santos

Manoel..... .....

Gonçalo..... ..... que nasceu em Outubro de 1756

D. Cosma ..... que casou, como acima vimos, com seu primo Raymundo Pereira Barbalho, filho de Aniceto Ferreira Padilha

D. Maria

D. Joanna

D. Anna.

Antonio dos Santos de Vasconcellos, mora no sertão Sabogê, casou com D. Maria..... filha do Capitão Pedro Barbosa de Albuquerque e de sua mulher D. Izabel Pereira da Cunha.

Deste matrimonio nasceram :

Salvador .....

Estevão.....

D. Antonia ..... que casou em 1736 no mesmo sertão do Sabogê

D. Victoria .....

D. Thereza..... que casou com Domingos Alves Casado, natural da Parahyba, mora no Páo e tem os filhos seguintes :

Manoel Casado, que continúa

Domingos Alves Casado

Antonio Alves

João Alves

D. Thereza..... . adiante.

D. Victoria Gomes

Manoel Casado, casou em Outubro de 1736 com sua prima D. Maria, filha do Capitão Manoel Pereira Bulcão e de sua mulher D. Rosa..... ..... como adiante se verá.

D. Thereza..... mora no Páo e casou com Manoel Carlos, natural do Reino, de quem nasceram :

D. Maria da Assumpção que mora no Seridó, casada com Francisco Cardoso, natural da Ilha da Madeira, de cujo matrimonio nasceram :

José Francisco

Bento

Victoria.

D. Anna da Silveira casou com o Alferes Antonio de Sá Serrão, natural de Goyanna.

Deste matrimonio nasceram :

Antonio de Sá Serrão, que continúa

José Soares de Avellar

D. Joanna de Sá

D. Maria

D. Feliciana..... casada na Bahia de S. Miguel com Luiz Pereira Souto, natural de Goyanna.

Antonio de Sá Serrão, Alferes de uma companhia da Ribeira de Mamanguape, onde mora. Casou com Maria

Pereira, filha de João Pereira e de sua mulher Anna Rebouças.

Deste matrimonio nasceram:

Antonio.....

D. Clara.....

Victoria Gomes, morou sempre na Mataraca, junto a Camaratuba e casou com Gabriel Martins que era filho de um hespanhol e tiveram os filhos seguintes:

João Gomes da Silveira, que continúa,

Domingos Barbalho da Silveira, adiante,

Roque da Costa, que morreu solteiro,

Manoel Barbalho, que casou, como acima vimos, com seu primo Manoel Soares de Vasconcellos, filho de João Soares de Avellar e de sua mulher D. Izabel de Vasconcellos e teve a successão que fica escripta.

Narcisa Gomes, que casou com Aires de Souza, filho de Manoel Coelho e de sua mulher D. Guiomar Coutinho. (Vide titulo Souzas Coutinhos.)

João Gomes da Silveira, filho do Capitão de Cavallos em Mamanguape e teve grande respeito e estimação e viveu sempre na Mataraca, onde foi casado com sua prima D. Izabel..... filha de Francisco Ribeiro Bessa e de sua mulher D. Catharina Barbalho e foi seu primeiro marido, como acima vimos; deste matrimonio nasceram:

Francisco Ribeiro, que morreu solteiro.

Luiz Gomes..... que em 1735 casou em Jaguaribe com.....

D. Victoria Gomes da Silveira, que casou, como acima vimos, com seu primo Mathias Soares de Vasconcellos filho de Mathias da Costa de Vasconcellos e de sua mulher Marianna de Freitas e teve a successão que fica referida.

Domingos Barbalho da Silveira casou com Maria da Assumpção, filha de João Marinho, de Tejucupapo, e de sua mulher Anna Rebouças e teve varios filhos que morreram meninos e só ficou vivo:

Antonio Barbalho da Silveira, que é Alferes.

TITULO IX

DOS CAMELLOS PESSOAS

Esta familia procede de Nuno Camello, natural da

Bahia de onde veio a Pernambuco com praça de soldado no Terço do Mestre de Campo André Vidal de Negreiros, que no mesmo anno de 1643 desembarcou em Tamandaré e servio em toda a guerra com o posto de Alferes de Infantaria, commandando por varias vezes a sua companhia em auzencia de seu capitão.

Achou-se no rendimento do reducto de Serinhãem, da peleja da Varzea, na retirada da Artilharia de Itamaracá, nas duas batalhas dos Guararapes em uma das quaes ficou ferido em uma côxa, e nas marchas de Itamaracá e Parahyba, e ficando depois da guerra reformado, foi provido no posto de Capitão da Ordenança da freguezia da Varzea, por patente do Governador Jeronymo de Mendonça Furtado, de 20 de Julho de 1666 do qual passou ao de Sargento-mór da comarca de Pernambuco, por Patente Real de 22 de Março de 1687, e tambem servio na politica o cargo de Provisor da Camara de Olinda em 1670, o de Vereador em 1676 e o de Juiz Ordinario em 1683. Do termo de Irmão da Misericordia de Olinda, que assignou a 2 de Julho de 1686, consta que era filho de Antonio Vieira Camello e de sua mulher Catharina de Lomba e de uma inquirição tirada no Arcebispado da Bahia no anno de 1739, a requerimento de seu neto o Illm. e Revm. Monsenhor Pessôa, se mostra que Antonio Vieira Camello fôra natural de Leiria, que fôra Capitão de Infantaria e Cabo da Fortaleza de Monserrate e que delle se não conservam mais noticias que a de ser parente de Pedro Pereira da Silva, que depois de ser Secretario do Estado do Sr. Rei D. João IV. foi Bispo do dito bispado de Leiria e que Catharina de Lomba, mulher deste Antonio Vieira Camello, fôra senhora do Engenho Jacaracanga e irmã de Paulo de Lomba homem nobre e authorisado.

Casou Nuno Camello em Pernambuco segunda vez com D. Ignez Pessôa, herdeira do Engenho Capella de São Panthaleão do Monteiro e da Capella de Nossa Senhora das Angustias da Igreja de Nossa Senhora da Graça do collegio de Olinda, filha do Capitão João Ribeiro Pessôa e de sua mulher Thomasia Bezerra, (vide titulo de Pessôas) e só deste segundo matrimonio teve a seguiute successão :

José Camello Pessôa, que continúa,

D. Maria Pessôa, que casou com o coronel André de

Barros Rego, filho do Capitão André de Barros Rego, Cavalheiro da Ordem de Christo, e de sua mulher D. Adrianna de Almeida Wanderley. (Vide titulo de Regos).

D. Catharina Pessôa, que casou com Francisco de Sá Cavalcante, Capitão-mór de Ipojuca, filho de Mathias de Sá e de sua mulher D. Maria Cavalcante. (Vide titulo de Sás Cavalcantes.)

D. Cosma Pessôa, adiante.

D. Anna Pessôa, que casou com o Capitão-mór Antonio da Silva Pereira filho de João Dourado de Azevedo, Capitão de Infantaria e cabo da Fortaleza do Brum, e de sua mulher D. Catharina Pereira. (Vide titulo de Dourados.)

José Camello Pessôa, que nasceu no anno de 1682, foi Cavalheiro da Ordem de Christo, Capitão-mór da Varzea, Coronel das Ordenanças da cidade de Olinda e Capitão-mór da villa de Goyanna, onde foi senhor do Engenho da Boa Vista, casou com D. Maria de Lacerda, filha de Jeronymo Cavalcante de Lacerda, Fidalgo Cavalheiro da Ordem de Christo, Capitão-mór da Capitania de Itamaracá e de sua mulher D. Catharina de Vasconcellos. (Vide titulo de Cavalcantes.)

Deste matrimonio nasceram:

José Camello Pessôa, Clerigo Presbytero e Cavalheiro da Ordem de Christo.

João Ribeiro Pessôa de Lacerda, do Conselho de S. M. e Monsenhor da S. Igreja Patriarchal de Lisbôa, o qual foi Doutor em Canones pela Universidade de Coimbra e oppositor ás cadeiras da sua Faculdade, estando aceito no Collegio Pontefício de S. Pedro foi chamado para conego da dita Patriarchal em 1738.

Caetano Camello Pessôa, que continúa.

D. Catharina Pessôa, que casou com seu primo o Capitão-mór André de Barros Rego, filho do Coronel André de Barros Rego e de sua mulher D. Maria Pessôa. (Vide titulo de Regos.)

Caetano Camello Pessôa, casou com D. Catharina Josepha Soares, filha herdeira de Francisco Soares de Quintan, Conego da S. Igreja Cathedral de Olinda, havida em Francisco Gomes Lyra, filha de Domingos Leitão Ferreira e de sua mulher Anna Maria de Oliveiros, neta por via paterna de Manoel Leitão Figueira, natural de Evora, e

de sua mulher Maria Alonso de Abaroa, e por via materna neta de Francisco Dias de Oliveiros e de sua mulhãr Mecias de Brito de Carvalho. E o dito Conego Francisco Soares de Quintan, que foi Provisor do Bispado era natural de Lisbôa e filho de Manoel Pereira Pos e de sua mulher Damasia Soares. Neto por via paterna de Gregorio Pereira e de sua mulher Maria Rosa, e por via materna neto de Francisco de Quintan e de sua mulher Maria Soares.

Do referido matrimonio nasceram:

Francisco Camello Valcarar, que presentemente é senhor da Capella e Engenho do Monteiro.

José Camello Pessôa,

D. Maria do Carmo,

D. Anna Joaquina,

D. Catharina de Lacerda,

D. Josepha Pessôa,

D. Ignez Pessoa,

D. Thereza Ludovina,

João Ribeiro Pessôa, Capitão de Infantaria do Regimento do Recife.

D. Cosma Pessôa, casou duas vezes: a primeira com Jorge Cavalcante de Albuquerque, Fidalgo Cavalheiro da Casa Real, filho de João Cavalcante de Albuquerque, Fidalgo Cavalheiro da Casa Real e Professo na Ordem de Christo, a quem chamaram o de Santa Anna por ser Senhor deste Engenno, e de sua mulher D. Maria Pessôa, e deste matrimonio não houve successão e a segunda com Bento Correia de Lima, natural de Sergipe de El-Rei Senhor do Engenho de Goianna Grande, do qual tambem foi segunda mulher, e deste matrimonio nasceram:

Jorge Correia Pessôa, que ainda vive solteiro.

D. Ignez Pessôa, que não tomou estado.

D. Antonia Francisca Pessôa, que casou com o Desembargador Jorge Salter de Mendonsa, que falleceu na Relação do Porto e teve successão que hoje existe em Lisbôa.

TITULO X

DOS CAMPELLOS

Esta familia é das modernas e principiou em Pernam-

buco pelos annos de 1680, em que vieram para a dita capitania Antonio Rodrigues Campello e seu primo José Peres Campello, e como ambos casaram e tiveram descendencia trataremos de cada um delles em diversos paragraphos.

§

DE ANTONIO RODRIGUES CAMPELLO

Eu vi um titulo desta familia escripto pelo Doutor José Ferreira Moscoso Montarroio, o qual se conserva em poder do Sargento-mór Manoel Rodrigues Campello e delle e de uma certidão que tambem vi, passada pelo Secretario do Conselho Geral do Santo Officio Jacome Esteves Nogueira, consta que Antonio Rodrigues Campello era natural de Vianna de Lima, filho de Manoel Rodrigues, natural de Refrios de Lima, e de Nathalia Domingues Campello, natural de Vianna; neto paterno de Domingos Pires, natural do lugar de São Juhão de Meirim termo de Villa de Ponte Vedra, o qual era filho de Domingos Rodrigues e de Domingas Pires de Carasselas, naturaes do reino de Galiza, e de sua mulher Ignez Rodrigues, natural de Refoio de Lima, e por via materna neto de Domingos Gonçalves Campello, natural de São Verissimo de Tamel e de Justa Gonçalves natural de Villa Franca de Cortegassa junto de São João, o novo.

Em 1692 achamos já o dito Antonio Rodrigues Campello servio de Capitão de Ordenança do Recife, por patente do Governador D. Antonio Felix Machado, de 14 de Março que foi confirmada por El-rei a 20 de Dezembro do mesmo anno, e deste posto passou ao de Sargento-mór da mesma Ordenança.

Nos livros da Camara de Olinda o achamos servindo de Almotacé em 1700 e depois foi vereador da Camara do Recife e foi Familiar do Santo Officio dos do numero. Casou com D. Ignez de Barros Rego, natural do mesmo Recife, filha do Capitão Francisco Rabello de Barros da freguezia de Assumpção da Villa de Caminha e de sua mulher Maria da Rocha Barros, natural de Vianna. Neto por via paterna de Francisco Rabello de Barros, natural do lugar de Rebollo, frõguezia de Santa Euthalia do Rio

de Minho, termo da Villa dos Arcos e de Anna de Carvalho, natural da Villa de Caminha e filha materna de Manoel Mendes natural de Cortegassa, freguezia de S. Pedro de Sopertella, termo de Barcellos, e de Apolinaria de Barros natural da freguezia da Assumpção da Villa de Vianna.

Do referido matrimonio nasceram:

Antonio Rodrigues Campello, que foi Religioso da Ordem de Nossa Senhora do Monte do Carmo da Provincia da Reforma de Pernambuco e depois passou para a Religião de Malta e falleceu em Roma.

João Rodrigues Campello que se formou em Coimbra e foi juiz de fora da Villa da Feira e da Villa de Ourique, Ouvidor da cidade de S. Paulo e Desembargador da Relação da Bahia e da do Porto, na qual foi aposentado por casar segunda vez naquella cidade, onde vive neste anno de 1771, e é Cavalheiro professo na Ordem de Christo e administrador da capella que se instituio Mathias Gonçalves Paes, em que succedeu a sua prima D. Micaella Mauricia Campello de Brito. Casou a primeira vez em Lisbôa com D. Maria Micaella da Natividade da Maia, filha de Antonio da Maia, Cavalheiro Fidalgo, que foi official maior da Secretaria do Conselho da Fazenda, e de sua muiher D. Pascoa Maria da Conceição, e de nenhum dos matrimonios teve successão.

Manoel Rodrigues Campello, que continúa.

Felippe Rodrigues Campello, Clerigo Presbytero e Cavalheiro da Ordem de Christo e Commissario do Santo Officio, que já é fallecido.

D. Florencia Rodrigues Campello, adiante.

D. Catharina Rodrigues Campello, que foi primeira mulher do Capitão Julião da Costa de Aguiar e não teve successão.

Manoel Rodrigues Campello, é Cavalheiro Fidalgo Professo na Ordem de Christo e depois de servir na Colonia, occupou os postos de Capitão de Infantaria do Regimento de Olinda e do Regimento das Ordens do Governo de Pernambuco e Sargento-mór do Terço Velho de Auxiliares do Recife, onde vive neste anno de 1771. Casou no de 1717 com D. Innocencia de Brito Falcão, filha de Luiz Braz Bezerra, Capitão de Infantaria no Recife e de sua

mulher D. Francisca Sanches del Posso. (Vide titulo de Bezerras Barrigas.)

Deste matrimonio nasceram:

Antonio Rodrigues Campello, que morreu menino.

Virgineo Rodrigues Campello, que continúa.

José Rodrigues Campello, que morreu menino.

Felippe Rodrigues Campello, adiante.

D. Innocencia de Barros, que morreu menina.

D. Francisca Ignacia Campello, que casou com Antonio Cavalcante de Albuquerque, filho do Capitão-mór Lourenço Cavalcante de Albuquerque e de sua mulher D. Luzia dos Prazeres de Mello. (Vide titulo de Carvalhos).

D. Rosa Maria de Barros, que casou com o Capitão Antonio José Teixeira, filho do Capitão Gonçalo Teixeira Cabral e de sua mulher D. Cosma de Araujo Bezerra e da successão se escreve em titulo de .....

Virgineo Rodrigues Campello, servio a El-Rei no Regimento do Recife e foi com seu pai ao soccorro da Colonia e depois passou a Capitão do Terço de Auxiliares da mesma Praça do Recife, onde morreu no anno de 1749, de uma estocada que lhe deram acodindo a apartar uma pendencia dos soldados do Matto Grosso. Casou e foi primeiro marido de D. Francisca Thereza de Jesus de Barros, filha do Capitão-mór Manoel Carneiro Leão e de sua mulher D. Rosa Maria de Barros, irmã de Roque de Barros de Mellos Telles, neta por via paterna de Francisco Carneiro Leão, natural do termo da cidade do Porto, e de sua mulher D. Luiza Barbosa, natural de S. Tiago de Carvalhosa, termo da mesma cidade, e por via materna do Capitão Ignacio de Barros e de sua mulher Vicencia de Carvalho.

Deste matrimonio nasceram:

Manoel Thomaz Campello, que continúa.

Virgineo Rodrigues Campello, adiante.

Joaquim José Rodrigues Campello, que casou com a filha de José Paes, adiante.

D. Rosa Maria de Barros casada com José Mendes da Silva.

Manoel Thomaz Campello, que casou com D. Francisca Margarida Diniz Bandeira.

Virgineo Rodrigues Campello, que casou com D. Rita Josepha de Jesus, filha do Capitão José Pedro dos Reis.

Felippe Rodrigues Campello, Cavalheiro da Ordem de Christo e Capitão do Regimento de Cavallaria. Foi casado com D. Maria Theodora de Barros irmã da mulher de seu irmão, ambas filhas do Capitão Manoel Carneiro Leão e de sua mulher Rosa Maria de Barros.

Deste matrimonio nasceram :

João Caetano.

Manoel Carneiro.

Felippe Rodrigues Campello.

D. Paula Maria de S. Pedro.

D. Anna ....

D. Anna.....

D. Florença Rodrigues Campello, que casou com o Capitão José Rodrigues Colasso, Familiar do Santo Officio, filho de João Rodrigues Colasso e de sua mulher D. Izabel Antunes, natural do lugar de Figueira, termo da Villa de Cadaval. Neto por parte paterna de José Colasso e de sua mulher D. Izabel Rodrigues, natural da Villa de Coimbra, e pela parte materna de Gil Esteves natural do lugar de Boussa de Louro, termo de Cadaval, e de sua mulher Maria Antunes, natural do lugar de Sobrena, termo da mesma villa.

Do referido matrimonio nasceu :

D. Anna Thereza.

D. Mauricia de Brito Campello, que casou com Francisco Xavier da Maia, Cavalheiro Fidalgo e Professo na Ordem de Christo, filho de Antonio da Maia, official maior da Secretaria do Conselho da Fazenda, e de sua mulher D. Pascoa Maria da Conceição ; deste matrimonio nasceram :

Antonio José da Maia Colasso, que continúa.

Francisco .... que morreu menino.

Antonio José da Maia Colasso, que casou com D. Anna Victoria, filha de João da Costa Monteiro, Cavalheiro da Ordem de Christo, Capitão-mór da Villa do Recife, e de sua mulher D. Paula Monteiro de Lima. (Vide titulo de Monteiros.)

§ 2º

DE JOSÉ PERES CAMPELLO

José Peres Campello, foi Familiar do Santo Officio e Tenente-coronel de um Regimento da Ordenança e tam-

bem servio na Camara do Recife. Foi filho de José Peres, segundo marido de D. Maria Domingues, irmã inteira de D. Nathalia Domingues, mãe do Sargento-mór Antonio Rodrigues Campello. Casou em Pernambuco com D. Catharina da Rocha de Barros, irmã inteira de D. Ignacia de Barros, mulher de seu primo o Sargento-mór Antonio Rodrigues Campello, ambas filhas do Capitão Francisco Rebello de Barros e de sua mulher D. Maria da Rocha de Barros.

Do referido matrimonio nasceram:

José Peres Campello, que foi Religioso da Ordem de Nossa Senhora do Monte do Carmo da Provincia da Observancia.

Thomé Peres, que falleceu moço.

D. Maria da Rocha Campello, qne casou com Miguel Gomes Correia, Cavalheiro Fidalgo, Professo na Ordem de Christo e proprietario do Officio de Escrivão da Fazenda Real de Pernambuco e de sua mulher D. Catharina Gomes de Figueiredo. (Vide titulo de quatro Cunhados.)

(Continúa.)

A SETEMBRISADA, A ABRILADA,

E

A guerra dos Cabanos

Apontamentos para a Historia Patria

POR

FELIX FERNANDES PORTELLA

A Setembrisada, a Abrilada e a Cabanada, tinham um só fim, e esse fim era a volta de D. Pedro I, ex-imperador do Brasil, que estava em Portugal esforçando-se para collocar no throno daquelle reino a sua filha a Senhora D. Maria da Gloria, cujo throno era disputado pelo principe D. Miguel irmão de D. Pedro.

§ 1º — CONFRONTEM-SE OS FACTOS. — Jacintho José de Mello (já fallecido) portuguez e antigo negociante estabelecido na cidade do Recife, e complicado na revolta—*Abrilada*—, confiou de nós, um antigo folheto quasi inintelligivel pela sua antiguidade, cujo folheto era manuscripto.

O dito Jacintho esteve preso e degredado no presidio da Ilha de Fernando de Noronha, sendo seus companheiros o tenente-coronel Salgueiro, Manuel de Mello, senhor do engenho *Muitas Cabras*, e outros complicados na *Abrilada*.

Vamos abrir uma vereda para assim alcançar a estrada da verdade, que tanto se tem arredado de nós. Vamos ver os factos como se passaram attendendo áquillo que assistimos quando jovem, e o que escreveram os nossos antepassados.

Foi por esse mesmo tempo que começou a desenvolver-se em Pernambuco, e nas outras provincias do Norte, um partido denominado —*regressista*— composto pela maior parte de portuguezes.

E o que pretendia este partido ? !

Seria porventura o regresso do governo absoluto ? !

Não certamente, attendendo-se, que em Portugal, e quasi todos os paizes do Universo, dominava já o governo representativo ; isto é, o governo do povo pelo povo.

E o que queriam então os *regressistas* senão a volta do ex-imperador D. Pedro I, para constituir um novo imperio no norte do Brazil, depois de ter collocado no throno do reino de Portugal sua filha a princeza D. Maria da Gloria ? (1)

Tendo-se feito a paz definitiva com a republica Cisplatina no anno de 1828, era bem natural fazer retirar do theatro da guerra os corpos que la estavam, assim como diminuir os corpos que excedessem das necessidades do Estado.

Para Pernambuco viéram os batalhões ns. 13 e 19 de caçadores, alem dos corpos que já existiam para a guarnição da praça, das villas e das fortalezas.

§ 2° — A SETEMBRISADA OU SUBLEVAÇÃO DA TROPA DE LINHA EM PERNAMBUCO. — Que a sublevação dos soldados dos corpos de linha, foi procurada e ageitada pelos *regressistas* e por agentes occultos assalariados, é o que não padece duvida alguma. Vamos mostrar esta verdade que tanto se tem occultado de nós.

Era Commandante das Armas em Pernambuco no tempo da *Setembrisada*, o patriota e activo brigadeiro, Francisco de Paula Vasconcellos ; mas o Sr. Paula tinha a grande falta, perante os *regressistas*, de ter concorrido

(1) Divergiam as opiniões a respeito do nome que devia ter o novo imperio ; queriam uns que fosse —Imperio do Equador—, queriam outros que se chamasse —Imperio de Amazonas—, e outros finalmente que se chamasse —Imperio do Rio do S. Francisco.

mui activamente para a abdicação de Pedro I, no dia 7 de Abril de 1831; mas para os soldados sublevados era elle um verdadeiro protector, e portanto não merecia ser desobedecido como foi pelos soldados sublevados na *Setembrisada*.

Esse só facto, pode bem provar que a sublevação dos soldados foi procurada por agentes occultos.

Os soldados sublevados foram batidos e desarmados pelos povo, e degredados para o presidio de Fernando de Noronha, e o commandante das armas Paula de Vasconcellos demittido sem razão plausivel, conseguindo assim os *regressistas* o que procuravam, a diminuição da tropa de linha no norte do Brazil.

Não havendo em Pernambuco tropa de linha sufficiente para fazer a guarnição da praça, pedio o presidente da provincia ao Exm. Ministro da Guerra que lhe mandasse alguma força para o dito fim.

No Rio Grande do Sul, na então villa de S. Pedro do Rio Grande do Sul, tinha ficado de guarnição o Batalhão n. 17 de Caçadores pertencente á provincia de Pernambuco, que contava ainda mais de 600 praças (1), a cujo batalhão eu pertencia com praça de cadete.

No principio do anno de 1831 recebeu o commandante do dito batalhão (2) ordem do Ministro da Guerra para embarcar e seguir com o seu batalhão para Pernambuco.

Em virtude de tal deliberação o Batalhão 17 embarcou em pequenos vasos para o porto de Santa Catharina, onde o esperava a fragata *Bahiana* e o brigue *Cacique*, sendo commandante da dita fragata o norte-americano Mr. Inglis, homem energico e deliberado no cumprimento dos seus deveres.

Pelos fins do mez de Dezembro de 1831, ancoramos no Lameirão, porto de Pernambuco. Fez-se signal para terra pedindo-se meios para fazer desembarcar o batalhão que já era esperado em Pernambuco por communicação do Ministro da Guerra.

Houve alguma demora, mas dahi a duas horas pouco mais ou menos, atracou na fragata uma lancha trazendo

(1) O Batalhão n 17 tinha embarcado para a campanha do sul com 723 praças em Julho do anno de 1827.

(2) Era commandante do batalhão o tenente-coronel José Joaquim Coelho.

um officio do presidente da provincia declarando que o presidente em conselho, por effeito duma representação dos negociantes da praça do Recife, tinha deliberado que o Batalhão n. 17 voltasse para o Rio de Janeiro.

Semelhante officio não fez móssa no animo do energico chefe Inglis, que respondeu como devia responder declarando — que elle sabia cumprir ordens dos seus superiores, e que tendo recebido ordem do Exm. Ministro da Marinha para conduzir o Batalhão n. 17 para Pernambuco, sómente o mesmo Ministro podia contrariar esta ordem, e portanto se não lhe dessem meios de fazer desembarcar o batalhão que conduzia, que neste caso elle iria fazer o desembarque em lanchas da fragata na fortaleza do porto de Tamandaré ou em Itamaracá, ou em outro qualquer porto desta provincia. Então convidou o commandante da fragata aos officiaes e cadetes para ouvirem ler a sua resposta, que mereceu geral approvação de todos.

Em consequencia da resposta do commandante da fragata, o presidente da provincia em conselho tomou a medida seguinte : Mandou dissolver o Batalhão n. 17, dando a cada um dos soldados excusas do serviço e uma guia para se retirarem immediatamente para as suas freguezias Havia porem dous obstaculos a vencer ; o primeiro era a falta de dinheiro para pagar os soldos atrazados das praças demittidas (1) por não haver na thezouraria geral dinheiro sufficiente para isso ; o segundo obstaculo era não haver na provincia tropa de linha para fazer a guarnição da capital.

Mas, tudo foi remediado pela vontade forte dos negociantes de Pernambuco. Quanto ao primeiro obstaculo os negociantes da praça do Recife descontaram bilhetes da Alfandega afim de poder pagar-se o soldo dos soldados ; quanto ao segundo obstaculo os corpos de milicia sujeitaram-se a fazer a guarnição da praça nos domingos e dias santos.

Os soldados foram então desembarcados por secção de companhias, e depois de desarmados e pagos de seus vencimentos atrazados, recebiam uma guia para seguirem immediatamente para as suas freguezias, commettendo-se deste modo um verdadeiro attentado contra as garantias

(1) Devia-se ao Batalhão n. 17 quasi dous annos de soldo de campanha.

constitucionaes do cidadão brasileiro, previsto no Artigo 179 § 1º da Constituição do Estado, e nem se attendeu que o Batalhão n. 17 não tinha tomado parte na sublevação de Setembro ! ! !

Desde a *Setembrisada* em que ficou a cidade do Recife sem força sufficiente para fazer a guarnição da praça, suppriam esta falta os batalhões de milicia que faziam a guarnição nos domingos e dias santificados.

§ 3º — A ABRILADA OU REVOLTA DOS PORTUGUEZES EM PERNAMBUCO.—Em um domingo do mez de Abril de 1832 em que tinha feito a guarnição da praça o 1º Batalhão de milicias composto pela maior parte de portuguezes, pelas quatro horas da madrugada, abandonaram todas as guardas (1) e reunidos a outros que vinham chegando armados e fardados, seguiram com passos accelerados para o bairro do Recife, e para estarem mais seguros, arrancaram o estivamento da ponte na distancia de 4 a 5 braças. Na antiga Alfandêga fizeram elles um entrincheiramento, tirando para isso as saccas de algodão, que estavam na inspecção para embarcarem, cujo entrincheiramento tinha face para o antigo palacio do Collegio. Uma porção de sublevados marchou pelo isthmo de Olinda e apoderou-se da fortaleza do Brum e do Buraco sem resistencia alguma, mostrando assim ter havido accordo com os commandantes das ditas fortalezas.

No Arco da Conceição collocaram elles uma peça de artilharia de pequeno calibre, sendo commandada a dita peça pelo major Livramento do corpo de artilharia, cuja peça fazia fogo sem motivo algum para o bairro de Santo Antonio. Das fortalezas do Brum e do Buraco faziam elles incessante fogo de metralha contra os transeuntes homens e mulheres; parecia que tinhamos tocado a meta do barbarismo, pelo mau proceder dos nossos hospedes os portuguezes.

Por espaço de tres dias o commercio esteve paralysado, as repartições publicas fechadas, e as familias inteiramente privadas de mandarem comprar o necessario para o sustento diario.

Um tal estado de cousas era grave. gravissimo, e não podia perdurar, e era preciso deliberar com toda a effi-

(1) Este facto mostra bem claramente que houve combinação.

cacia, e por isso alguns proprietarios e funccionarios publicos formando commissões de salvação publica, dirigiram-se ao governo da provincia pedindo promptas medidas para fazer sanar tão grande mal; então o presidente da provincia em conselho deliberou a seguinte medida:

Que não havendo no Recife força sufficiente para atacar os revoltosos acastellados no bairro do Recife, fosse convidado e armado o povo dos outros bairros da cidade para o fazer sem demora, e para o que foram nomeadas commissões espalhadas pelas ruas, afim de induzir o povo, designando-se o lugar da reunião, que era na antiga rua do Collegio, hoje rua do Imperador, e para cujo lugar corria o povo pressuroso e armado, comparecendo eu tambem para fazer parte da patriotica empreza. Para commandar em chefe, e dirigir o povo ao seu destino, foi nomeado o então coronel José Joaquim Coelho, que promptamente acceitou a commissão.

Estando o povo reunido no lugar que lhe fora designado, era preciso ser armado e municiado no Arsenal de Guerra, cuja entrada era na rua da Praia, mas por ahi não se podia entrar por causa do fogo que faziam os revoltosos das trincheiras da antiga Alfandega, e então seguio para a Pracinha do Livramento, onde existia nesse tempo um portão que dava entrada franca para o Arsenal de Guerra e ahi o povo recebeu armas e munições, e eu tambem que vestia o meu antigo fardamento com as insignias de cadete, e então o povo assim armado e municiado retrocedeu outra vez em numero de 400 a 450 pessoas e fez pausa na rua Collegio, prompto para marchar.

Pelas 9 horas da manhã compareceu o chefe Coelho montado a cavallo, com algumas ordenanças de cavallaria e dous officiaes ajudantes de ordens, e depois duma ligeira exposição em que mostrava a razão daquella reunião, separou uma porção do povo para guarda avançada, e outra maior porção para marchar na rectaguarda, com elle chefe na frente. O telegrapho da torre do Collegio fez o signal convencionado para Olinda, donde tambem devia marchar outra força composta de estudantes do Curso Juridico e diversos moradores daquella cidade. Então o chefe com a espada na mão acenou e em altas vozes disse: —*Avança! Avança, camaradas!*, e então tudo se moveu.

A guarda avançada ao chegar na embocadura do Arco

de Santo Antonio deu uma descarga com pontaria para o Arco da Conceição afim de deslocar os revoltosos que alli estavam fazendo fogo, cuja medida produzio bom resultado Ao chegar a guarda-avançada no meio da ponte retrocedeu com passos acelerados gritando: — *A ponte está cortada! A ponte está cortada! Não ha por onde passar!* E então o valeroso chefe interrogou: *E as madres da ponte tambem estão cortadas?* *Não*, foi a resposta. *Então podemos passar* (1) e poz-se na frente, com a espada na mão, picou o cavallo, transpoz a abertura e voltando-se para o povo gritou: *Imitai-me camaradas! No Arco da Conceição não tem mais ninguem, já fugiram todos!* e então o povo desfilou por cima das madres com a maior facilidade.

No Arco da Conceição não havia mais ninguem, a peça de artilharia estava abandonada e o major Livramento, commandante della foi encontrado morto, alem de mais dous outros soldados de milicias dos amotinados. Então o povo armado derramou-se pelas ruas e principiou o morticinio dos amotinados com a maior severidade. Quando chegamos ao Arco do Bom Jesus já encontramos com a columna de Olinda dando vivas aos brasileiros, depois de haverem tomado sem resistencia alguma as fortalezas do Brum e do Buraco. Então o massacre contra os amotinados tornou-se geral, não se dando quartel aos portuguezes onde fossem encontrados.

Já por fim alguns dos amotinados procuravam fugir para os navios ancorados em nosso porto, mas esse mesmo meio de salvação tornou-se impossivel, porque o povo fazia fogo para as lanchas e jangadas quando suspeitava que conduziam sublevados fugitivos, por isso os moradores não se quizeram mais prestar a transportal-os por interesse algum.

Constando ao chefe Coelho que eram mortos ainda mesmo os soldados de milicia que se entregavam prisioneiros voluntariamente, ordenou que não fossem mortos e sim conduzidos para a Cadeia para serem interrogados na futura devassa que se ia abrir, afim de se descobrir a origem daquella revolta e os seus cumplices. Mas os conductores eram tão malignos que ao chegarem á abertura da ponte, onde tinham arrancado o estivamento, mandavam

(1) As madres da ponte tinham perto de dous palmos de largura.

aos presos que passassem para o outro lado e não sendo possivel fazel-o, empurravam o preso e elle cahia sobre as ostras e era levado pela corrente das aguas na enchente ou vasante da maré.

Pelas duas horas da tarde o chefe mandou tocar pelos cornetas cessar fogo e reunir, sendo o lugar da reunião na rua da Cadeia Velha, e então separou alguma gente para conduzir os cadaveres que estavam espalhados pelas ruas para a igreja da Madre de Deus, cujos corpos eram arrastados e puchados pelas pernas como judas em sabbado de Alleluia; e a tudo isto assistimos.

As duas horas e meia da tarde começou a retirar-se o povo armado, tendo o governo já mandado assentar taboas na abertura da ponte. E' certo que o derramamento de sangue de tantos pais de familia podia ser evitado attendendo-se que os revoltosos não se podiam sustentar por muitos dias encurralados no bairro do Recife.

Mas, a offensa foi grande e grande devia ser a desforra, e deste modo terminou a *Abrilada* para principiar:

§ 4º — A CABANADA OU GUERRA DOS CABANOS. — O mau e triste resultado da *Abrilada* não fez móssa no animo dos *regressistas* do Brasil; elles persistiram na empreza pela guerra de emboscada nas mattas de Pernambuco e Alagôas, em Panellas de Miranda —Pernambuco— e Jacuipe —Alagôas— tendo por chefes do movimento insurreccional Vicente Ferreira de Paula, Antonio Thimoteo, João Thimoteo, Caetano Alves e outros caudilhos, e na provincia de Alagôas o capitão-mór dos indios de Jacuipe e na Barra Grande João Baptista, conhecido por João Baptista da Barra Grande, que era quem recebia armamento e cartuchame para os *cabanos*, cujos objectos vinham do Recife e de Alagóas.

Em Agosto ou Setembro de 1832, Vicente de Paula com outros caudilhos invadio a povoação de Panellas de Miranda e nella fez construir uma famosa trincheira, mandando tambem construir outras trincheiras em Cafundó, Brejo Velho e Catende. Em Jacuipe os indios tambem levantaram outra trincheira no povoado deste nome.

Dos acampamentos dos *cabanos* sahiam forças para roubar pelas estradas e pelos engenhos dos quaes seduziam e tiravam os escravos com a promessa de ficarem forros

e com cujos escravos formaram um corpo denominado dos *papa-meis*. (1)

E o que queriam os cabanos ? !

Quem lhes mandava armamento e cartuchame e roupa para vestirem ? !

Eram certamente os *regressistas* por meio dos seus agentes.

Tendo o presidente da provincsa noticia do quanto se passava no interior da mesma provincia, mandou uma pequena força com destino a Panellas de Miranda, cuja força ao chegar á então povoação de S. José de Bezerros, foi a noite agredida por uma força de paizanos armados, que desarmou os soldados e prendeu o official, o qual foi pela manhã solto, sendo autores desse facto alguns portuguezes, como depois se soube por pesquizas feitas.

A par desse grave acontecimento iam chegando outras noticias do interior da provincia, mostrando com a maior evidencia que a guerra dos *Cabanos* progredia com a maior intensidade possivel, resultando disso a decadencia da nossa agricultura e commercio ; era portanto necessaria uma medida dos altos poderes do Estado, e assim succedeu. Não havendo, porém, na provincia tropa sufficiente para marchar para o interior, o presidente da provincia em conselho fez augmentar o Corpo de Permanentes, engajando-se de preferencia aos homens instruidos na arte da guerra, para o que espalharam se agentes pelas ruas da cidade, que convidavam as pessôas habilitadas para se engajarem no Corpo de Permanentes, e sendo eu tambem convidado para isso, aceitei prestando-me ainda uma vez aos reclamos da patria afflicta, não obstante já estar empregado em uma casa commercial.

Dentro de quinze dias estava prompto para marchar um corpo de cerca de 200 homens pouco mais ou menos.

Para commandar o corpo foi nomeado o tenente-coronel dos Permanentes José Francisco Vaz de Pinho Carapeba. Pelo meiado do mez de Setembro pouco mais ou menos do anno de 1832, seguio o corpo com destino a Panellas de Miranda, pernoitando na então villa de Santo Antão e na manhã do dia seguinte seguimos para Bezerros,

---

(1) Assim chamados porque occupavam-se em tirar mel de abelhas para comerem.

onde pernoitamos, e dahi seguimos para o povoado de Bebedouro, onde nos demoramos alguns dias para reunir novos contingentes vindos dos outros lugares, como de facto succedeu. De Cimbres chegou o então capitão da Guarda Nacional Francisco Albuquerque Cavalcante Camboim, hoje Barão de Buique, com alguns indios e outras pessoas engajadas. Do Altinho chegou o valente Dionisio Rodrigues Jacobina com outro reforço. De Caruarú e do Bonito tambem se nos reuniu alguma gente devidamente armada. De Alagôas (Maceió) chegou o capitão Fortes com uma peça de artilharia de pequeno calibre assim como alguns soldados de artilharia.

Dispondo nós de uma força de cerca de 500 homens pouco mais ou menos, marchamos para Panellas de Miranda no dia 15 de Outubro de 1832 pelas 6 horas da manhã, depois de ter o chefe Carapeba separado alguma gente para batedores para desfazer as guerrilhas que os *Cabanos* porventura tivessem postos nos flancos das estradas por onde deviamos passar, medida esta que produzio bom resultado porque com effeito os *Cabanos* tinham posto guerrilhas pelos lados das estradas por onde deviamos passar.

Chegamos finalmente na entrada da povoação de Panellas de Miranda, soffrendo a nossa gente apenas alguns ferimentos.

Avistando-se as trincheiras deu-se sobre ellas uma descarga de mosquete, e então o capitão Fortes seguiu para a frente com a peça de artilharia ; deu alguns tiros sobre as trincheiras, mas na occasião em que fazia pontaria para a trincheira foi ferido com uma balla na bocca, que lhe arrancou dous dentes e ficou na bocca por ser de arma fina, e por isso poude conservar-se no seu posto de honra militar até o fim da luta.

Com o ribombo da peça de artilharia, os *Cabanos* aterrados abandonaram as trincheiras e a povoação para se entranharem pelos mattos, deixando alguns mortos e entre estes foi achado um tal Manoel Colete, official de Vicente de Paula.

Por via de alguns fugitivos, soube-se que os *Cabanos* estavam se fortificando em Cafundó, Brejo Velho e Catende, onde tinham levantado formidaveis trincheiras, assim como soube-se que dos engenhos continuavam a fugir os escravos para augmentar o corpo dos *Papa-meis.*

Soube-se tambem que do Recife tinha sido remettido aos *Cabanos* armamento e cartuchame, cujos objectos tinham desembarcado na Barra Grande. E vendo então o chefe Carapeba que a guerra dos *Cabanos* tinha ainda de durar por algum tempo, tomou as seguintes medidas: — Estabeleceu o seu quartel general na então povoação do Altinho, 7 leguas distante de Panellas de Miranda, em cuja povoação do Altinho foi creada uma pagadoria e commissariado de viveres, bem como um hospital militar; e então o chefe Carapeba pediu ao presidente da provincia, que lhe mandasse novos contingentes afim de com vantagem poder-se commetter os entrincheiramentos de Brejo Velho, Cafundó e Catende, cujos contingentes foram remettidos, vindo entre estes alguns soldados que tinham sido degradados na ilha de Fernando de Noronha como complicados na *Setembrisada*, e então as trincheiras de Cafundó, Brejo Velho e Catende foram vigorosamente atacadas, com algum prejuizo para a nossa gente, que eram os atacantes.

Para que os *Cabanos* não se reanimassem, nem se entrincheirassem em parte alguma, foram creadas companhias do batedores volantes e nesse serviço muito se distinguiram o tenente Victor e o indio Agostinho Cabral, e o capitão José Alves de Moraes, commandante das companhias de batedores.

Estamos chegados ao mez de Abril de 1833 em que um grave acontecimento se deu na povoação do Altinho, do qual resultou a morte do chefe Carapeba, foi o seguinte:

Parecia a todos que a *Guerra dos Cabanos* tinha tocado ao seu termo final: foi engano como vamos ver.

De quando em vez o presidente da provincia remettia para o Altinho dinheiro para pagar os soldos e para comprar gado, farinha de mandioca, etc., assim como mandava fardamento, cartuchame e medicamentos para o hospital, cujo recebimento dos objectos devia ser accusado pelo chefe na forma da pratica.

E então os *Cabanos*, por meio dos seus agentes e espias, souberam que o chefe Carapeba tinha de vir ao Altinho para responder aos officios em virtude duma remessa que alli tinha chegado de dinheiro e outros objectos.

O dito Carapeba, quando chegava ao Altinho ia hos-

pedar-se em uma grande casa assobradada, pertencente a um tal Benevides, em cuja casa tambem residia o capitão do Corpo de Permanentes, Bento José Fernandes Barros o tenente do mesmo corpo Luiz da Costa Porto Carreiro, assim como a musica do mesmo corpo, devidamente armada e municiada para se defender quando fôsse necessario.

Em um dia do mez de Afiril do dito anno de 1833, pela Semana Santa, ás quatro horas e meia da manhã, quando a nossa gente ia para a promptidão no lugar do costume, que era entre os paredões duma começada Igreja, que hoje serve de Matriz, foi recebida por uma descarga dada pelos *Cabanos* que ali estavam occultos.

Em vista de tal aggressão, a nossa gente retrocedeu pelo flanco esquerdo, e o sargento Carneiro, que a commandava, voltou na carreira para o quartel para avisar a nossa gente, que alli tinha ficado e onde eu tambem me achava.

§ 5º — PERIGOSA SITUAÇÃO EM QUE ME ACHEI NESTA OCCASIÃO E COMO ME PUDE SALVAR. — Logo que foi atacada a força que estava de promptidão, o sargento Carneiro, seu commandante, correu pressuroso para o quartel afim de avisar a nossa gente, que alli tinha ficado de guarda, do succedido, e então foi gritando : *Alerta ! Alerta gente, que fomos atacados pelos Cabanos !*

Eu tinha sahido de sentinella e me tinha deitado em uma cama feita duma taboa assentada sobre forquilhas ; fiz da farda travesseiro enrolando-a no bonet, puz a patrona e o cinturão sobre um torno que alli havia, e debaixo do torno puz a granadeira, que estava carregada.

Cabe aqui notar que, por economia, usavamos eu e alguns camaradas de camisas feitas de riscado encarnado e os *Cabanos* tambem usavam de camisas tingidas com as cascas de arueira e outras arvores.

Logo que o sargento Carneiro chegou ao quartel dando o alarma, eu me levantei um tanto atordoado e não pude acertar nem com a farda nem com o bonet, que tinham escorregado para debaixo da cama ; não quiz perder tempo no meio do perigo, e em mangas de camisa como estava e sem bonet, lancei mão da patrona e da granadeira, e perguntei ao sargento Cnrneiro : *Onde está a nossa gente ?*

afim de me reunir com elles; respondeu então o sargento: *No lugar da promptidão, nos paredões da nova Igreja.*

Esta distava do quartel cerca de duzentos passos pouco mais ou menos, e então, em correndo para lá, fui encontrando grupos dispersos que, por estar ainda escuro, não pude bem distinguir que gente era, e sempre suppondo que fosse da nossa, por isso me veio á lembrança perguntar: *Onde estão os Cabanos?* mas, antes de fazer a pergunta, ouvi uma voz, que sahia do grupo em que me achava dizer: *Ataca quartel, mata patriota, avança, avança camaradas!...* Mas ninguem seguia e ficaram em consulta como d'antes, e então conheci que me achava entre os *Cabanos*; descancei a arma e puz-me a pensar no que devia fazer para me livrar da morte.

Eis que um *cabano*, que estava junto de mim, pensando que eu pertencia ao seu grupo, bateu-me com a mão nas costas dizendo: *Que faz em pé camarada? Avança, avança para o quartel dos patriotas!*

Então eu aproveitando essa occasião corri para o quartel e ninguem seguio commigo e ficaram ainda em consulta; ao approximar-me gritaram do quartel:

Quem vem lá? Quem vem lá? Faça alto!

Diziam outros: *E' cabano! Faz fogo!*

Respondi immediatamente: *E' camarada! E' o Portella!* e entrei para o quartel.

Perguntando-me o sargento: *E que gente é aquella que está defronte de nós?* respondi que eram *Cabanos* e que estive no meio delles, mas que não me conheceram por estar sem farda e sem bonet e ser a minha camisa encarnada. *Que felicidade!* responderam alguns camaradas.

E não falta mais ninguem? disse o sargento.

Não; só faltava o Portella e este já chegou.

Então faz fogo para a frente! e rompeu o fogo com intensidade.

Os *Cabanos* que estavam em nossa frente recuaram para o flanco esquerdo para se abrigarem em umas casas começadas, donde faziam fogo para a casa do Benevides onde estava residindo o chefe Carapeba e o seu estado maior.

Já vinha amanhencendo o dia e o fogo dos *Cabanos* ia diminuindo por falta de cartuchame, visto como elles não conseguiram apoderar-se das nossas reservas como

pretendiam, segundo declarou um prisioneiro que cahio em nosso poder.

Tendo moderado o fogo dos *Cabanos*, como já ficou dito, o Carapeha dispoz-se a sahir para o quartel afim de dar algumas providencias, ao chegar na porta da rua os soldados, que estavam alli de sentinella, requereram que elle não sahisse porque pela porta tinham entrado muitas ballas dos tiros dos *Cabanos*; mas, elle Carapeba não fez caso do aviso, e foi sahindo pondo a espada na cinta, e nessa occasião foi ferido por uma bala que lhe partiu o osso da côxa esquerda perto da verilha, cahindo immediatamente sem poder dar mais um passo, e então os soldados o conduziram para dentro da casa. No quartel nada se sabia do ferimento do Carapeba, entretanto que se faziam grandes esforços para impedir o assalto na casa onde elle estava residindo.

A's sete horas da manhã, quando o fogo já estava muito moderado, o capitão Camboim (hoje Barão de Buique) saltou para fora do quartel com alguns soldados, e nessa occasião foi ferido por uma bala que lhe partio o osso da canella, assim como foi ferido o sargento Carneiro e eu, na mesma occasião de sahir do quartel, com dous bastardos na côxa direita, que não me privou de continuar na luta até o fim, emquanto a inflammação não apparecia como depois appareceu com intensidade.

Foi de muito proveito a coadjuvação das praças que estavam convalescendo no hospital, em numero de 20 a 25 as quaes tomando as suas armas sahiram para a luta, commandadas pelo cirurgião Verissimo que muito se distinguiu.

As nove horas da manhã a povoação do Altinho continha mais de 200 homens dos quarteirões de fóra dirigidos pelos respectivos inspectores, quando não havia mais com quem brigar, porque os *Cabanos* já se tinham retirado O nosso prejuizo foi de 8 homens mortos e 2 extraviados, e entre os mortos deve-se contar o Benevides, que foi encontrado morto em seu sobradinho por effeito duma bala perdida; tivemos mais dez feridos entre os quaes o Carapeba.

Quanto ao prejuizo dos *Cabanos* não foi possivel conhecer-se porque elles costumavam a conduzir os seus mortos

e feridos, e todavia foram encontrados alguns mortos pelos mattos perto da povoação.

Tendo-se aggravado muito a ferida do chefe Carapeba foi por isso conduzido para o Recife pelos soldados e passado alguns dias falleceu.

E conhecendo o presidente da provincia que a *Guerra dos Cabanos* ainda tinha de demorar-se, pedio e obteve do governo geral amnistia para os soldados que estavam degradados na ilha de Fernando de Noronha por causa da *Setembrisada* ; e mandou que o commandante das armas — José Joaquim Coelho— marchasse com alguma gente para a então povoação de Agua Preta, e fazer alli um ponto fixo para dirigir as operações.

Em Alagôa dos Gatos foi creado um ponto, sendo commandante delle o major Aleixo José de Oliveira.

As companhias de batedores continuavam a prestar relevantes serviços, não consentindo que os *Cabanos* se estabelecessem em ponto algum.

Mas um tal estado de cousas não podia perdurar, attendendo que era muito dispendiosa para os cofres publicos mandar dar caça á homens fugitivos e occultos nas florestas desta e da provincia de Alagôas, em consequencia do que foram retiradas do theatro da guerra as praças do Corpo de Permanentes, ficando sómente a tropa de linha dividida em companhias de batedores, e deste modo o commandante das armas tambem se retirou de Agua Preta onde não tinha o que fazer.

Estamos chegados ao principio do anno de 1834, em que era presidente desta provincia o patriota Manoel de Carvalho Paes de Andrade. Pelo meiado de Janeiro do dito anno começaram a reunir-se alguns individuos no Campo do Erario ou Palacio Velho; pelas oito horas da manhã compareceram os dous Carneiros, Antonio e Francisco, montados a cavallo, e fardados, conduzindo alguns soldados da Guarda Nacional, dos quaes eram commandantes, fazendo reunir o povo, que já alli estava, declarou então Antonio Carneiro que aquella reunião tinha por fim exigir do presidente da provincia promptas medidas para acabar com a revolta dos *Cabanos*, que tanto tinha flagellado esta provincia.

Eu tinha chegado do acampamento com outros companheiros do Corpo de Permanentes, e sabendo daquella

reunião fui assistir por méra curiosidade, mas não quiz assignar o abaixo-assignado que ahi se promoveu.

O presidente Manoel de Carvalho sabendo que o povo estava reunido afim de lhe dirigir uma petição, montou a cavallo, e com duas ordenanças de cavallaria, dirigio-se pàra o Campo do Erario onde a gente estava reunida, e então appareceu Antonio Carneiro, que em altas vozes de. clamou, mostrando com vivas côres o desgraçado estado a que tinha chegado a provincia de Pernambuco por falta de medidas dos altos poderes do Estado, e essas medidas era o que o povo alli reunido exigia do presidente da provincia.

E então o presidente respondeu que ninguem desejava mais do que elle a terminação da *Guerra dos Cabanos*, que tanta flagellava esta provincia digna de melhor sorte, e portanto estava disposto a fazer alguma cousa para acabar com a *cabanada*, e por isso desde já convidava aos Srs. Carneiros, patriotas bem couhecidos, para o coadjuvarem na empreza, marchando com elle presidente para o interior da provincia ; houve então uma especie de reconciliação, dando Antonio Carneiro vivas ao presidente da provincia, sendo correspondido pelo povo com euthusiasmo.

Ao despedir-se Antonio Carneiro declarou que dentro de quinze dias estaria prompta uma força do seu batalhão (Guarda Nacional) para marchar com elle presidente.

Dentro de quinze dias tinha-se preparado a expedição composta do Corpo de Municipaes Permanentes, sendo commandante delle o tenente-coronel Francisco Antonio de Sá Barreto, que tinha substituido o Carapeba.

Ainda não tinham completado dous mezes, que eu tinha chegado no Recife para descançar das fadigas da guerra e gosar dos prazeres da cidade no seio da familia, e assim acabar de cicatrisar as minhas feridas recebidas no ataque do Altinho, quando fui obrigado a seguir outra vez para caçar *Cabanos* fugitivos no meio das florestas ; si era essa a minha sorte, devia cumprir o fado.

No dia designado seguiu o Corpo de Permanentes para o engenho *Ilha de Mercês*, e alli passou um dia para receber os outros contingentes, como de facto alli renniram-se-lhe os Corpos da Guarda Nacional commandados, um por

Antonio Carneiro e outro pelo seu irmão Francisco Carneiro, e então seguimos juntos e comnosco o presidente da provincia Manoel de Carvalho, trazendo comsigo os seus dous filhos João e Luiz como ajudantes de ordens, assim como o major do corpo de artilharia Joaquim José Luiz de Souza, e fomos acampar no engenho *Limeira*, situado á margem do rio Una ao lado meridional, chegando depois para se encorporar o tenente-coronel Henrique Pereira de Lucena, com um corpo de Guardas Nacionaes de Limoeiro.

Os *Cabanos* tinham levantado uma formidavel trincheira, feita de paus a pique, na povoação de Jacuipe da provincia de Alagôas, para cuja provincia elles *Cabanos* tinham afluido depois de serem perseguidos em Pernambuco pelas nossas forças.

Para dirigir as operações foi nomeado Joaquim José Luiz de Souza, coronel em commissão, que dando então as suas ordens, nos fez marchar para Jacuipe passando o rio Una em jangadas.

A's oito horas da manhã chegamos perto da povoação de Jacuipe, e encontramos um profundo valado que circumdava a povoação ; mas, este foi transposto sem difficuldade no meio do fogo que os *Cabanos* faziam sobre nós, e quando chegamos ás trincheiras achamol-as abandonadas e os *Cabanos* tinham fugido por uma abertura que havia do lado opposto das trincheiras.

O nosso prejuizo foi apenas de alguns feridos levemente, porque os tiros dados pelos *Cabanos* eram pela maior parte dados com armas finas.

Seriam dez horas da manhã, pouco mais ou menos, quando ouvio-se uma corneta tocar nos baixos da povoação (1) do lado do sul. Houve então uma especie de rumor entre a nossa gente e com pouco descobrio-se uma força de paisanos armados que avançava procurando a povoação e sobre a qual a nossa gente fez fogo ; mas, o chefe Joaquim José Luiz mandou tocar « cessar fogo », gritando : *Aquella gente é nossa ! E' a columna de Alagôas que nos vem coadjuvar !*

---

(1) A povoação de Jacuipe está situada sobre um monte.

Apparecendo gritos de: *Estamos trahidos!* e gritando outros: *Joaquim José Luiz sempre foi corcunda!* mandou o chefe tocar por um corneta o signal convencionado, que foi correspondido satisfactoriamente, e então tudo se acalmou e a columna de Alagôas fez a sua entrada na povoação.

Não havendo no povoado de Jacuipe casas para tanta gente (1), foi tirado do Corpo de Permanentes e dos soldados vindos de Fernando de Noronha um destacamento de cerca de cem homens, commandados por um capitão e dous subalternos, e o restante da gente voltou para o engenho *Limeiras*, onde tinha ficado o presidente Manoel de Carvalho, retirando-se tambem a gente que tinha vindo de Alagôas.

De *Limeiras*, depois de passados alguns dias foram dispensados os corpos de Guarda Nacional, tanto os do Recife como tambem os de Limoeiro, ficando sómente em *Limeiras* algumas praças do Corpo de Permanentes.

O presidente Carvalho demorou-se ainda alguns dias, mas depois tambem retirou-se e com elle o commandante do Corpo de Permanentes, ficando em *Limeiras* um destacamento commandado pelo capitão de Permanentes Feliciano Joaquim dos Santos.

A tropa que tinha ficado em *Limeiras* e Jacuipe occupava-se em fazer descobertas nas mattas desta provincia e na de Alagôas, para impedir que os *Cabanos* se reunissem e se fortificassem em qualquer ponto, no que se commettiam toda a sorte de violencias e arbitrariedades como vamos ver e lastimar.

O presidente da provincia, attendendo que os *Cabanos* se tinham tornado incorrigiveis, adoptou as medidas seguintes: Que todas e quaesquer pessôas, homens ou mulheres, que fossem encontradas nas mattas ao sul do rio Una até a Barra Grande, fossem tiradas de suas moradias sendo os homens remettidos para a Fortaleza de Tamandaré, afim de dalli serem transportados para o norte da provincia, e as mulheres e meninos para os povoados e engenhos que ficam aquem do rio Una.

E o que faziam os conductores? Faziam presente aos amigos dos meninos e meninas, que podiam prestar algum

(1) Eram perto 1,000 homens.

serviço; os mais pequenos ficavam em poder das mães e as moças entregues á prostituição.

As noticias chegadas de Portugal eram favoraveis á causa de D. Pedro, que afinal conseguira collocar sua filha D. Maria da Gloria, no throno daquelle reino; D. Pedro, porem, não poude sobreviver por muitos dias e falleceu a 24 de Setembro de 1834, tendo apenas 35 annos, 11 mezes e 12 dias de idade, e desde então as esperanças dos *regressistas* ficaram dissipadas, e a *Guerra dos Cabanos* não teve mais razão de ser.

Em principios do anno de 1835 existiam ainda algumas praças do Corpo de Permanentes e dos soldados que tinham vindo de Fernando de Noronha, em Jacuipe e em *Limeiras*, mas estes mesmos foram retirados por occasião da *Carneiradada*, isto é, por occasião da revolta dos Carneiros contra o presidente Manoel de Carvalho, que mandou buscar a dita gente para a sua defesa, que muito approveitou na manutenção da ordem publica.

Estamos chegados finalmente ao anno de 1836; a revolta dos *Cabanos* estava inteiramente extincta por falta de motivo que autorisasse a sua continuação; mas, Vicente de Paula ainda se conservava occulto nas mattas para onde fugiam os escravos dos engenhos para se pôrem a seu serviço, e por isso conservavam-se alguns destacamentos nos povoados do interior da provincia em prejuizo dos cofres publicos. Um tal estado de cousas não podia perdurar e exigia promptas medidas, e estas foram as seguintes:

No mez de Julho para Agosto chegou na Villa do Bonito o Exm. Sr. D. João da Purificação Marques Perdigão, e hospedou-se em casa do advogado Joaquim José Esteves, e dahi mandou um expresso com uma carta a Vicente de Paula, pedindo-lhe uma entrevista no lugar que fosse designado. Vicente de Paula respondendo a carta do Bispo designou o lugar para a entrevista no dia que para isto fosse marcado. Então o Bispo, acompanhado sómente do seu guia, para lá se dirigiu; tiveram uma conferencia que durou apenas uma hora, e ficou assentado que Vicente de Paula seria amnistiado e deixaria as mattas, e assim succedeu, sendo por isso restituidos alguns escravos fugidos aos seus legitimos senhores.

Ao restituir ao Sr. Jacintho José de Mello o manuscripto, que de mim havia confiado, disse-me elle:

— Então, Sr. Portella, leu com attenção os meus apontamentos sobre os verdadeiros motivos que deram causa á revolta dos portuguezes, conhecida por *Abrilada* ?

— Sim, li tudo, respondi eu.

— Então conheceu que as intenções dos revoltosos eram justas e vantajosas para Pernambuco? O que diz, Sr. Portella ? !

— Digo que as intenções dos revoltosos eram bôas ; mas, os fins maus e inopportunos.

— E porque ? repetiu o Jacintho.

— Porque o Brasil, não obstante a sua immensa extensão de territorio, que daria certamente para quatro grandes Estados, não tem todavia população sufficiente para constituir dous Imperios. A população do Brasil não excede de onze milhões de habitantes inclusive os indios que vivem nas mattas, que não concorrem para as despezas do Estado, e o que ficaria para constituir o novo Estado e Estado monarchico, attendendo-se que na parte separada do Rio S. Francisco ao Amazonas a população é menos densa e não excede a quatro milhões de habitantes inclusive os selvagens, e não daria certamente para os encargos dum Estado monarchico ; seria então indispensavel tributar o povo até o infinito, o que teria como resultado continuas revoluções, attendendo-se a que ninguem é obrigado a dár mais do que tem, nem fazer mais do que póde.

— Mas, a população seria augmentada por correntes de immigração expontanea, disse ainda Jacintho.

— Engano manifesto, Sr. Jacintho, disse eu. Lembre-se o meu amigo, que ninguem procura os seus proprios males para ser infeliz ; é melhor sel-o na patria em que nascemos. E então, fique certo, Sr. Jacintho, que nós os brasileiros é que emigrariamos para os Estados Unidos da America do Norte e para os Estados do Prata, depois de grandes e continuas revoluções.

E' certo, porem, que a cidade do Recife, a guarda avançada da America Meridional, pela sua feliz posição geographicá, está no caso de vir a ser um grande emporio de movimento commercial ; esperemos, pois, e si não fôr para nós será para os nossos filhos ; mas, quando ? Quando o nosso systema tributario fôr modificado rigorosamente para que não degenere em verdadeira extorsão, como já

está succedendo, e neste caso não é possivel esperar colonisação expontanea, a unica que nos pode servir.

— Para que isso possa succeder, disse o Jacintho, é indispensavel que no nosso parlamento se representem as classes productoras, como bem a classe dos agricultores e a dos negociantes e a dos artistas, entrando tambem em proporção a classe dos letrados — os bachareis formados, e não serem estes sómente os legisladores que, protegendo-se mutuamente, tem creado grande numero de termos e comarcas em qualquer pequeno povoado, o que o paiz não pode comportar. Este ponto de economia politica já foi discutido em uma reunião em que me achei; o que diz ? !

— Digo-lhe que é verdade que se tem creado no Brasil grande numero de comarcas, termos e freguezias, sem necessidade, e que trazem grandes despezas para o Estado; mas, que os bachareis formados não são os culpados e sim o governo geral, que nomeia juizes para taes termos e comarcas ; mas, concordo que para taes abusos deve haver uma providencia. Lembro-me de ter lido que nos Estados Unidos da America do Norte não se póde crear um novo Estado sem que primeiro se prove que o novo Estado póde manter-se por si mesmo sem prejuizo das despezas para manter a União.

E' porque, Sr. Jacintho, alli tudo se rege pelos principios do verdadeiro socialismo, que tem por norma a equidade. E' porque alli comprehende-se perfeitamente que o equilibrio é a lei suprema que rege todas as cousas divinas e humanas, e que pelo equilibrio é que os corpos se sustentam. Alli trabalha-se para adquirir colonos e aqui para afugental-os com tributos immoderados. Nas sociedades bem constituidas o imposto em sua applicação é como que dinheiro dado a premio, que volta para a bolsa do contribuinte sempre accrescido, posto que indirectamente, e se assim não fôra o pacto de sociedade seria uma uzura e uma uzurpação intoleravel.

Temos no Brazil muitas Villas e Cidades, mas o que são ellas pela maior parte? São pobres aldeias cheias de necessidades.

Bonito, 1881.

Governadores e capitães generaes de Pernambuco

1654—1821

(Continuação do n. 57)

LUIZ JOSÉ CORREIA DE SÁ. — Foi nomeado por Decreto de 26 de Julho de 1748, sahiu de Lisbôa em 3 de Fevereiro de 1749 em uma náo de guerra, chegou ao Recife a 14 de Março, tomou posse do governo em 5 de Maio, do mesmo anno, e governou até 16 de Fevereiro de 1756.

Luiz José Correia de Sá nasceu em Lisbôa a 15 de Outubro de 1698, e foram seus paes o commendador Diogo Correia de Sá, alcaide-mór da cidade de S. Sebastião do Rio de Janeiro, e sua mulher D. Ignez de Lencastre.

Fez os seus estudos no Real Collegio de S. Paulo, em Coimbra, para o qual entrou como pensionista em 1718, e deixando a carreira das lettras pela das armas, passou ao Rio de Janeiro, onde assentou praça, e servia em 1725. Voltando a Portugal continuou no serviço militar, foi capitão de infantaria do regimento de marinha, e em 1747 occupava o posto de capitão-tenente.

Nomeado governador de Pernambuco, e dirigindo os seus destinos por quasi seis annos nada consta de notavel, a não ser as providencias que deu para abastecer o mercado de dinheiro, mandando vir de Lisbôa, de Angola e da Bahia avultadas quantias, inclusive moedas de cobre, de que havia grande falta, o que muito prejudicava o pequeno commercio da capitania. Foi nessa epocha que veio a moeda de cobre de cinco reis, que até então não havia.

Muitos capitalistas de Pernambuco, escreveu Fernandes da Gama, não querendo limitar sómente o seu di-

nheiro ao acanhado circulo da nossa praça, preferiam mandar para Portugal a moeda que possuiam, em lugar de a levarem á casa da moeda do Recife, onde recebendo um accrescimo de valor nominal, ficava pelo contrario depreciada para as outras praças, nas quaes não podia girar e dahi a falta de numerario em circulação, o que se tornou mui sensivel em meiados do seculo XVIII.

Importante serviço, porém, prestou o governador promovendo a exploração das minas de S. José dos Cariris, na capitania do Ceará, e confiando tão importante missão a um distincto official pernambucano, o capitão de artilharia Jeronymo Mendes da Paz, que partiu para alli com a expedição que se organisou para semelhante fim em Maio de 1752.

Promoveu o governador solemnes festas na capitania em regosijo á exaltação de D. José I ao throno portuguez, as quaes constaram de um *Te-Deum*, celebrado na igreja cathedral, em 6 de Junho de 1751, em que pregou o bispo diocesano, luminarias, lauto banquete offerecido aos officiaes militares e saráu; e por não permittir o tempo invernoso, transferiu-se para Fevereiro do anno seguinte a representação de tres comedias em um grande e vistoso palanque que se armou em frente ao palacio do governo, havendo ainda fogos de artificio em tres noites, e uma serenata na ultima, que poz termo aos festejos, dos quaes existe minuciosa descripção em um raro e interessante folheto sob o titulo :

— « Relação das festas que se fizeram em Pernambuco pela feliz acclamação do muito alto, e poderoso rey de Portugal D. José I nosso senhor do anno de 1751, para o de 1752. Sendo Governador e Capitão General destas Capitanias o illustre e excellente senhor Luiz Joseph Corrêa de Sá do Conselho de Sua Magestade &. Por Felippe Neri Corrêa Official mayor da Secretaria do Governo, e Secretario particular do mesmo Illustrissimo e Excellentissimo Senhor Governador. *Lisbôa, na officina de Manoel Soares. Anno de MDCCLIII.* » In 4°, de 22 pp.

Segundo diz Loreto Couto, — « com o seu pacifico governo cresceu Pernambuco em sumptuosos edificios, e por sua ordem se fizeram em utilidade do publico muitas obras. Tres pontes com dilatadas calçadas, e caes de cantaria. As fortalezas de Tamandaré, Brum e Buraco, foram ree-

dificadas, mudada a Casa da Polvora, que estando no centro da grande povoação de Santo Antonio, ameaçava algum lamentavel estrago, e reedificou os palacios de Olinda e Recife, e quarteis dos soldados, que estavam totalmente arruinados. Tendo feito maravilhosas obras em grande utilidade do publico, as fez com tão singular providencia, que vendo-as com admiração os olhos, não ouviram os ouvidos clamores, nem queixas. »

Luiz José Correia de Sá era official superior do exercito portuguez, e tinha o titulo de conselheiro do rei. Segundo Jaboatão, na dedicatoria do seu livro de sermões *Jaboatão mystico*, era elle — *dotado de raras e excellentes virtudes, muito religioso, e nimiamente caridoso.*

Luiz Diogo Lobo da Silva. — Foi nomeado por patente regia de 1755, e a sua nomeação foi communicada a Camara de Olinda por carta de 11 de Dezembro do mesmo anno. Tomou posse em 16 de Fevereiro de 1756 e governou até 8 de Setembro de 1763.

Luiz Diogo Lobo da Silva nasceu em 17 de Junho de 1717 e era filho de Manoel Lobo da Silva, general de batalha, e de sua mulher D. Margarida da Silva. Seguio a carreira militar, serviu na côrte com o posto de capitão de cavallos, e tinha a commenda de Santa Maria de Moncorvo da Ordem de Christo, e o titulo de conselho, quando foi nomeado para o governo de Pernambuco. Era senhor do morgado de Mongona.

No seu governo instituio-se a Companhia Geral do Commercio de Pernambuco e Parahyba, e foi elle quem mandou prender os Jesuitas e os remetteu para Portugal em 1 de Maio de 1760, de conformidade com as ordens do governo expedidas para semelhante fim. Em 1758 mandou fortificar a ilha de Fernando de Noronha, e construir a fortaleza do Morro, na mesma ilha.

Nomeado governador e capitão-general da capitania de Minas Geraes, deixou o governo de Pernambuco, embarcou para o Rio de Janeiro em 23 de Outubro de 1763 a bordo da náo de guerra *N. S. da Italia*, e seguindo por terra para a cidade de Ouro Preto, tomou posse da governo da capitania em 28 de Dezembro do mesmo anno.

Terminando a sua administração, regressou Luiz Diogo para o Rio de Janeiro em 1768, e embarcou para Portugal a bordo da náo *N. S. Madre de Deus.*

No seu governo de Minas Geraes teve Luiz Diogo como seu secretario o Dr. Claudio Manoel da Costa, o infeliz poeta, que sacrificara-se pela sonhada emancipação da patria em 1789.

Sem factos notaveis conhecidos, que illustrem o seu governo em Pernambuco, de mais de sete annos, as chronicas do tempo, porem, apresentam a Luiz Diogo Lobo da Silva como um governador exacto e exemplar, severo na punição dos crimes e fiel cumpridor dos seus deveres.

Loreto Couto, que escreveu no tempo do seu governo em Pernambuco, diz de Luiz Diogo o seguinte: — « E' ornado de uma suavidade de animo, que exclue todo o amargor e asperesa, e que acompanhada com gravidade, e semblante aprazivel, observa em todas as acções uma certa medida entre o respeito e o agrado, sem mostrar nas duvidas perplexidade, nem nos embaraços perturbação. Com espirito livre, não soffre acção temeraria, indigna, e prejudicial ao bem publico ou particular, mostrando grande empenho em zelar a utilidade da republica, o serviço del rei e honra de Deus, para cujo effeito cuida em que todos pontualmente cumpram com as obrigações do seu officio. »

D. Antonio de Souza Manoel de Menezes, *Conde de Villa Flôr.* — Foi nomeado por patente de 14 de Julho de 1763, prestou juramento de preito e homenagem no real palacio d'Ajuda em 17 do mesmo mez, tomou posse do governo da capitania em 8 de Setembro do mesmo anno e o dirigiu até 14 de Abril de 1768.

Era filho de D. Luiz Manoel de Souza de Menezes, Conde de Villa Flôr, e de sua mulher a Condessa do mesmo nome.

Acompanhou a D. Antonio de Souza á esta capitania, sua esposa D. Maria Xavier Thomasia da Silveira, condessa de Villa Flôr, que aqui falleceu em 15 de Janeiro de 1767, e foi sepultada na igreja do convento de S. Francisco do Recife, onde tambem foi sepultada uma sua filha que falleceu em 23 de Abril do mesmo anno.

D. Antonio de Souza teve um filho em Pernambuco, que nasceu no palacio das Torres do Recife, chamado D. Antonio de Populo Faustino de Souza Manoel de Menezes que recebeu o foro de fidalgo escudeiro em 1780.

D. Antonio de Souza creou quatro terços auxiliares de homens brancos e pardos, instaurou uma companhia de familiares do Santo Officio, estabeleceu em todos os districtos, sargentos-móres, pagos pelas respectivas municipalidades, e remetteu para Portugal 40:000$000, que arrecadou de dividas antigas á real fazenda; e das ordens particulares que trouxe, para a cobrança dos foros das terras doadas por sesmarias, deu inteiro cumprimento.

No seu tempo baixou uma Carta Regia em 1766, prohibindo em Pernambuco o officio de ourives, e ordenando o fechamento de todas as officinas, prisão e assentamento de praça dos artistas solteiros ou pardos forros, á par de outras providencias a respeito.

Terminando o tempo do seu governo, seguiu D. Antonio de Souza para o Rio de Janeiro, com seus tres filhos donde embarcou depois para Portugal.

Sobre o caracter e probidade do Conde de Villa Flôr no seu governo de Pernambuco, nada referem os chronistas contemporaneos. Entretanto, encontramos um soneto que distoa desse silencio, e aqui o consignamos como um documento do tempo, apezar de não se recommendar muito, pela sua incorrecção. O soneto foi publicado em 1846 no periodico *O Annunciante*, precedido das seguintes linhas:

« Quando D. Antonio de Souza, conde de Villa Flôr governou esta provincia de 1763 até 1768, muito soffreram os pernambucanos em consequencia do máo governo que elle praticou; foi este governador chamado a côrte, mas nas vesperas de sua retirada, falleceu uma de suas filhas, e estando já elle embarcado, um pernambucano, que por elle tinha sido perseguido dirigiu ao dito governador o seguinte soneto:

Do conde já na vesp'ra da partida,
Que fazia do Recife para a côrte,
Eis que não esperada chega a morte,
E da filha mais moça corta a vida!

(Vida) Morte, pois, és tão atrevida,
Quando o conde pretende o seu transporte,
Então é que executas o teu córte,
Então é que te fazes homicida?

(Morte) Sim. Nunca obrei tão acertada
De livrar uma victima innocente.
Que para o céo estava reservada,

De acompanhar um pai tão insolente
Que sem temer jámais de Deus a espada,
Pernambuco roubou publicamente!

D. Antonio de Souza Manoel de Menezes, conde de Villa Flôr, era fidalgo da casa real, copeiro mór da mesma casa, do conselho do rei, e commendador das commendas de S. Pedro de Calvelas, e das ordens de Christo e Santiago.

D. José da Cunha Grã Athayde e Mello, *Conde de Pavolide.* — Foi nomeado por acto regio de 22 de Agosto de 1767, e assignou termo de homenagem no real palacio de Ajuda, em Lisbôa, a 25 do mesmo mez.

Chegou ao Recife em 6 de Abril de 1768, a bordo da náo *N. S. Madre de Deus* e hospedou-se no edificio que servira de collegio dos Jesuitas, *em razão de occupar o palacio da residencia dos governadores seu antecessor com a sua familia feminina*, segundo communicou em officio de 6 de Maio.

Tomou posse do governo da capitania em 14 de Abril do mesmo anno de 1768, na cathedral de Olinda, e o dirigiu até 3 de Outubro do anno seguinte.

D. José da Cunha Grã Athayde e Mello nasceu em 23 de Agosto de 1734, e era filho de Luiz Vasques da Cunha de Athayde, conde de Pavolide, e sua mulher D. Helena de Castello Branco.

O seu governo em Pernambuco foi apenas de anno e meio, e nada consta de notavel. Sabe-se apenas que creou um hospital militar na capitania subalterna do Ceará, em 1769, o primeiro que alli houve.

Em Pernambuco deu-se um levante na cadeia do Recife, que não custou pouco a suffocar.

Por motivos ignorados, remettera o mamposteiro dos captivos, Silvestre Vieira Cardoso, um capitulo de accusação para a metropole, contra o governador; mas este vingou-se do seu delator prendendo-o e o enviando para Lisbôa, como prevaricador em seu officio.

As accusações contra o governador não produziram effeito algum, e ao contrario, foi elle distinguido com incumbencia de mais alta importancia.

Nomeado governador geral do estado do Brazil, para succeder aó Marquez do Lavradio, partiu para a Bahia em 5 de Outubro de 1769, tomou posse do governo em 11, e o dirigiu até 3 de Abril de 1774 em que partiu para Lisbôa, deixando o governo entregue por ordem da côrte ao arcebispo D. Joaquim Borges de Figueiredo, ao chanceller da Relação Miguel Serrão Diniz, e ao coronel do segundo regimento Manoel Xavier Ala.

D. José da Cunha Grã Athayde e Mello, conde de Pavalide, tinha o titulo de Conselho, e era commendador da ordem de Christo.

MANUEL DA CUNHA MENEZES, depois *Conde de Lumiar*. — Nomeado em 3 de Abril de 1769, embarcou para Pernambuco em 25 do mesmo mez, em uma náo de guerra do comboio daquelle anno; mas fazendo agua o navio, foi ter a Bahia, onde demorou-se alguns dias e partiu depois para o Recife. Em 3 de Outubro do mesmo anno tomou posse do governo na igreja cathedral de Olinda, como consta do respectivo termo original, e dirigiu a administração da capitania até 31 de Agosto de 1774.

Manoel da Cunha Menezes nasceu em 13 de Janeiro de 1742, e era filho de José Felix da Cunha Menezes, veador da rainha D. Mariana de Austria, e D. Constança de Menezes. Foi depois Conde de Lumiar por se casar com a herdeira deste titulo D. Maria do Resgate Portugal Gama Carneiro de Souza.

Nomeado governador de Pernambuco ainda bem joven porquanto tinha apenas 27 annos de idade, portou-se porém muito bem, e as chronicas do tempo fazem honrosa menção do seu nome. Um manuscripto sobre os gover-

nadores da capitania, que possue o Instituto Archeologico, consagra-lhe estas palavras:

« Este joven foi um optimo governador; tinha penetração, era habil, desinteressado, e nasceu apropriado para governar, e fez o seu nome memoravel: foi muito apaixonado dos pernambucanos, e governando depois a Bahia, sempre protegeu aos que lá appareceram, com predilecção. »

Fernandes Gama diz o seguinte á seu respeito:

« Este joven fidalgo portou-se em seu governo honradamente, empenhou-se quanto lhe foi possivel para morigerar os ecclesiasticos, cuja maior parte procedia escandalosamente; mandou prender o vigario de Una e a dous frades franciscanos, e com este exemplo conteve os demais. »

Manoel da Cunha Menezes installou em 1770 a Junta Administrativa da Fazenda Real, e nomeou o respectivo pessoal para a nova repartição funccionar; creou o Erario Regio, construindo o respectivo edificio, e repartições da Vedoria e Fazenda, mandadas organisar pelo governo da metropole.

No seu governo deu-se um facto bastante caracteristico para a epocha, que é assim narrado por Fernandes Gama:

« Havia no regimento de infantaria do Recife um capitão chamado João Rodrigues de Souza, a quem o vulgo denominava, ora o capitão bicho, ora o capitão diabo, homem honrado, natural de Pernambuco, official de muito brio, tão severo para os máos soldados, quanto docil e protector dos bons. Era um destes seu camarada, o qual indo em uma manhã comprar carne ao açougue, no momento em que se fazia o peso chega um preto escravo do governador, aproxima-se ao talho, e ordena arrogantemente ao carniceiro que sobr'estando no peso do soldado, o aviasse incontinente. O soldado, porem, offendido pela arrogancia do escravo, exigiu que se concluisse o seu peso já começado, mas o escravo do governador avançando bruscamente para a balança, tira a carne, arremeça-a ao chão, e descarrega no soldado um bofetada. Então o soldado, cego de furor, lança mão de um páo, que o acaso lhe depara, e descarrega tantas pauladas no escravo, que o deixa quasi moribundo, e depois, concluindo o peso de carne

retira-se para a casa do seu capitão, a quem expõe todo o occorrido. »

« Entretanto, chegando a noticia ao conhecimento do governador, ordena que o soldado fosse preso, e no dia seguinte apoleado. Mas o capitão informando-se do facto, e conhecendo a razão do seu camarada, dirige-se a palacio para justifical-o perante o governador; este, porem, em vez de ouvir o capitão, e proceder com justiça e delicadeza, pelo contrario, tratou mal ao official, e no accesso de furor em que estava chegou a dizer-lhe: *O soldado ha de ser apoleado, e aquelle que me desobedecer, hei de lançal-o da janella abaixo. — Ah! Exm. Sr.!* tornou-lhe o brioso capitão; *a ser isso commigo, que queda daremos nós ambos!* Resposta esta que seria hoje mui moderada, mas que naquelle tempo se reputou digna de commemorar-se por forte! Emfim, vendo o capitão que nada conseguia, sahiu de palacio e recolheu-se á sua companhia. »

« Entretanto, recolhido o soldado a cadeia, preparava-se a polé, e o barbaro castigo parecia inevitavel. O capitão Rodrigues de Souza, portanto, convencido que os meios brandos eram inteiramente improficuos, julgou que a sua honra o aconselhava a commetter um crime para salvar o soldado. Disposto, pois, a isto, forma a sua companhia, distribue-lhe cartuchame, e á frente della marchou para a cadeia, chama a si a sua guarda, e intima ao carcereiro, sob ameaça da força, que lhe entregue o soldado. Chegando ao conhecimento do governador o que se passava, ordena que as outras companhias ataquem a do capitão Rodrigues de Souza, e prendam a todos os amotinados. Porem o criminoso exemplo do capitão insubordina as outras companhias, que em vez de obedecerem as ordens do governador, pelo contrario, insubordinam-se tambem, fazem causa commum com os amotinados, e no mesmo sentido move-se o outro regimento que aquartelava em Olinda. »

« Nestas circumstancias, o bispo e os prelados das ordens religiosas dirigem-se ao governador, e pedem-lhe que ceda, para evitar o derramamento de sangue, e todas as mais desgraças que se podiam seguir. O governador a principio resistiu; mas vendo-se desobedecido por toda a tropa, fingiu que melhor informado perdoava ao soldado, e o mandou entregar ao capitão, que immediatamente

contra-marchou para a quartel com o soldado, por quem se sacrificára. Assim terminou esta questão filha do orgulho do governador, e ainda mais, da falta de disciplina militar. »

« Tanto o governador como o capitão deram contas para Lisbôa do occorrido, mas sem nenhum resultado. Apenas o capitão passou a ser reformado em 1 de Setembro de 1774, pouco menos de um anno depois daquelle facto, e já quando o governador não estava mais em Pernambuco. »

Promovido naquelle mesmo anno ao cargo de governador geral do estado do Brasil, deixou Manoel da Cunha Menezes o governo de Pernambuco e partiu para a Bahia; e dirigindo aquelle cargo até 1779, seguiu para Portugal, deixando no Brasil honrosa memoria do seu nome, pela sua honestidade e serviços.

JOSE' CESAR DE MENEZES. — Foi nomeado por Carta patente de 27 de Julho de 1774, com o ordenado de mil cruzados por anno, tomou posse em 31 de Agosto do mesmo anno, e governou até o dia 13 de Dezembro de 1787.

Filho de Vasco Fernandes Cesar de Menezes conde de Sabugosa, nasceu na cidade da Bahia ao tempo em que seu pai alli permaneceu (1720-1734), exercendo o cargo de Vice-rei do Brasil.

Abraçando a vida militar, servio por algum tempo em Portugal, e seguiu depois para as Indias, onde demorou-se alguns annos. Regressando á patria, foi José Cesar promovido ao posto de capitão de granadeiros, e depois ao de sargento-mór, quando lhe foi confiado o governo da capitania de Pernambuco.

Um dos primeiros cuidados de José Cesar, logo que tomou posse do governo, foi completar o regimento de infantaria do Recife e o fazer embarcar para a Colonia do Sacramento, para onde continuou ainda a mandar tropa, de maneira que em 1776 tinham seguido de Pernambuco com destino áquella Colonia 1050 praças.

Para este fim, havia elle creado em 1774 tres regimentos de milicianos auxiliares, sendo um de brancos, chamado de *José Ignacio Alves Ferreira*, seu primeiro coronel, outro de pardos, denominado de *Luiz Nogueira*,

seu commandante, e um outro de pretos, chamado o *Terço Novo*, para o distinguir do velho terço de pretos denominado dos *Henriques*.

No seu governo grassou na capitania uma terrivel epidemia de bexigas que ceifou milhares de vidas, e para cumulo de uma tal calamidade, quando declinava ella em 1776, teve lugar uma grande secca. e depois a sua terrivel e necessaria consequencia — a fome veio completar a quadra de horrores por que passou a capitania.

José Cesar, como diz Fernandes Gama, foi um governador muito activo. Não vexou o povo, e quando teve de fazer recrutas, grandes e pequenos igualmente foram recrutados. Era muito zeloso da sua autoridade, e providenciava com violencia, quando haviam queixas contra os ministros. Não tendo o Juiz de Fora do Recife querido reparar uma injustiça que lhe determinou emendasse, mandou no dia 18 de Setembro de 1775 prender o mesmo Juiz e o fez embarcar para Lisbôa. José Cesar governou arbitrariamente, é verdade, mas as suas arbitrariedades raras vezes deixaram de ter um fundo de justiça.

Foi tambem infatigavel na punição dos delinquentes, e graças as suas providencias e energia, livrou a capitania de um grupo de audazes salteadores, capitaneados pelo celebre Cabelleira, que nem mesmo a capital respeitavam commettendo assassinatos e roubos. Para todos se armarem, como se uma grande quadrilha ameaçasse as vidas e bens de todos, diz Fernandes Gama, nada mais era preciso do que espalhar-se a noticia de que o Cabelleira se approximava ! Todos se punham em armas, e aquelles que assim não se preveniam por timoratos, o recebiam com submissos obsequios, e prestavam-se apressados a todas as suas exigencias.

José Cesar fez marchar contra esses malfeitores differentes partidas militares, com ordem de os conduzirem vivos á cidade, e conseguindo-se a sua prisão, foram elles processados e condemnados pela Junta de Justiça a morrerem enforcados, sentença esta que se executou, subindo os malfeitores ao patibulo dando mostras de grande contricção e arrependimento de seus delictos.

Os trovadores do tempo compuzeram cantigas allusivas a vida e morte do Cabelleira, cujas façanhas serviram de assumpto para um bello romance historico de Fraklin Ta-

vora. Ainda hoje são populares essas trovas, principalmente a que começa por esta quadra:

Fecha a porta gente
Cabelleira ahi vem,
Matando mulheres
Meninos tambem.

José Cesar de Menezes, pelo seu caracter energico, pelas suas qualidades e pela sympathia geral que angariou pelos actos de justiça do seu governo, correcto e honesto, foi alvo de differentes manifestações populares, notando-se entre ellas a celebração de uma sessão litteraria em 19 de Março de 1775, dia de seu anniversario natalicio cujas peças foram recolhidas em um volume, que chegou aos nossos dias, tendo por titulo: — *Colleçám das obras feitas aos felicissimos annos do Illm. e Exm. Senhor José Cesar de Menezes Governador e Capitão General de Pernambuco na sessam academica de 19 de Março de 1775, offerecida por Antonio Gomes Pacheco, Presbitero Secular.*

A sessão litteraria teve lugar no salão de honra do palacio do governo, e nella tomaram parte os homens de maior reputação litteraria do tempo, nomeadamente o Padre Antonio Gomes Pacheco, Padre Dr. Antonio Machado Portella, Dr. Francisco José de Salles, Ouvidor de Pernambuco, Dr. José Antonio de Alvarenga Barros Freire, Juiz de Fora, Frei Francisco Xavier Feijó, religioso benedictino, José Antonio da Silva Guerreiro, Padre José Victorino Pereira Torres, Sargento-mór João Carneiro da Cunha, Padre José Gomes da Costa Gadelha, João Baptista de Souza, Padre Manoel Rebello Pereira, Padre Belchior de Campos Camello, e o Dr. Frei João Baptista de Sant'Anna, religioso benedictino.

Esta bella collecção consta de 34 peças poeticas, e uma extensa oração panegyrica, escripta pelo Padre Dr. Antonio Machado Portella, tudo em louvor de José Cesar de Menezes, e exaltando os seus meritos e as suas virtudes.

Entretanto, Francisco Pacifico do Amaral, publicando quasi todo aquelle precioso inedicto no seu interessante livro —*Escavações, factos da historia de Pernambuco*, impresso em 1884, diz o seguinte a respeito do governador:

« Acerca da imparcialidade e justiça tão apregoadas

pelos louvaminheiros de José Cesar, nos são bastantes os os dous factos seguintes para julgarmos do caractes daquelle governador; referimo-nos a prisão do Juiz de Fora do Recife e os assassinatos do Cabelleira e do pae do pae do mesmo, que apezar de serem ladrões de summa crueldade, não podiam ser enforcados como foram em vista da decisão da *Junta de Justiça Criminal*, creada por Provisão Regia de 20 de Outubro de 1735.

« A prisão do Juiz de Fóra do Recife por se ter negado esse magistrado a *reparar uma injustiça;* e emquanto os enforcamentos do Cabelleira e do pae, só se deram por força de seu animo resoluto, e ostentação de poderio; porque, em vista do vencido na *Junta Criminal*, jámais poderia ter lugar aquelles assassinatos.

« José Cesar despresando, como despresou, o voto da maioria daquella *Junta*, da qual só um membro votára pela pena de morte, subrogou-se a missão de algoz calcando aos pés a lei que elle deveria ser o primeiro em honral-a.

« Voltando ainda a prisão do Juiz de Fóra dizemos: Quando com um magistrado o descendente dos Sabugosas procedia tão violentamante, querendo metter a mão na jurisdicção alheia, para o que lhe faltava competencia, é facil de prever-se o que não soffreria o *resto* de seus governados.

« Esse procedimento emquanto a nós é bastante para aferir-se a somma de *justiça*, *sabedoria* e *virtudes* que lhe atiraram os poetas seus contemporaneos, dos pés á cabeça, sem a menor ceremonia, para não dizer requintado servilismo; uzo do tempo e que ainda hoje, não sabemos, se em menor escala, impera em animos gastos e degenerados.

« Que o povo não o gostava, attesta-o as quadras populares que se cantaram então, entre as quaes havia uma que dizia assim:

José Cesar já lá se foi,
Já partiu a embarcação,
Pelo que estamos livres,
Desse tão grande ladrão.

« O povo rara vez é injusto em seus resentimentos quando invectiva aquelles que o governam; o modo por-

que muitas vezes o faz é que desafia parte do mesmo a tomar o partido da tyrannia, alem daquella que della aufere os prós e precalços. »

Seja como fôr, José Cesar de Menezes governou a capitania por mais de treze annos, de 31 de Agosto de 1774 a 13 de Dezembro de 1787, e sendo os governadores nomeados por tres annos, teve elle tres reconducções, o que só se dava, ou em virtude de supplicas dos povos dirigidas ao monarcha, exaltando o merecimento e serviços dos governadores, ou pelo proprio governo da metropole, sciente de semelhantes predicados, e da satisfação dos governados do seu governador.

José Cesar teve um filho natural em Pernambuco, Pedro Cesar de Menezes, que foi governador da capitania do Piauhy; e deixando o governo da capitania, retirou-se para Portugal onde terminou os seus dias em idade provecta.

A ultima phase da vida deste illustre brasileiro é completamente ignorada.

(Continúa.)

F. A. Pereira da Costa.

UM NOVO MAPPA

DO

Brasil Oriental

THE GREAT WESTERN OF BRAZIL RAILWAY COMPANY, LIMITED.—1903—WATERLOW & SONS, LIMITED, LONDON WALL, LONDON. ($0^m,53 \times 0^m,66$.)

A cartographia patria, não obstante a copia fallaz das especies é ainda tão pobre de documentos fidedignos e de trabalhos originaes, que qualquer novidade no genero deve despertar a curiosidade e convidar ao estudo.

Especialmente com relação a Pernambuco esta escassez é sobretudo notavel, si considerarmos haver sido o seu territorio o mais bem investigado pelos antigos cosmographos.

O seu littoral já figura reproduzido com regular semelhança nas cartas de *Vaz Dourado* (1571), de *De Bry* (1592) e de *Arnoldus Florentius* (1599), ás quaes sobrelevam em abundancia de detalhes as tres «demonstraçoens» de *Ioão Teyxeyra* delineadas pouco antes de 1612 e conservadas no famoso inedito intitulado —REZÃO DO ESTADO DO BRAZIL.

Mas, não nos illudamos quanto ao prestimo scientifico destes primeiros ensaios: a grosseira imperfeição dos instrumentos então em uzo e o falso computo das distancias, não lhes permittiam senão approximações. Ainda em começos do seculo XVII as determinações astronomicas consignadas nas cartas e roteiros portuguezes e hespanhóes situavam todas as longitudes do Brasil 8° mais a léste do que a realidade, e, si tão deficiente era o conhe-

cimento da costa, a despeito das frequentes communicações maritimas, como admirar que, logo a poucas leguas do Atlantico, começasse a intermina região desconhecida, cujas solidões a phantasia de imaginosos gravadores se comprazia em semear de extraordinarios accidentes naturaes e povoar de fabulosos habitantes!

Veio depois o breve dominio neerlandez, que foi inquestionavelmente o verdadeiro periodo aureo dos progressos geographicos entre nós; não satisfeitos com corrigir os velhos roteiros defeituosos, rectificar a hydrographia littoranea, sondando e marcando cuidadosamente a costa e os portos, os «geometras» a serviço da Companhia das Indias Occidentaes iniciaram tambem a exploração topographica das terras do interior.

Sobretudo durante o brilhante governo de Mauricio de Nassau tiveram estes trabalhos singular incremento, mercê da actividade e dos talentos do joven naturalista saxonio *Jorge Markgraf*, um destes homens excepcionaes —mas, ainda possiveis naquellas eras— que, reunindo todas as aptidões, possuiam tambem a universalidade dos conhecimentos do seu tempo.

Physico, ástronomo, geographo, botanico, zoologo e cartographo *Markgraf*, depois de haver realisado no Recife observações astronomicas e meteorologicas de merito imperecivel, percorreu grande parte do territorio pernambucano e das capitanias limitrophes para determinar a longitude e a latitude das differentes localidades e traçar as respectivas cartas; de volta destas penosas excursões consignava o resultado dos seus estudos topographicos em plantas cadastraes, admiraveis pela correcção inexcedivel e o primor do desenho.

Infelizmente a maior parte destes preciosissimos documentos ainda permanece inedita: mas, para dar idéa do seu valor basta assignalar que os raros publicados, por iniciativa de Mauricio de Nassau, não só tiveram repetidas edições, como serviram de fonte exclusiva de informação a todos os geographos que, desde *Montanus* e *d'Abbeville* até *Dalrymple* e *Arrowsmith* — isto é, durante quasi duzentos annos— se occuparam do Brasil Oriental.

Por todo este tempo nenhum elemento novo veio contribuir para o aperfeiçoamento das observações do mallogrado sabio: os mappas se succediam uns aos outros, va-

riando apenas de titulo ou de escala, e reproduzindo sempre e só os dados colhidos pelo laborioso autor da HISTORIA NATURALIS BRASILIAE.

Em 1807, porém, o piloto *José Fernandes Portugal*, que devia ser uma das illustres victimas da nossa primeira revolução republicana, organisou uma CARTA GEOGRAPHICA DA CAPITANIA DE PERNAMBUCO, baseada em explorações originaes, quanto á região de léste, e em noticias combinadas dos moradores e viajantes praticos dos logares, no relativo á vasta extensão occidental; mais tarde, em 1823, os officiaes do Corpo de Engenheiros *Firmino Herculano de Moraes Ancora* e *Conrado Jacob Niemeyer* trouxeram novo e valioso contingente á cartographia pernambucana com o seu MAPPA TOPOGRAPHICO, arranjado segundo os trabalhos existentes e as observações feitas por ordem da Junta do Governo Provisorio; aperfeiçoado no anno seguinte foi este mappa amplamente aproveitado para a confecção da KARTE VON OST-BRASILIEN redigida em 1831, por *Martius* e *Eschwege*.

Pela mesma epoca a hydrographia da costa era consideravelmente melhorada, graças ás investigações do *Barão de Roussin*, de *E. Mouchez*, *Philipp Parker King*, *Robert Fitzroy* e outros officiaes das marinhas franceza e ingleza, de sorte que a CARTA COROGRAPHICA de *Conrado Niemeyer* e *Marcos Pereira de Sales*, publicada em 1843, apresenta notaveis progressos, tanto no que diz respeito á maior abundancia de indicações, como ás correcções; valheu-lhe isto ser —a exemplo do succedido com os mappas de Markgraf— reproduzida, quasi sem alterações, pelo *Visconde de Villiers de l'Isle Adam*, em 1848; pelo *Dr. Candido Mendes*, em 1868, e por *Lomellino de Carvalho*, em 1882.

Emfim, em 1880, surgiu novamente uma producção —senão rigorosamente scientifica, pelo menos fertil em informações ineditas — o ESBOÇO DA CARTA COROGRAPHICA DA PROVINCIA DE PERNAMBUCO, organisado pela Repartição das Obras Publicas Provinciaes. Para este mappa, ainda hoje o melhor que possuimos, foram judiciosamente aproveitados, alem de todos os trabalhos anteriores dignos de credito, principalmente os resultados novos das explorações parciaes emprehendidas no interior pelos engenheiros *Dombre*, *Beringer* e *Mermoud*, por

iniciativa do inolvidavel *Victor Fournié*, então director daquella repartição, bem como os da commissão incumbida do traçado do prolongamento da Estrada de Ferro do S. Francisco.

Attenta a falta dum levantamento systematico e de cuidadosas operações geodesicas, só com que poderiam ter sido evitados os seus numerosos erros, representa, para a epoca, a realisação dum commettimento digno dos mais calorosos louvores.

O novo mappa, agora mandado elaborar pela directoria da *Great Western of Brazil Railway*, veio supprir algumas das lacunas principaes do de 1880 ; mas, não póde aspirar a substituil-o inteiramente, o que, de certo não tiveram em mira os seus autores ; destinado especialmente a representar a rêde ferroviaria explorada por aquella companhia, cobre uma area de approximadamente 250,000 kilometros quadrados, comprehendendo a metade oriental de Pernambuco e a totalidade da superficie de Alagôas, da Parahyba e do Rio Grande do Norte ; copioso e exacto nos detalhes topographicos ao longo do traçado das linhas ferreas, quanto ao demais resente-se do mesmo defeito fundamental dos precedentes : é uma obra de compilação, feita com elementos esparsos, de valor desigual e sem unidade de intuitos ; talvez por negligencia do gravador e dos revisores, não traz declaração da escala (presumiveis seja de 1:1.000,000) e contém bom numero de toponymos estropeados.

Entretanto o trabalho graphico honra as famosas officinas de que saiu e confere-lhe um aspecto de nitidez e de precisão pouco vulgar na nossa cartographia.

Em resumo, é um passo andado para a realisação da carta geographica definitiva do nosso Estado, cuja falta, de dia a dia, se torna mais sensivel.

Mas, quando chegaremos, não a possuil-a, mas a emprehender de véras a sua execução, a exemplo do que se faz em Minas Geraes e em S. Paulo ?

De certo não será em futuro proximo, porquanto se têm procurado exagerar formidavelmente os obices a semelhante empreza, cogitando em commettel-a simultaneamente com o estudo geologico, climatologico e botanico do nosso territorio. Foi por isso que *V. Fournier* calculou em 5185 contos (ou 40$000 por kilometro quadrado) o seu

custo e em dez annos o tempo necessario para leval-a a termino, despeza e praso que *L. Lombard*, mais optimista, posteriormente reduziu á metade.

As nossas exigencias presentes devem ser mais modestas, afim de serem mais facilmente satisfeitas: almejemos apenas uma bôa *carta geographica*, confeccionada sobre uma exploração systematica do nosso territorio, consistindo na organisação duma triangulada, no levantamento topographico do terreno e na determinação approximada do relevo do sólo.

Com bôa vontade e pessoal idoneo, estes trabalhos podem ser effectuados sem tão grande demora nem tão avultado dispendio, e os seus resultados positivos e immediatos são por tal forma evidentes que não precisamos acentual-os.

No interesse da propria *Great Western of Brazil Railway Company* está a sua urgente realisação, ponderada a necessaria expansão futura das suas linhas ferreas, rumo do nosso *Far West*.

Esperemos, pois, que apóz o presente ensaio, faça, dentre em pouco, apparecer mais completo e prestavel succedaneo.

Alfredo de Carvalho

ACTAS DAS SESSÕES

Sessão ordinaria em 29 de Março de 1900

PRESIDENCIA DO EXM. SR. DESEMBARGADOR LUNA FREIRE

A' uma hora da tarde presentes os Srs. Desembargador Luna Freire, Drs. Regueira Costa, 1º Secretario, Eudoxio de Brito, Thesoureiro, João Coimbra, Luiz José da Silva, Sebastião Galvão, Alfredo Freire, Pereira da Costa, 2º Secretario, Major Codeceira e Augusto Cesar, abriu se a sessão.

Lida a acta da antecedente e approvada, o Sr. 1º Secretario mencionou o seguinte :

EXPEDIENTE

Um officio do Dr. Prefeito do municipio do Rio Formoso, communicando ao Instituto a fundação da sociedade patriotica «Sete de Fevereiro» e a festa alli promovida para commemorar-se a gloriosa data da defeza do forte do Rio Formoso, em 1633, pelo capitão Pedro de Albuquerque e seus vinte companheiros, e pedindo o auxilio deste Instituto em favor daquella sociedade. — Mandou-se agradecer a communicação e offerecer os serviços e publicações do Instituto.

Um dito da sociedade Perseverança e Auxilio dos Caixeiros de Maceió, remettendo a lista dos membros de sua directoria do corrente anno social e pedindo o concurso do Instituto em favor do Muzeu Commercial de Alagôas. — Mandou-se agradecer e offerecer os serviços do Instituto.

Um dito do Dr. Secretario da Assembléa do Estado offertando dous exemplares dos Annaes da Assembléa, relativos ao anno findo. — Mandou-se agradecer.

OFFERTAS

Pelo Instituto Historico de S. Paulo, um volume de sua Revista.

Pelas respectivas Redacções, diversos jornaes deste e de outros Estados.

Mandou-se archivar e agradecer as offertas.

O Sr. Major Codeceira apresentou e foi lida uma carta do consocio Dr. José Hygino, datada de Barbacena, declarando que quando voltar á Capital Federal remetterá para o Instituto os documentos hollandezes, que deixaram de vir.

Foram lidos, discutidos e approvados os pareceres da commissão de contas relativos aos dous balancetes da receita e despeza do Instituto nos trimestres de Julho a Dezembro de 1899.

O Sr. Dr. Pereira da Costa communica que o Exm. Sr. Dr. Governador do Estado acaba de lavrar um acto abrindo um credito de tres contos de reis de conformidade com a lei n. 392 do anno proximo findo com applicação a commemoração do 4° centenario do descobrimento de Pernambuco, por Vicente Yanez Pinzon, no dia 26 de Janeiro de 1500, e que portanto propõe:

Que a alludida verba seja applicada á publicação da Polyanthéa e cunhagem da medalha commemorativa;

Que a Polyanthéa tenha uma tiragem de 1500 exemplares allusivos ao anno do descobrimento, convenientemente numeradas e que os numeros um e mil quinhentos fiquem reservados á bibliotheca do Instituto e que os demais se destinem a destribuição dos estabelecimentos scientificos, nacionaes e estrangeiros, bibliothecas e pessoas gradas, e o restante exposto á venda;

Que as medalhas commemorativas sejam cunhadas em bronze, em numero de trezentos exemplares e que se solicite a incumbencia desse trabalho na Europa, ao illustre e prestimoso consocio o Sr. Julio Meilli, residente na Suissa;

Que a medalha tenha em torno a legenda: Vicente Yanez Pinzon descobre Pernambuco. — No centro, as armas de Leão e Castella — e em baixo: Cabo de Santo Agos-

tinho 26 de Janeiro de 1500. No verso, em torno: Instituto Archeologico e Geographico Pernambucano. No centro as armas do Estado e em baixo 26 de Janeiro de 1900.

A proposta foi approvada, porem sujeita ainda, com relação á medalha, ás modificações que os encarregados de organisar o modello julgarem a proposito fazer.

Pela Mesa administrativa foi apresentada uma proposta para socios benemeritos, a qual foi remettida á commissão respectiva, bem como as propostas anteriormente apresentadas e que se achavam em poder de uma commissão especial.

O Sr. Presidente declara que a requerimento do socio Dr. Sebastião Galvão iam os Estatutos ultimamente approvados á commissão de redacção para dar sobre elle o seu parecer, antes da impressão ordenada pelo Instituto, e pedindo dispensa dessa incumbencia o mesmo Dr. Sebastião Galvão, foi nomeado para substituil-o o Dr. Alfredo Freire.

O Sr. Dr Alfredo Schonowski offereceu-se para traduzir para este Instituto, o melhor que possivel lhe fôr, do hollandez para o portuguez, os manuscriptos historicos do Brasil, sob o dominio hollandez, em papel almaço, escripta natural, sob as duas seguintes condições:

1ª O Instituto Archeologico obriga-se a pagar-lhe a quantia de mil e quinhentos reis por pagina escripta.

2ª O pagamento do trabalho executado será feito á medida que for entregue esse trabalho.

Espera serem aceitas as duas condições apresentadas e uma resposta favoravel o mais depressa possivel, afim de começar logo a traducção de que se trata.

O Instituto autorisou a Mesa a resolver do modo mais conveniente sobre as condições apresentadas.

Nada mais havendo a tratar-se foi levantada a sessão. — *Adelino A. de Luna Freire*, Presidente. — *J. B. Regueira Costa*, 1º Secretario. — *F. A. Pereira da Costa*, 2º. Secretario.

Sessão ordinaria de 19 de Abril de 1900

PRESIDENCIA DO EXM. SR. DESEMBARGADOR LUNA FREIRE

A' uma hora da tarde, achando-se presentes os Srs. Drs. Desembargador Luna Freire, João Coimbra, Manoel Cicero, Pereira da Costa, substituindo o 1º Secretario que não compareceu, Sebastião Galvão, occupando a cadeira do 2º Secretario, Guedes Alcoforado, Luiz Silva Conselheiro Pinto Junior, Eudoxio de Brito e o Sr. Augusto Cesar, abriu-se a sessão.

Lida a acta da antecedente foi approvada e o Sr. 1º Secretario mencionou o seguinte :

EXPEDIENTE

Um officio do consocio Dr. Luiz Lombard, de 10 do corrente, apresentando ao Instituto as suas despedidas por ter de seguir para a Capital Federal. — Inteirado.

Um dito do Exm. Sr. Desembargador Sigismundo Antonio Gonçalves, de 4 do corrente, convidando o Instituto a se fazer representar no acto da posse do Exm. Sr. Dr. Governador Antonio Gonçalves Ferreira, no dia 10.

O Sr. Presidente declara que para corresponder ao convite nomeara uma commissão composta dos Srs. Major Codeceira e Drs. João Coimbra e Eudoxio de Brito.

Um dito do Dr. Director do Archivo Publico Nacional de 26 de Março, accusando a recepção do n. 52 da Revista do Instituto e pedindo os ns. 41, 48 e 49. — Mandou-se satisfazer.

Um dito do Sr. Alberto Ferreira Rodrigues, de 18 de Março, agradecendo os ns. 51 e 52 da Revista, que lhe foram remettidos e pedindo informações sobre o Instituto para publical-as em seu almanak. — Mandou-se remetter.

OFFERTAS

Pela Repartição de Deposito Reparto y Cange de Montevidéo, um volume do *Annuario* correspondente ao anno de 1899 e outro de Estatistica.

Pelo autor o Sr. Gaspar Guimarães um folheto intitulado —*As nossas fronteiras e a reorganisação do Exercito Nacional.*

Pelo autor o Sr. Alvaro da Costa um volume *Ensaio de Critica. Paginas de Litteratura.*

Pelas respectivas redacções deste e de outros Estados diversos jornaes.

Pelo consocio fundador do Instituto Dr. Antonio Witruvio Pinto Bandeira e Accioly de Vasconcellos, por intermedio do consocio Dr. Luiz José da Silva, uma medalha commemorativa do descobrimento do Brasil.

Mandou-se archivar e agradecer as offertas.

O Sr. Dr. João Coimbra communica que a commissão de que fez parte, nomeada para representar o Instituto no acto da posse do Exm. Dr. Governador do Estado desempenhou-se de sua incumbencia.

O Sr. Dr. Luiz Silva apresentou um officio do consocio Dr. José Hygino communicando que os livros reclamados pelo Instituto deixaram de vir por descuido das pessoas encarregadas de remettel-os ; mas que opportunamente o Instituto os receberá. Declarando no mesmo officio aquelle prestimoso consocio que deseja incumbir-se da traducção de alguns dos documentos avulsos, que ficaram em seu poder resolveu o Instituto aceitar e mandou que se communicasse ao mesmo Dr. José Hygino essa resolução e que se lhe agradecesse tão valioso serviço.

O Sr. Dr. Guedes Alcoforado propõe que o Instituto nomeie uma commissão que o represente nas festas do 4° centenario do descobrimento do Brasil, e foram nomeados para a mesma commissão o proponente, o Dr. Luiz Silva e o Major Codeceira.

O Sr. Dr. Sebastião Galvão declara ter sido incumbido pelo Sr. Major Codeceira, que não poude comparecer a presente sessão, de propor que o Instituto dirija uma petição ao Congresso Nacional pedindo a revogação do Decreto do Governo Provisorio da Republica dos Estados Unidos do Brasil, de 14 de Janeiro de 1890 na parte que considera feriado o dia 21 de Abril, consagrado a memoria dos precursores do Brasil resumidos em Tiradentes, devendo dita petição ser acompanhada do discurso proferido por elle Major Codeceira, na sessão deste Instituto de 26 de Maio de 1899, onde se acham transcriptos os documentos historicos com que comprovou não ter sido Tiradentes o proto-martyr dessa idéia, mas Bernardo Vieira de Mello e seus companheiros neste Estado em 10 de No-

vembro de 1710 e no de Minas Geraes Felippe dos Santos executado na praça publica no dia 16 de Julho de 1720, quando Tiradentes ainda não era nascido. Acresce que esses dous primeiros movimentos politicos para a Republica não se pódem considerar de proveito para a união brasileira e sómente para cada um dos Estados a que portanto esse feriado nacional deve ser condensado para 15 de Novembro consagrado aos heróes precursores da Republica, resumidos no marechal Manoel Deodoro da Fonseca, nome que não figura na lei fundamental da Republica como fundador da mesma.

A proposta depois de discutida foi approvada.

Nada mais havendo a tratar-se foi levantada a sessão. — *Adelino A. de Luna Freire*, Presidente. — *F. A. Pereira da Costa*, Servindo de 1° Secretario. — *Sebastião Galvão*, servindo de 2° Secretario.

Sessão ordinaria em 31 de Maio de 1900

PRESIDENCIA DO EXM. SR. DESEMBARGADOR LUNA FREIRE

A' uma hora da tarde presentes os Srs. Desembargadores Luna Freire e Francisco Luiz, Conselheiro Pinto Junior, Drs. Regueira Costa, 1° Secretario, Eudoxio de Brito, João Coimdra, Luiz Silva, Pereira da Costa, 2° Secretario, e Augusto Cesar, abriu-se a sessão.

Lida a acta da antecedente foi approvada e o Sr. Dr. 1 Secretario mencionou as seguintes :

OFFERTAS

Pelo autor o Sr. Manoel M. Peralta tres volumes da obra *Juridiscion Territorial de la Republica da Costa Rica.*

Pela Sociedade de Geographia de Lisbôa, um numero de seu *Boletim*.

Pelo Sr. Antonio Joaquim Barbosa Vianna, por intermedio do Sr. Major Codeceira, um volume de sua obra intitulada *O Recife.*

Pelo Exm. Provedor da Santa Casa de Misericordia do Recife um exemplar do Relatorio que apresentou á Junta Administrativa da mesma Santa Casa no 1° de Julho de 1898.

Pelo Sr. Antonio Gabino de Almeida Mendonça, quatro manuscriptos antigos.

O Sr. Dr. Regueira Costa apresentou um retrato photographado da consocia D. Ignez Sabino Pinho Maia e por ella offerecido ao Instituto, declarando nessa occasião o mesmo Dr. Regueira, pertencer dito retrato a uma distincta cultora das lettras e autora de varias obras, entre as quaes —*As mulheres illustres do Brasil.*

Mandou-se archivar e agradecer as offertas.

Pelo consocio Dr. Thesoureiro foram apresentados os dous balanços geraes da receita e despeza do Instituto nos mezes de Abril a Dezembro de 1898 e de Janeiro a Dezembro de 1899.

Foram remettidos á commissão de contas para dar parecer e á de admissão de socios duas propostas para socios effectivos e quatro para socios correspondentes.

Na auzencia temporaria de dous membros desta ultima commissão o Sr. Presidente nomeou para substituil-os os Srs. Dr. Eudoxio de Brito e Augusto Cesar.

Nomeou tambem para irem ao Exm. Governador do Estado pedir-lhe para mandar pagar a subvenção do Instituto os Srs. Desembargador Francisco Luiz, Dr. Luiz Silva e Major Codeceira, e para se entenderem com o Dr. Prefeito a respeito da subvenção municipal os Drs. Pereira da Costa, Eudoxio de Brito e o Sr. Augusto Cesar.

O Sr. Dr. Luiz Silva, communica que a commissão de que fez parte, incumbida de representar o Instituto nas festas do 4° centenario do descobrimento do Brasil, desempenhou-se de sua incumbencia.

O Sr. Presidente diz que cumprindo um doloroso dever do seu cargo communica ao Instituto haver fallecido no dia 25 do mez proximo passado, na capital do Estado da Bahia o illustre socio honorario D. Manoel dos Santos Pereira, virtuoso bispo desta diocese.

O eminente prelado nasceu na antiga villa de Santo

Amaro da Purificação daquelle Estado, em 12 de Maio de 1827 e eram seus pais o portuguez do mesmo nome e sua mulher D. Maria Luiza dos Santos Pereira, já fallecidos.

Afim de poder dedicar-se ao sacerdocio, para o qual tinha a mais pronunciada vocação e a que já pertenciam seus irmãos mais velhos José Manoel dos Santos Pereira, que foi vigario de Manaus no Estado do Amazonas e Fr. João de S. Bento, que foi abbade geral de sua ordem no Brasil, dedicou-se ainda joven ao magisterio do qual obtinha os recursos precisos.

Foram seus elevados intuitos coroados de feliz exito em 11 de Dezembro de 1853, quando recebeu ordens de presbytero das mãos do illustre arcebispo D. Romualdo Antonio de Seixas, de saudosa memoria.

Desde então começou o padre Manoel dos Santos Pereira a percorrer a longa escala dos cargos da igreja desde o modesto emprego de professor de latim do Seminario em 1856 até os mais elevados.

Com effeito exerceu no mesmo anno de 1856 a commissão muito honrosa de visitador; foi conego honorario em 1857, em attenção aos valiosos serviços prestados durante a epidemia do colera morbus na capital, em Santo Amaro e no Catú; foi conego prebendado em 1860.

Foi examinador sinodal desde o tempo do venerando arcebispo acima mencionado, capellão do convento do Desterro e defensor dos matrimonios e das ordens religiosas em 1862, penitenciario da Sé em 1864, promotor do juizo ecclesiastico em 1865, vigario geral e desembargador da Relação ecclesiastica em 1866, arcediago e capellão collado do palacio archiepiscopal, e provisor do arcebispado em 1878.

Pio IX o nomeou seu prelado domestico em 1877 e Leão XIII o elevou em 1878 a protonatario e deu-lhes as honras de conde romano e de prelado assistente ao salio pontificio.

Não estava ainda terminada a carreira do preclaro sacerdote. Foi vigario capitular em 1879, 1889 e em 1891 e eleito bispo titular da Eucarpia e bispo coadjutor do arcebispo D. Antonio de Macedo, recebendo em S. Paulo a uncção das mãos do bispo daquella diocese D. Lino de Carvalho, por occasião de reunir-se ali o episcopado brasileiro.

Sendo escolhido arcebispo do Rio de Janeiro o illustrado bispo desta diocese D. João Esberard, que deixou entre nós um nome coberto de bençãos, foi D. Manoel dos Santos Pereira transferido, por breve de 22 de Setembro de 1892, para a diocese de Olinda da qual tomou posse por procurador em 20 de Setembro do mesmo anno, fazendo sua entrada solemne na legendaria cidade em 15 de Abril de 1894.

Durante mais de seis annos occupou o virtuoso prelado tão espinhoso cargo, com tamanha felicidade que soube conquistar o respeito de todos por sua extrema bondade, por sua reconhecida moderação e relevantissimos serviços, como fossem a reforma dos estudos dos que se dedicam ao sacerdocio, a separação do pequeno collegio do grande seminario, deixando aquelle no antigo edificio que foi dos jesuitas e estabelecendo este no vasto convento de S. Francisco, para êsse fim mandado entregar por Leão XIII.

Para patrimonio de tão uteis instituições, á cuja frente collocou sacerdotes de elevada posição e reconhecidas habilitações, teve a feliz lembrança de crear o Obulo Diocesano. Suas vistas estendiam-se até mais longe. Pretendia com o producto daquella caridosa instituição restabelecer os actos religiosos da Cathedral, assegurando renda sufficiente aos conegos, que por falta de recursos haviam abandonado o côro, e melhorar a sorte das freguezias mais pobres, dando-lhes tambem um patrimonio.

Já na avançada idade de setenta e dous annos, com as forças alquebradas pela enfermidade, que já lhe minava a existencia, não duvidou emprehender, o anno passado, uma penosa viagem a Roma afim de tomar parte no concilio plenario dos bispos latino-americanos. Está na consciencia de todos a solicitude verdadeiramente paternal com que zelou os interesses espirituaes do rebanho em tão bôa hora confiado aos seus cuidados.

Partiu daqui para Roma no dia 17 de Abril do anno passado no paquete francez *Brésil*, chegando de volta no dia 18 de Setembro do mesmo anno, depois de uma quarentena de oito dias na Ilha Grande, a bordo do paquete francez *La Plata*.

E essa viagem elle fez a sua custa, apesar de pobre. De quanto lhe rendia a mitra, hoje empobrecida, tirava

elle apenas o indispensavel para a sua modesta alimentação; tudo o mais era empregado na conservação das instituições e residencias episcopaes, como teve a franqueza de declarar em seu testamento, feito nesta capital em 11 de Fevareiro do anno passado.

Em obediencia ás suas ultimas vontades seu funeral deve ter sido feito sem luxo e seus restos mortaes sepultados na Cathedral da Bahia, em cujo capitulo serviu por muitos annos, uma vez que se não realisava a hypothese por elle prevista de fallecer em Pernambuco; nesse caso seria seu corpo sepultado na Cathedral de Olinda e não sendo isso possivel, na igreja dos religiosos franciscanos do Recife.

O Instituto Archeologico lhe conferio em sessão de 13 de Setembro de 1894 o titulo de socio honorario. Por mais de uma vez o illustre prelado visitou a séde desta instituição e lhe fez presentes.

Concluindo o Sr. Presidente a sua exposição, propoz que se consignasse na presente acta um voto de profundo pezar pela grande falta que acaba de soffrer a igreja pernambucana, sendo a proposta unanimemente approvada.

Nada mais havendo a tratar-se foi levantada a sessão. — *Adelino A. de Luna Freire*, Presidente. — *J. B. Regueira Costa*, 1° Secretario. — *F. A. Pereira da Costa*, 2° Secretario.

Sessão ordinaria de 11 de Junho de 1900

PRESIDENCIA DO EXM. SR. DESEMBARGADOR LUNA FREIRE

A' uma hora da tarde presentes os Srs. Desembargador Luna Freire, Drs. Regueira Costa, 1· Secretario, João Coimbra, Luiz Silva, Alfredo Freire, Sebastião Galvão, Eudoxio de Brito, Pedro Celso, Alfredo de Carvalho, Pereira da Costa, 2· Secretario, e Augusto Cesar, abriu-se a sessão.

Lida a acta da antecedente foi approvada.

O Sr. Dr. 1· Secretario mencionou as seguintes:

OFFERTAS

Pelo Dr. João Brigido um volume de sua obra—*Ephemerides do Ceará*

Pela redacção um volume da *Revista Mercantil e Industrial*, publicada nesta cidade.

Pela Sociedade de Geographia de Lisbôa, dous numeros do seu *Boletim*.

Pelas respectivas redacções diversos jornaes deste e de outros Estados.

Mandou-se archivar e agradecer as offertas.

Sendo approvados os pareceres da commissão de admissão de socios e correndo o escrutinio secreto, foram eleitos, socios effectivos os Srs. Commendador Celestino de Menezes, Consul de Portugal neste Estado e Rodolpho Lima distincto artista e muito conhecido entre nós pelos seus trabalhos de pintura, e socios correspondentes os Srs. Bernardino Lopes de Oliveira, cidadão portuguez e concelbeiro municipal de Alcobaça, Conselheiro Augusto de Castilho, official da marinha portugueza e escriptor, Conselheiro Jayme Victor, escriptor, Larjó Tavares, escriptor e Alvaro Pinheiro Chagas, redactor da revista *Portugal e Brasil*.

Em seguida e sob proposta dos Srs. Drs. Silva e Sebastião Galvão, resolveu o Instituto celebrar a 1 hora da tarde de 24 de Julho proximo vindouro, uma sessão extraordinaria para commemorar a gloriosa data da revolução do Equador, publicando a mesa o necessario programma.

Por proposta do Sr. Dr. Silva resolveu tambem o Instituto que se nomeasse uma commissão especial para dar parecer sobre a traducção dos documentos hollandezes de que foi incumbido o Sr. Dr. Alfredo Schouowsk, sendo nomeados para a mesma commissão os Srs. Drs. Alfredo de Carvalho, Pedro Celso e Carlos Porto Carreiro, assim como que em vista do estado pouco lisonjeiro das finanças do Instituto alem do expediente e ordenado dos empregados nenhuma outra despeza se fizesse antes de estarem pagas as dividas do mesmo Instituto.

Nada mais havendo a tratar-se foi levantada a sessão — *Adelino A. de Luna Freire*, Presidente. — *João Baptista Regueira Costa*, 1° Secretario. — *F. A. Pereira da Costa*, 2° Secretario.

Sessão ordinaria de 5 de Julho de 1900

PRESIDENCIA DO EXM. SR. DESEMBARGADOR LUNA FREIRE

A' uma hora da tarde presentes os Srs. Drs. Desembargador Luna Freire, Conselheiro Pinto Junior, Eudoxio de Brito, Manoel Cicero, Sebastião Galvão, Pedro Celso, João Coimbra, Alfredo de Carvalho e Augusto Cesar substituindo o 1° Secretario que não compareceu, abriu-se a sessão.

O Sr. Dr. Sebastião Galvão occupando a cadeira de 2° Secretario leu a acta da antecedente, que foi approvada.

O Sr. 1° Secretario mencionou as seguintes :

OFFERTAS

Pelas respectivas redacções diversos jornaes deste e de outros Estados.

Mandou-se archivar e agradecer as offertas.

Foram approvados socios benemeritos do Instituto os Drs. Conselheiro João José Pinto Junior e João Baptista Regueira Costa e correndo ainda o escrutinio secreto foram tambem eleitos socios effectivos os Srs. Drs. Manoel Brunet, actual director da Repartição das Obras Publicas do Estado e Manoel Arão, redactor do *Diario de Pernambuco.*

Pedindo a palavra o Sr. Dr. Sebastião Galvão, propoz que, emquanto o Instituto não tivesse impresso os Estatutos, ultimamente approvados, se dirigisse em tudo pelos anteriores para todos os fins. A proposta foi approvada.

Submettida á consideração da casa a redacção de um

requerimento em que o Instituto, se dirigindo ao Congresso Nacional, pede a suppressão do feriado de 21 de Abril, por não traduzir elle uma verdade historica, foi appravada a mesma redacção, com exclusão da parte final, discordando o Dr. Pedro Celso, que disse que o Instituto deveria procurar substituir aquella data pela de 10 de Novembro, pela qual tanto se bateu.

O Sr. Presidente consulta á casa o que se deve fazer a respeito de Estatutos e foi resolvido que se officiasse ao Dr. Alfredo Freire, encarecendo-lhe a necessidade de ser breve a volta do projecto approvado, que está em suas mãos e portanto que elle no praso minimo que podesse remettesse aquelle trabalho, ficando em vigor os anteriores Estatutos provisoriamente, conforme já fora resolvido.

O Sr. Dr. Luiz Silva, pedindo a palavra, disse que o Instituto se congratulava com a acertada nomeação do illustre consocio Dr. Manoel Cicero, para bibliothecario da Bibliotheca Nacional, e o Dr. Sebastião Galvão propoz que partindo o mesmo Dr. Manoel Cicero no dia seguinte á bordo do vapor *Olinda*, se nomeasse uma commissão para acompanhal-o ao seu embarque, e sendo approvada a proposta foram nomeados o mesmo Dr. Sebastião Galvão e os Drs. Conselheiro Pinto Junior e Pedro Celso.

O Sr. Dr. Manoel Cicero agradecendo a fineza do Instituto offereceu-lhe os seus serviços e apresentou as suas despedidas.

Nada mais havendo a tratar-se foi levantada a sessão. — *Adelino A. de Luna Freire*, Presidente. — *Augusto Cesar da Cunha*, servindo de 1° Secretario. — *Sebastião Galvão*, servindo de 2° Secretario.

Sessão ordinaria em 19 de Julho de 1900

PRESIDENCIA DO EXM. SR. DESEMBARGADOR LUNA FREIRE

A' uma hora da tarde presentes os Srs. Drs. Desembargador Luna Freire, João Coimbra, Eudoxio de Brito, Sebastião Galvão, substituindo o 2° Secretario, que não compareceu e Augusto Cesar, occupando a cadeira do 1° Secretario, abriu-se a sessão.

Lida a acta da antecedente foi approvada.

O Sr. 1· Secretario mencionou as seguintes :

OFFERTAS

Pelo autor Dr. Augusto Victorino Alves do Sacramento Blake um volume do seu *Diccionario Bibliographico Brasileiro*.

Pela redacção um exemplar da *Revista Militar*.

Pela Sociedade de Geographia do Rio de Janeiro, um numero de sua *Revista*,

Pelas respectivas redacções diversos jornaes deste e de outros Estados.

Mandou-se archivar e agradecer as offertas.

Lido o parecer da commissão de admissão de socios e correndo o escrutinio secreto foram approvados para socios effectivos os Srs. Drs. José Lopes Pereira de Carvalho e Arthur Martins de Barros, bachareis em sciencias physicas e mathematicas e engenheiros civis, sendo o segundo lente cathedratico da Escola de Engenharia do Estado, e para socio correspondente o Sr. João Feliciano Marques Pereira, cidadão portuguez, residente em Lisbôa.

O Sr. Major Codeceira communica que, conforme fôra deliberado pelo Instituto em uma das sessões passadas, remettera ao Exm. Sr. Dr. Alexandre José Barbosa Lima acompanhada de 50 exemplares do seu trabalho intitulado *Os Precursores da Republica*, para ser presente ao Congresso Nacional, a petição abaixo transcripta.

O mesmo Sr. Major Codeceira diz que tendo este Instituto resolvido officiar aos Srs. Dr. Miguel Castro e Major Manguinho pedindo-lhes informações sobre a casa em que residio o padre Miguelinho, na cidade de Olinda, e nunca se tendo remettido esse officio, entendera-se pessoalmente com os dous e ambos prometteram fornecer as informações pedidas.

O Sr. Dr. Sebastião Galvão propoz e foi approvado que se pedisse a continuação da remessa do Annuario do Observatorio Astronomico do Rio de Janeiro e a da Revista da Sociedade de Geographia tambem do Rio de Janeiro agradecendo-se o numero ultimo e solicitando-se os anteriores.

Em seguida foram nomeados para a commissão ás autoridades superiores para assistirem a sessão extraordina-

ria de 24 do corrente os Srs. Major Codeceira, Dr. Luiz José da Silva e Augusto Cesar.

O Sr. Dr. Sebastião Galvão diz que a commissão de que fez parte, incumbida de acompanhar o consocio Dr. Manoel Cicero ao seu embarque desempenhou-se de sua incumbencia e que aquelle consocio agradeceu a fineza do Instituto.

PETIÇÃO

Illms. e Exms. Srs. Presidente e Membros do Congresso Nacional

O Instituto Archeologico e Geographico Pernambucano vem respeitosamente perante esse Congresso reclamar contra as disposições do Decreto de 14 de Janeiro de 1890, do Governo Provisorio, que considerou de festa nacional o dia 21 de Abril, consagrado aos precursores da Republica, resumidos em Tiradentes, fundamentando essa reclamação nas incontestaveis razões firmadas nos opusculos annexos sob a denominação de —*A Idéa Republicana* e *Os Precursores da Republica*, do Major José Domingues Codeceira, para os quaes chama muito respeitosamente a attenção desse Augusto Congresso.

O Instituto pondera que, se até hoje, e com melhor fundamento não foi contemplado de festa nacional o 27 de Janeiro de 1654, cuja data recorda a expulsão do dominio hollandez no territorio dos actuaes Estados de Alagôas, Pernambuco, Parahyba, Rio Grande do Norte e Ceará, do que certamente resultou fazerem os mesmos territorios presentemente parte integrante da communhão brasileira, alem de outros que talvez fossem arrastados a se ligarem a aquelles, entre os quaes o Piauhy, o Maranhão, o Pará e o Amazonas, inclusive ainda a propria Bahia, reduzindo-se assim a pequena porção a parte não conquistada; se até agora não foi considerado de festa nacional, o dia 2 de Julho da Bahia, em que nessa luta pela independencia nacional, se empenhou punjantemente todo o paiz, e em virtude da qual sem nenhuma duvida se firmou definitivamente com base solida a Independencia Brasileira; talvez porque ambos esses feitos, embora gloriosos, interessassem

mais particularmente a região determinada em que se deram; está provado, alem disso, com a maior evidencia que a primeira tentativa para o estabelecimento da forma de governo republicano no Brasil foi em 10 de Novembro de 1710 quando Bernardo Vieira de Mello e os que o acompanharam no Senado de Olinda propoz que a capitania fosse declarada em *Republica ad instar de Veneza*, proposta tão arrojada que fez os primeiros martyres de uma idéa malograda; que o segundo movimento politico de semelhante natureza foi em 16 de Julho de 1720, sendo delle principal martyr Felippe dos Santos, espedaçado na praça publica quando Tiradentes ainda nem era nascido; si, finalmente, é caso fora de duvida que em Minas Geraes foi a terceira tentativa, em 1789, tendo como vultos que nella figuraram José Alves Maciel, Alvarenga, Claudio Manoel da Costa, Thomaz Antonio Gonzaga e outros e como principal martyr o alferes José Joaquim da Silva Xavier, por alcunha o Tiradentes, que effectivamente foi uma victima mas uma victima sómente, não tendo sido, não sendo e nem podendo ser jámais um heróe dessa inconfidencia que, como disse alguem, *não passou de um sonho de poetas* e pois aquelle martyr, segundo refere uma testemunha do seu processo, dissera que tinha ainda a esperança de ver um testa coroada em Minas; de tudo isso a conclusão é que não se justifica a *commemoração de taes precursores* no dia da execução do mesmo Tiradentes a 21 de Abril, não podendo ainda em nada os vultos dessa inconfidencia, os quaes deram vivas á sua rainha por lhes haver commutada a penna de morte em degredo perpetuo e o sacrificio daquella victima ser comparado com o heroismo dos martyres de 1817 e 1824, que de facto proclamaram a forma do governo republicano deixando a vida todos elles com admiravel intrepidez de heróes, afrontando a morte e escarnecendo de seus algozes.

Em vista, pois, de todas estas consideraçoes, provadas e registradas nos annaes da historia patria, este Instituto espera que o illustre Congresso Nacional revogue o mencionado Decreto de 14 de Janeiro de 1890 na parte que se refere aos precursores da Republica resumidos em Tiradentes, porque, alem de tudo, taes movimentos politicos mais particularmente interessam á historia de cada Estado em que elles se deram.

Não se póde considerar de interesse immediato para a communhão brasileira e unicamente como tal pode ser comprehendido o 15 de Novembro de 1889, consagrado á proclamação da Republica, porquanto tambem essa aurifulgente data e a glorificação de todos os precursores da Republica, entre os quaes não se deve admittir preferencias nem escolham, desde que todos foram obreiros do mesmo edificio. E. Receber Mercê. Recife 5 de Julho de 1900. — *Adelino Antonio de Luna Freire*, Presidente; *Sebastião de de Vasconcellos Galvão, José Domingues Codeceira.*

Mesa Administrativa do Instituto

ANNO SOCIAL DE 1903 A 1904

PRESIDENTE HONORARIO

Desembargador Adelino Antonio de Luna Freire.

PRESIDENTE

Dr. João Baptista Regueira Costa.

1° VICE-PRESIDENTE

Desembargador Antonio Pedro da Silva Marques.

2° VICE-PRESIDENTE

Desembargador Francisco Luiz Correia de Andrade.

3° VICE-PRESIDENTE

Dr. Francisco Augusto Pereira da Costa.

1° SECRETARIO

Dr. Alfredo Ferreira de Carvalho.

2° SECRETARIO

Dr. Aprigio Carlos de Amorim Garcia.

SUPPLENTES DO 2° SECRETARIO

Major Augusto Cesar da Cunha.
Dr. Vitalino Cordeiro Lins.

ORADORES

Dr. Carlos Ferreira Porto Carreiro.
Dr. Manoel Arthur Muniz.

THESOUREIRO

João Walfredo de Medeiros.

COMMISSÃO DE FUNDOS E ORÇAMENTO

Dr. Bianor de Medeiros.
Fernando Barroca.
J. P. da Rocha Pereira.

COMMISSÃO DE ESTATUTOS E REDACÇÃO DA REVISTA

Dr. Francisco Augusto Pereira da Costa.
Dr. Alfredo Ferreira de Carvalho.
Dr. Manoel Arthur Muniz.

Aos autores, edictores e livreiros

De qualquer obra sobre historia, geographia e ethnographia americana, assumptos com que especialmente se occupa o Instituto, será publicada na capa da *Revista* uma noticia, pela qual se possa avaliar o merito da obra.

Quando o escriptor, editor ou livreiro, além do exemplar destinado para a bibliotheca do Instituto, offerecer outro que possa livremente ser objecto de estudo particular em poder de qualquer membro da commissão de redacção ou de qualquer socio de provada competencia technica, em vez da rapida menção na capa da *Revista* publicar-se-ha no texto um juizo critico circumstanciado.

Assignaturas

ANNO	10$000
NUMERO AVULSO.....	3$000

Toda a correspondencia relativa á *Revista* deve ser dirigida para a séde do —*Instituto Archeologico e Geographico Pernambucano*— *Recife*—*Pernambuco*—*Brasil*,— com endereço ao 1º Secretario —*Dr. Alfredo de Carvalho.*

Aviso importante

O Instituto não dispõe mais de collecções completas da sua *Revista*, achando-se esgotados os ns. 10—31; existem ainda, em 1ª edição, os ns. 1—3 e 32—58, e em 2ª edição, os ns. 4—9.